



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO  
E LINGUAGENS**

**FERNANDA SILVA DE MORAES**

**CURTE, COMENTA, SALVA E COMPARTILHA: UMA ANÁLISE DO APAGAMENTO  
DE ESCRITORAS NEGRAS NAS REDES SOCIAIS A PARTIR DA OBRA  
LITERÁRIA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, DE CAROLINA  
MARIA DE JESUS**

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA**

**2025**

**FERNANDA SILVA DE MORAES**

**CURTE, COMENTA, SALVA E COMPARTILHA: UMA ANÁLISE DO APAGAMENTO  
DE ESCRITORAS NEGRAS NAS REDES SOCIAIS A PARTIR DA OBRA  
LITERÁRIA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, DE CAROLINA  
MARIA DE JESUS**

Dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Iara Cerqueira  
Linhares de Albuquerque

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA  
2025**

**FERNANDA SILVA DE MORAES**

**CURTE, COMENTA, SALVA e COMPARTILHA:** uma análise do apagamento de escritoras negras nas redes sociais a partir da obra literária Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus

Dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque

Dissertação defendida e aprovada em: 30 de maio de 2025

Banca examinadora:

---

Orientadora: Prof. Dra. Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque (UESB/USP)

---

Membro Interno: Prof. Dr. Flávio Almeida dos Anjos (PPGCEL-UESB/ PPGECD - UFRB)

---

Membro Externo: Prof. Dra Elke Siedler (UNESPAR)



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:  
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS



Governo do  
Estado da Bahia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
Recredenciada pelo Decreto Estadual  
Nº 16.825, de 04.07.2016

## ATA DE DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS DA UESB.

Aos trinta dias do mês de maio de 2025 às 16 (dezesseis) horas, via meio digital/virtual, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - PPGCEL, os membros da Banca Examinadora constituída pelos professores: Dr. Flávius Almeida dos Anjos (PPGCEL/UESB) Membro Interno, Dr<sup>a</sup>. Elke Siedler (UNESPAR) Membro Externo e pela Dr<sup>a</sup>. Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque (PPGCEL/UESB) orientadora, se reuniram para avaliar a dissertação “*CURTE, COMENTA, SALVA e COMPARTILHA: uma análise do apagamento de escritoras negras nas redes sociais a partir da obra literária Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus*”, de autoria de Fernanda Silva de Moraes. Depois da apresentação pela candidata e arguição pela banca, deliberou-se pela aprovação, condicionando-se o efeito legal desta ata, para o fim específico de emissão de diploma de Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada: Culturas, Educação e Linguagens, à entrega de versão definitiva da dissertação até 30 dias decorridos da data de defesa, conforme preconiza artigo 62, capítulo XXIV – Da Versão Final da Dissertação, da Resolução Consepe Nº 38/2020 – que aprova o Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Nada mais havendo a ser tratado, a comissão examinadora encerrou a sessão pública de defesa, da qual lavrei a presente ata que, após a sua leitura, será assinada por mim, pelos demais membros da banca e pelo candidato ao título de mestre.

Campus de Vitória da Conquista

(77) 3424-8695 | ppgcel@gmail.com

**Campus de Itapetinga**  
Praça da Primavera, 40  
Bairro Primavera  
CEP 45.700-000  
PABX: (77) 3261 - 8600

**Campus de Jequié**  
Rua José Moreira Sobrinho, s/n  
Bairro Jequezinho  
CEP 45.200 - 000  
PABX: (73) 3528 - 9600

**Campus de Vitória da Conquista**  
Estrada do Bem Querer, km 4  
Bairro Universitário  
CEP: 45031 - 300  
PABX: (77) 3424 - 8600



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:  
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS



Governo do  
Estado da Bahia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
Recredenciada pelo Decreto Estadual  
Nº 16.825, de 04.07.2016

Vitória da Conquista, 30 de maio de 2025.

gov.br Documento assinado digitalmente  
**IARA CERQUEIRA LINHARES DE ALBUQUERQUE**  
Data: 02/06/2025 18:35:28-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Orientador – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque

gov.br Documento assinado digitalmente  
**FLAVIUS ALMEIDA DOS ANJOS**  
Data: 03/06/2025 08:05:49-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinador Interno – Prof. Dr. Flavius Almeida dos Anjos

gov.br Documento assinado digitalmente  
**ELKE SIEDLER**  
Data: 03/05/2025 07:54:32-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinadora Externa – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elke Siedler

gov.br Documento assinado digitalmente  
**FERNANDA SILVA DE MORAES**  
Data: 03/05/2025 09:42:23-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Mestranda – Fernanda Silva de Moraes

Campus de Vitória da Conquista

(77) 3424-8695 | [ppgcel@gmail.com](mailto:ppgcel@gmail.com)

**Campus de Itapetinga**  
Praça da Primavera, 40  
Bairro Primavera  
CEP 45.700-000  
PABX: (77) 3261-8600

**Campus de Jequié**  
Rua José Moreira Sobrinho, s/n  
Bairro Jequeizinho  
CEP 45.200-000  
PABX: (73) 3528-9600

**Campus de Vitória da Conquista**  
Estrada do Bem-Querer, km 4  
Bairro Universitário  
CEP: 45031-300  
PABX: (77) 3424-8600

M82c

Moraes, Fernanda Silva de.

Curte, comenta, salva e compartilha: uma análise do apagamento de escritoras negras nas redes sociais a partir da obra literária Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus. / Fernanda Silva de Moraes, 2025.

154f.

Orientador (a): Dr.<sup>a</sup> Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem, Vitória da Conquista, 2025.

Inclui referência F. 99 - 101

1. Escritoras negras. 2. Autoetnografia performática. 3. Racismo algorítmico. I. Albuquerque, Iara Cerqueira Linhares de. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem III. T.

## DEDICATÓRIA

Dedico estes sentidos-palavras para todas as mulheres que quiseram falar e foram silenciadas!

CarolinaMariadeJesusMariaFirminadosReisConceiçãoEvaristoMelDuarteRyaneLeão  
MickelleXavierCidinhadaSilvaLéliaGonzalezBeatrizNascimentoSueliCarneiroCristian  
eSobralJessikadeOliveiraFabianaMouraPatriciaXavierCeciraXavierbellhooksAngelaD  
avisFernandadeMoraesAnaMariaGonçalvesDjamilaRibeiroJaridArraesToniMorrisson  
AnaMariaSilvadeMoraesMiriamAlvesEsmeraldaRibeiroGeniGuimarãesAlziraRufinoEli  
saLucindaJacyraxXavierElisaOliveiraBiancaSantanaFrançoiseEgaTeresaCárdenasSte  
phanieBorgesElianeMarquesElianaAlvesCruzLedaMariaMartinsHeloisaPiresLimaAud  
reLordeRuthGuimarãesLubiPratesCarlaAkotireneBárbaraCarineVeraLúciaAraújoAlic  
eWalkerGradaKilombaPatríciaHillCollinsZezéMottaPaulinaChizianeTiaCiataAutadeS  
ouzaFernandaMirandaNeuzaSantosSOuzalsildinhaBaptistaNogueiraOdailtaAlvesJoy  
ThamiresBellPuãCarolinaMariadeJesusMariaFirminadosReisSojournerTruthChristina  
SharpeFrançoiseVergèsMaryseCondéYnaêLopesdosSantosElianeMarquesNatashaF  
elixMayaAngelouBernardineEvaristoOctaviaButlerGloriaJeanWatkinsDjamilaRibeiroC  
onceiçãoEvaristoRyaneLeãoCarolinaMariadeJesusAnaPaulaMariaJaridArraesLéliaG  
onzálezCidinhadaSilvaAnaMariaSilvadeMoraesElisaLucindaKiusamdeOliveiraJacyrax  
XavierSueliCarneiroAnaMariaGonçalvesCarolinaMariadeJesusMariaFirminadosReis  
ConceiçãoEvaristoMelDuarteRyaneLeãoMickelleXavierCidinhadaSilvaLéliaGonzalez  
BeatrizNascimentoSueliCarneiroCristianeSobralJessikadeOliveiraFabianaMouraPatri  
ciaXavierCeciraXavierbellhooksAngelaDavisFernandadeMoraesAnaMariaGonçalves  
DjamilaRibeiroJaridArraesToniMorrissonAnaMariaSilvadeMoraesMiriamAlvesEsmera  
ldaRibeiroGeniGuimarãesAlziraRufinoElisaLucindaJacyraxXavierElisaOliveiraBiancaS  
antanaFrançoiseEgaTeresaCárdenasStephanieBorgesElianeMarquesElianaAlvesCru  
zFernandadeMoraesAnaMariaGonçalvesDjamilaRibeiroJaridArraesToniMorrissonAn  
aMariaSilvadeMoraesMiriamAlvesElianaAlvesCruzLedaMariaMartinsHeloisaPiresLim  
aAudreLordeRuthGuimarãesLubiPratesOctaviaButlerGloriaJeanWatkins

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a toda minha ancestralidade, que pavimentou o caminho para que eu conseguisse trilhar até aqui. Por cada pedra carregada, e para aquelas que foram pisadas antes de mim, eu honro e exalto.

Agradeço às minhas avós, minhas tias e minha mãe, que sobreviveram às dificuldades de ser mulher em um mundo que não as respeitava e que fez de tudo para que elas não fossem a lugar algum. Desobedientes, elas foram.

Agradeço ao meu companheiro Edgar, por estar ao meu lado nesta trajetória, me apoiando todos os dias com suas palavras doces e precisas. Por seu afago, na hora do cansaço e nas discussões que me animam e me enriquecem enquanto mulher e pensadora.

Ao meu filho Emanuel, pela compreensão nas horas de ausência. Pelo apoio incondicional que sempre senti quando ele me olhava docemente e perguntava: - *Mãe, ainda falta muito?* Mano, como eu o chamo desde seu nascimento, é uma luz na minha vida e me inspira a ser uma pessoa melhor todos os dias.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), que me contemplou com uma bolsa que possibilitou a realização desta pesquisa. Além disso, agradeço a todos/as professores/as que me auxiliaram no desenvolvimento do meu projeto e aos colegas pelas trocas e apoio durante este percurso.

Agradeço à Profa. Dra. Marília Flores, que esteve comigo no início desta pesquisa e me auxiliou com dedicação em um tempo de grande aprendizado.

Agradeço à Profa. Dra. Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque, hoje minha orientadora, que viu em mim um potencial que eu não conseguia ver. Obrigada pelo tempo, pela compreensão, pelas horas de diálogo profundo, pela amizade e pela fé nas minhas palavras faladas e escritas.

Agradeço também à Profa. Dra. Raffaella Fernandez, que participou da minha qualificação e, de maneira tão generosa, favoreceu-me com seus conhecimentos e considerações preciosas, conduzindo-me para uma escrita cheia de afeto e profundidade.

Agradeço à Profa. Dra. Elke Siedler e ao Prof. Flavius dos Anjos por aceitarem fazer parte da banca de defesa desta dissertação de maneira tão generosa.

Por fim, agradeço à Carolina Maria de Jesus, mulher grandiosa, minha “mãe espiritual” e que se fez presente durante a escrita desta dissertação de maneira tão forte e doce.

*Carolina, você esteve em cada palavra e é um prazer desfrutar de sua presença!*

## RESUMO

Esta dissertação parte de uma experiência pessoal e coletiva para investigar o apagamento de escritoras negras nas mídias sociais digitais, tomando como ponto de partida a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus. Ao optar por uma abordagem em primeira pessoa, a pesquisa se ancora em uma *autoetnografia performática* (Denzin, 2018), que entrelaça memória, escrita e corpo como tecnologias de saber e resistência. A escolha metodológica se articula com a Teoria Corpomídia (Katz; Greiner, 2005) e com outros conceitos, como o de “escrevivência” (Evaristo, 2007), valorizando o percurso de autoras, enquanto mulheres negras, periféricas e produtoras de conteúdo literário nas redes. A pesquisa tem como objetivo geral analisar as formas de apagamento de escritoras negras no ambiente digital, refletindo sobre como a obra de Carolina Maria de Jesus, ainda hoje, inspira práticas insurgentes de escrita e visibilidade. Como objetivos específicos buscou-se: apresentar a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus; apresentar informações sobre apagamento de escritoras negras nas mídias sociais digitais e descrever de que maneiras o perfil literário *Primeira Impressão* pode contribuir com a divulgação de escritoras negras e periféricas, tentando reduzir, dessa forma, o apagamento sofrido por essas escritoras ao longo dos anos. Os capítulos percorrem desde o contexto teórico-metodológico até análises sobre outras autoras negras silenciadas, como Maria Firmina dos Reis, problematizando os mecanismos históricos e contemporâneos de invisibilização. Na confluência entre a experiência acadêmica e a atuação digital, a dissertação constrói um espaço de resistência simbólica, onde o “quarto de despejo” se encontra com o “quintal de casa”, formando um território de criação, afeto e denúncia. Desse encontro, conclui-se que a escrita de mulheres negras, ainda que tensionada pelas estruturas racistas do mercado e da academia, é pulsante, estratégica e vital para a reconfiguração do campo literário e para formação de epistemologias digitais no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: *Escritoras negras; Autoetnografia Performática; Racismo*

*Algorítmico*

## ABSTRACT

This dissertation stems from a personal and collective experience to investigate the erasure of Black women writers on digital social media, taking as its starting point the work *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus* (2014). By choosing a first-person approach, the research is grounded in a performative autoethnography (Denzin, 2018), which weaves together memory, writing, and the body as technologies of knowledge and resistance. This methodological choice is aligned with Corpomídia Theory (Katz & Greiner, 2005) and other concepts such as “escrevivência” (Evaristo, 2007), valuing the journeys of authors as Black, peripheral women and literary content creators in online networks. The general objective of this research is to analyze the forms of erasure experienced by Black women writers in digital environments, reflecting on how the work of Carolina Maria de Jesus still inspires insurgent practices of writing and visibility. The specific objectives include: presenting the work *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus* (2014); providing information on the erasure of Black women writers in digital social media; and describing how the literary profile *Primeira Impressão* may contribute to the dissemination of Black and peripheral women writers, thereby helping to mitigate the erasure they have historically faced. The chapters cover both the theoretical and methodological context and analyses of other silenced Black women writers, such as Maria Firmina dos Reis, questioning the historical and contemporary mechanisms of invisibilization. At the intersection between academic experience and digital engagement, the dissertation constructs a space of symbolic resistance, where the “junk room” meets the “backyard,” forming a territory of creation, affection, and denunciation. From this convergence, the study concludes that the writing of Black women—though challenged by the racist structures of both the market and academia—is vibrant, strategic, and vital to the reconfiguration of the literary field and the development of digital epistemologies in contemporary Brazil.

**Keywords:** *Black Women Writers; Performative Autoethnography; Algorithmic Racism*

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                                   |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                                                                                                 | <b>10</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 - DO QUARTO DE DESPEJO PARA SALA DE VISITAS: a autoetnografia como escolha metodológica contra-hegemônica para pensar minha relação com Carolina Maria de Jesus</b> | <b>22</b>  |
| 1.1. Aproximando a <i>Teoria Corpomídia</i> e a <i>autoetnografia performática</i> : discursivando e corpendo mundos                                                              | 22         |
| 1.1.1 Teoria Corpomídia: por uma epistemologia que possa falar o que não está audível                                                                                             | 25         |
| 1.2. Desafios metodológicos como possibilidade de construir outros caminhos e seguir                                                                                              | 26         |
| <b>CAPÍTULO 2 - ENTRELAÇANDO CAMINHOS DENTRO DO QUARTO DE DESPEJO: diário de uma favelada</b>                                                                                     | <b>28</b>  |
| 2.1 Conhecendo o Quarto de Despejo                                                                                                                                                | 31         |
| 2.2 A escrita de Carolina em lugar de despejo                                                                                                                                     | 37         |
| Carolina, venha tomar um cafezinho na minha sala de visitas!!                                                                                                                     | 48         |
| <b>CAPÍTULO 3 - CONFLUINDO E TRANSFLUINDO COM ESCRITORAS NEGRAS: uma tentativa de sair do QUARTO DE DESPEJO</b>                                                                   | <b>50</b>  |
| 3.1 O algoritmo e o apagamento de escritoras negras                                                                                                                               | 52         |
| 3.2 Escritoras negras insubmissas driblando o algoritmo                                                                                                                           | 59         |
| Carolina, agora vamos até a cozinha! Chá de erva-doce com bolo de fubá para driblarmos esse frio de Conquista!                                                                    | 67         |
| <b>CAPÍTULO 4 - DO QUARTO DE DESPEJO PARA O QUINTAL DE CASA: imbricações entre o perfil Primeira Impressão e a história de Carolina Maria de Jesus.</b>                           | <b>70</b>  |
| 4.1 Papel das mídias sociais digitais na divulgação literária                                                                                                                     | 70         |
| 4.2 Primeira Impressão: um <i>Corpomídia</i> criando/gerando/tecendo/articulando muitos conteúdos                                                                                 | 74         |
| Carolina, venha conhecer o meu quintal!                                                                                                                                           | 85         |
| <b>CARTA À CAROLINA: conseguiremos sair do Quarto de Despejo?</b>                                                                                                                 | <b>93</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                                                                                                                | <b>97</b>  |
| <b>APÊNDICE A: Carolina, à você, um pedaço do meu jardim.</b>                                                                                                                     | <b>100</b> |

## INTRODUÇÃO

*"Quando despertei, os raios solares penetrava pelas frestas do barracão" (Jesus, 2014, p.15).*

Reconheço desde sempre a minha incapacidade de falar sobre mim e de emitir opiniões, assim como demorei a acreditar se quando eu falava estava de fato sendo ouvida. Lembro-me que quando criança passei alguns períodos gaguejando e sem conseguir manifestar em totalidade o que precisava. Também fiquei longos períodos em silêncio para não incomodar os adultos ou importunar quem quer que fosse, me tornando um corpo em silêncio e totalmente "domesticada". Com o tempo, abri meus pulmões e liberei minha garganta para conseguir dizer o que eu pensava e não o que as pessoas queriam ouvir. Foi assim que fiz algumas escolhas ruins e outras muito boas, como ter um filho.

Quando meu filho nasceu, demorei a entender do que se tratava a tarefa de maternar e de como isso me movimentava em direção a uma vida completamente diferente da que tinha vivido nos últimos 28 anos. Uma criança havia nascido e eu era a maior responsável por ela, mas, confesso, eu talvez ainda não estivesse pronta. *Mas quando estaria?* Ainda não estou. Sempre em processo, em construção aqui e agora, porém, com mais de quarenta anos já consigo usar a minha voz. Consigo, porque não a uso apenas para me defender ou para enunciar o que sinto e preciso. Agora também preciso falar para defender meu filho, para lutar pelos seus direitos e para não deixar que lhe digam como seguir. Preciso que ele reconheça em mim uma voz que precisa ser ouvida e, sobretudo, respeitada. Por isso, quando comecei a escrever este texto, bradei com todas as minhas forças em primeira pessoa, afinal esta construção não é feita de longe, ela é feita de perto, e eu estou aqui presente!

Quando me perguntam sobre como "vim parar" no Mestrado em Letras, eu não consigo responder de modo simples. Isto porque, minha graduação foi em Economia e, apesar de estudar um curso na área de Ciências Sociais Aplicadas, minha trajetória e meu trabalho de conclusão de curso estavam muito mais próximo das minhas inquietações relacionadas à atividade laboral, ou seja, números e estatísticas, bem distante de análises do contexto social no qual estava inserida.

Escolhi falar em primeira pessoa por ser este o modo sob o qual me debruço, na busca de promover espaços de diálogos, conhecimentos e de relações - inclusive no ambiente virtual, com meu perfil literário no Instagram - *Primeira Impressão*. Nesse sentido, ao resvalar sobre o processo de escrita da dissertação e sobre a relação corpo/contexto, apresento como esse percurso parte do pessoal para o coletivo, social e político, tentando trazer à reflexão as possibilidades de promover uma "escrevivência" (Evaristo, 2007) entre pensamento, escrita e ação, ou, como sugere Albuquerque (2016), deslocar para permanecer. Além disso, essa escolha está ligada justamente à abordagem metodológica escolhida para analisar essa pesquisa - *autoetnografia performática* (Denzin, 2018).

Permaneci bem distante dessas análises durante os quase 20 anos em que estive trabalhando com números e entendendo as legislações fiscais e tributárias. Demorou muito até que eu me desse conta da minha realidade e como contribuir com ela de alguma forma. A realidade e o incômodo social se impuseram a mim fortemente no início do ano de 2020, quando tive que enfrentar, sem nenhum preparo emocional, físico ou social, uma pandemia que assolou todo o mundo. Naquele momento, de isolamento social associado à incapacidade de compreender o cenário que se apresentava, me voltei para os livros, em especial, os livros escritos por mulheres.

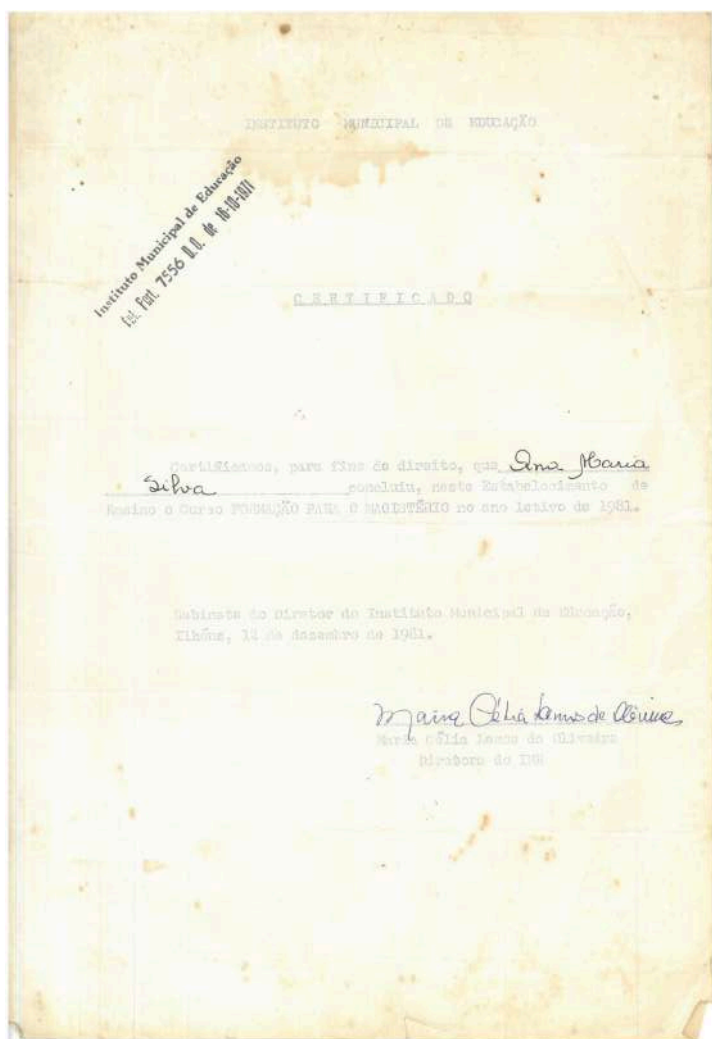
Enquanto lia aqueles livros escritos por mulheres, comecei a me conscientizar sobre como sempre foi natural para mim ler literatura produzida por homens cis, héteros e brancos e como essa normatividade tornava a estrutura social impeditiva para que mulheres, negras, pobres e originárias de regiões periféricas e marginalizadas apresentassem ao mundo suas obras literárias. Neste momento quero retornar às minhas memórias para reafirmar que não é simples dizer como cheguei nas Letras, ou como elas chegaram a mim.

Há um dito popular em inglês, que em tradução livre significa que “o fruto não cai longe da árvore”. No meu caso, esse dito é uma representação não apenas do quanto tenho similaridades com minha mãe e meu pai, como também a minha formação está cada vez mais se aproximando da história de minhas ascendentes: mãe, tia paterna e avó paterna.

Tenho comigo uma sensação de que as Letras fazem parte de mim, como uma forte influência ancestral. Começando por minha mãe, Ana Maria Silva, que fez parte da turma de Formação para o Magistério de 1981 na cidade de Ilhéus – Bahia

(Figura 1 e Figura 2), aos 19 anos. Ela, que é a mais nova de 6 irmãos, foi a única entre eles a concluir o ensino médio, com direito a colação de grau na igreja, fotos que eternizaram o momento e abraço afetuosos da família, que via realizado nela o sonho de ter uma filha formada. Um momento muito marcante na vida de minha mãe, que encontra reverberações no caminho atual que proponho seguir, descortinando a provocar saberes e novos conhecimentos nas mídias digitais.

**Figura 1**



**Fonte: Arquivo pessoal**

**Figura 2**



**Fonte: Arquivo Pessoal**

Minha tia paterna, Cecira Xavier de Moraes (Figura 3), que trabalhou por 30 anos como professora. Primeiramente com adolescentes e, em seguida, na educação infantil, onde se manteve até o momento de sua aposentadoria. Nunca aceitou outros cargos na escola pública que não fosse a sala de aula. Dedicou tempo e vida para contribuir no letramento de crianças em seus primeiros anos escolares. Fez por amor e com dedicação e não se arrepende dos finais de semana e noites em que se manteve firme na elaboração de aulas, planejando a semana. Sempre amou ensinar, agora, ama suas memórias.

**Figura 3**



**Fonte: Arquivo Pessoal**

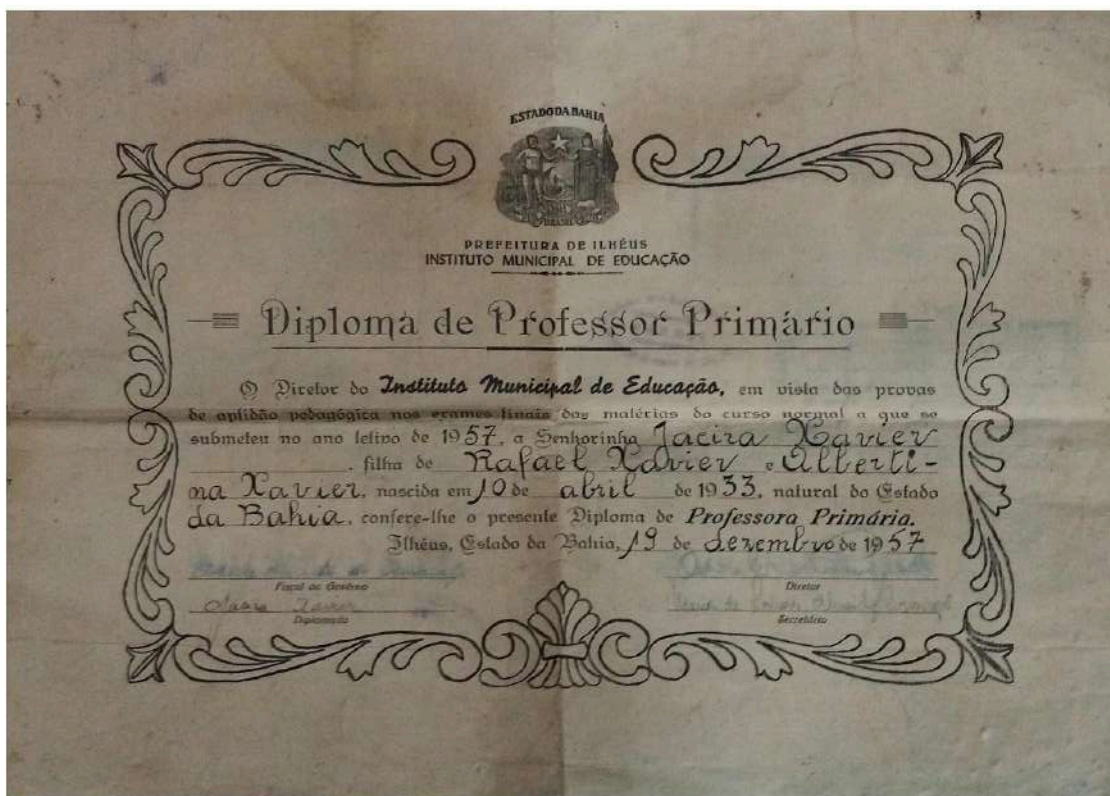
Por último, compartilho brevemente a história da minha avó paterna, Jacira Xavier, ou Dindinha (Figura 4), como carinhosamente todos a chamavam. Ela se formou aos 24 anos no Instituto Municipal de Educação (IME), em 1957, na cidade de Ilhéus (Figura 5). Atuou por 35 anos na educação e ensinou a todos a sua volta com dedicação e presença firme.

**Figura 4**



**Fonte: Arquivo Pessoal**

Figura 5



Fonte: Arquivo Pessoal

Essas mulheres trilharam caminhos anteriores aos meus e acredito que, por meio de seus passos e de sua bravura, eu pude pousar os meus pés na escola, concluir o ensino médio, ingressar na universidade, cursar uma pós-graduação em Consultoria *lato sensu* na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), para, enfim, escrever esta dissertação de Mestrado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL.

Os caminhos trilhados por mim, vão além da academia, mas não se distanciam deles. No ano de 2020, enquanto lia as obras literárias escritas por mulheres, comecei a produzir resenhas em formato de mídias sociais digitais e divulgar nas redes sociais, em especial no Instagram, no perfil *Primeira Impressão*. Esse perfil continua ativo, com produção constante de conteúdos relacionados a livros, literatura e sociedade, com o foco principal na produção literária feminina, negra e marginalizada. A partir do código apresentado na Figura 6 abaixo, é possível conferir esse perfil:

Figura 6



Fonte: Gerado pela autora

Nessas andanças, buscando romper alguns silêncios, conectando e interconectando memórias e experiências, encontrei a obra literária *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1992) e sua autora Carolina Maria de Jesus. Quando tive contato com esse primeiro livro de Carolina, fiquei sensibilizada e percebi o quanto essa autora estava conscientizando, inclusive a mim, o apagamento da comunidade periférica em que vivia, através de sua escrita. Escreveu sobre a pobreza e a fome, em uma sociedade que parecia não reconhecer a existência daquelas pessoas que viviam em condições insalubres.

Me mantive ainda mais próxima de Carolina ao escrever e publicar meu primeiro livro de poesias no ano de 2024, *quintal de casa: memórias*, no qual, eu expus as minhas lembranças da infância ao lado do meu irmão caçula, com quem dividi boa parte dos dias, até que “ele foi plantado e não floresceu” (Moraes, 2024).

Carolina lançou luz sobre a pobreza e espalhou pelo mundo, em mais de 13 idiomas, que “a favela é o quarto de despejo da cidade” (Jesus, 2014, p. 147). A partir de sua obra literária e dos caminhos que percorreu, escancarou o apagamento da favela e das pessoas que a compõem. E enquanto eu escrevia minhas próprias memórias em forma de poemas, estava lançando luz à minha própria existência. Segundo Rago, (2013), um falar-franco que reproduz as minhas opiniões de maneira clara e direta, que muitas vezes a academia despreza ou não reconhece a existência.

Carolina, com sua escrita, visibilizou a favela, mas muitas mulheres, como Carolina, não tiveram a possibilidade de escrever e, quando escreveram, não

puderam ser publicadas e divulgadas nos veículos de comunicação físicos e digitais. E ainda hoje, sigo me perguntando, pois questões e narrativas fazem parte do meu processo de pesquisadora, estudante, professora e criadora de conteúdo nas redes sociais: *Ainda é possível realizar uma análise do apagamento de escritoras negras nas mídias sociais digitais a partir da obra literária Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, diante de um mundo algoritimizado e encharcado de informações que se apresentam nas imagens, e como diz (Baitello Junior, 2014), que nos devoram, e nós a elas, diariamente?*

Para responder à questão levantada e com o objetivo geral de analisar o apagamento de escritoras negras nas mídias sociais digitais, a partir da obra literária *Quarto de Despejo: diário de uma favelada (Jesus, 2014)*, de Carolina Maria de Jesus, esta pesquisa analítica e exploratória se organiza a partir de uma metodologia qualitativa, que inclui revisão de literatura e catalogação de informações das mídias digitais, e se ancora em uma epistemologia desenvolvida no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-São Paulo, a *Teoria Corpomídia* (Katz; Greiner, 2005), e na *autoetnografia performática* (Denzin, 2018, 2003, *apud* Raimondi *et al.*, 2020). Partindo de reflexões e experiências pessoais, analiso e busco interpelar comportamentos e narrativas hegemônicas, consequentemente, produzindo conhecimento. Assim, com a discussão levantada por Rago (2013) sobre as “*escritas de si*”, busco manter a conversa com outros autores que possam contribuir, complexificar e atualizar essa discussão.

Como objetivos específicos busco: apresentar a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada (2014)*, de Carolina Maria de Jesus; em seguida, apresentar informações sobre apagamento de escritoras negras nas mídias sociais digitais e descrever de que maneiras o meu perfil literário *Primeira Impressão* pode contribuir com a divulgação de escritoras negras e periféricas, tentando reduzir, dessa forma, o apagamento sofrido por essas escritoras ao longo dos anos.

No primeiro capítulo, apresento as escolhas metodológicas que orientam esta pesquisa, situando a *autoetnografia performática* como caminho contra-hegemônico capaz de tensionar os limites da norma acadêmica. A partir do entrelaçamento entre a *Teoria Corpomídia* (Katz; Greiner, 2005), a *escrevivência* (Brito, 1995) e a *escrita de si* (Rago, 2013), construo uma abordagem que coloca o corpo como centro da produção de conhecimento e a experiência pessoal como potência crítica. Ao dialogar com autoras como Grada Kilomba (2019) e Conceição Evaristo (2017), ao

mesmo tempo em que trago Carolina Maria de Jesus como interlocutora, reflito sobre as estratégias de apagamento que historicamente silenciaram vozes negras e periféricas e como minha trajetória, tanto como pesquisadora quanto como escritora e produtora de conteúdo literário, insere-se nesse contexto de resistência e reconstrução. A escrita aqui não é neutra: ela é corpo, memória, afeto e denúncia. Esse capítulo, portanto, estabelece o *lugar de fala* e os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam toda a dissertação.

No segundo capítulo, adentro o universo de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), obra seminal de Carolina Maria de Jesus, para entrelaçar percursos entre a vida da autora e minha própria trajetória enquanto mulher negra, escritora e pesquisadora. Através de uma análise sensível e crítica do diário, examino como sua escrita tensiona os limites entre o literário, o político e o existencial. O texto de Carolina é aqui compreendido não apenas como testemunho da miséria urbana, mas como uma forma de reexistência que desafia os mecanismos de silenciamento impostos pelo racismo estrutural e pela lógica da colonialidade do saber. Sua narrativa-cipó enlaça outras mulheres, atravessa décadas e segue fecundando a possibilidade de outras escritas, outras presenças e outras epistemologias. Esse capítulo, portanto, não lê apenas a obra, mas escuta a autora, sua linguagem e os ecos de sua travessia.

No terceiro capítulo, o trabalho toma fôlego para confluir e transfluir com outras escritoras negras, ampliando a escuta iniciada com Carolina Maria de Jesus. A partir da invisibilizada trajetória de Maria Firmina dos Reis, uma das pioneiras na literatura negra em língua portuguesa da América Latina, problematizo o apagamento sistemático que atravessa as produções literárias de mulheres negras no Brasil. A ausência de arquivos, o silêncio crítico e a negligência institucional evidenciam como o racismo epistêmico se estrutura para inviabilizar a memória e o legado dessas autoras. Esse cenário, no entanto, encontra resistência. Com o advento das mídias sociais digitais, novas estratégias de circulação e visibilidade vêm sendo criadas, ainda que tensionadas pelos filtros do algoritmo e por práticas racistas que se atualizam no ambiente virtual. Esse capítulo, portanto, investiga as fraturas e fissuras entre o apagamento histórico e as insurgências contemporâneas, revelando como o silenciamento da escrita negra feminina continua operando agora sob novos códigos, mas também como essas vozes seguem desafiando o cânone, reconfigurando margens e *hackeando* o sistema.

O último capítulo tem como objetivo refletir sobre o papel insurgente das mídias sociais digitais como ferramenta de visibilidade e valorização da escrita de mulheres negras e periféricas, partilho durante toda essa escrita da *autoetnografia performática*, deslocando ao perfil *Primeira Impressão* e vice-versa. Busco a metáfora do “quarto de despejo”, espaço de confinamento, apagamento e silenciamento, como nos alerta Carolina Maria de Jesus, para propor um deslocamento simbólico ao “*quintal de casa: memórias*”, espaço de intimidade, criação e partilha. Assim vou me aproximando cada vez mais de Carolina, criando intimidade, carinho e buscando problematizar ideologias dominantes e centralizadoras. Nesse trânsito, atuo como *Corpomídia* (Katz; Greiner, 2005) em rede, assim como Carolina, pois a partir das leituras, partilhas, escritos e fazeres, espelho-me em sua prática ao tensionar algumas normas estabelecidas e segregadoras, mobilizando estratégias de divulgação literária, construção de audiência e afetos interseccionais em um ambiente marcado por dinâmicas algorítmicas excludentes. Ao colocar em diálogo minha trajetória com a de autoras, como a própria Carolina, Ryane Leão e Mel Duarte, teço uma *escrevivência* conectada à potência de me narrar e narrar outras, colocando em evidência as múltiplas camadas de resistência e reexistência que atravessam o fazer literário negro feminino no Brasil contemporâneo.

Enquanto mulher negra e periférica, escritora e criadora de conteúdo nas redes sociais, também compreendo que esta pesquisa se justifica por produzir elementos importantes para o entendimento da rara exposição de mulheres negras nas mídias sociais digitais. Além disso, poderá ampliar a discussão sobre a importância da divulgação de obras literárias de outras escritoras, vítimas de processos de apagamento, assim como continua sendo Carolina Maria de Jesus. Recomendo à pessoa leitora que antes de prosseguir com a leitura deste texto, mantenha a mente aberta para encontrar uma construção escrita que subverte a norma hegemônica ao mesmo tempo em que crie disposição para acessar recursos tecnológicos como *QR Codes*, *links* e subtextos que demonstram uma escrita *autobiográfica performática* em fluxo contínuo. Concluimos, eu, Carolina e todo o coletivo de mulheres no qual eu converso no meu perfil e no texto e que estão nessa luta, que ainda há longo percurso a ser seguido até que alcancemos a visibilidade e o reconhecimento de toda a sociedade. Falta muito para que saíamos totalmente do “quarto de despejo”.

Sigam comigo *corpando*<sup>1</sup> essas informações!

---

<sup>1</sup> “Foram várias tentativas com verbos: encarnar, corporificar, encorpar, corporalizar, carnificar, virar corpo, e até mesmo a tentativa de deixar ‘embodiment’ em inglês, sem traduzir. Nenhuma delas conseguia indicar com justeza que a ação que ocorre nesse encontro não é algo que acontece ao corpo, mas sim um tipo de ação que faz o corpo estar sempre se fazendo corpo (sem nunca ficar pronto), justamente porque é a troca de informação entre o corpo e o ambiente que vai fazendo o corpo existir”. Disponível em: KATZ, Helena. *Corpar – porque corpo também é verbo*. In: BASTOS, Helena. *Coisas vivas: fluxos que informam*. São Paulo: ECA-USP, 2021. (p.19-30) <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/716/636/2368> Acesso em 22 de mai. 2025.

## **CAPÍTULO 1 - DO QUARTO DE DESPEJO PARA SALA DE VISITAS: a autoetnografia como escolha metodológica contra-hegemônica para pensar minha relação com Carolina Maria de Jesus**

*"Eu tenho a mania de observar tudo, contar tudo,  
marcar os fatos" (Jesus, 2014, p.53).*

### *1.1. Aproximando a Teoria Corpomídia e a autoetnografia performática: discursivando e corpando mundos*

Foi com uma mistura de surpresa e alívio que ouvi da minha orientadora, quando iniciamos esta pesquisa, o seguinte enunciado: "o nosso fazer não está distante da nossa fala". Quase que automaticamente entendi o que ela queria me dizer, mas não a interrompi e continuei ouvindo suas orientações acerca do caminho metodológico e de como minha escrita poderia ser realizada. Em um tempo que pareceu equivalente a um abrir e fechar de olhos nos conectamos e conseguimos juntas desenhar um trajeto que já apontava seus sinais, mas que finalmente floresceu.

Era a verdade sobre mim e sobre tudo em que acredito que me fez desabrochar para uma escrita que estivesse alinhada com a norma acadêmica, mas suficientemente aberta para contemplar também meus princípios e convicções que, em determinado sentido, incomoda o academicismo hegemônico eurocêntrico e com o qual tracei - e traço - uma disputa *contracolonial*<sup>2</sup>. Afinal esta pesquisa se consolida em primeira pessoa, com a subjetividade de uma autora que se corporifica com ela de maneira performativa e idiossincrática. O performativo aqui apresentado se faz na instância da imprevisibilidade, como cada pessoa em/na rede vai *corpando* as informações geradas e publicizadas.

Apesar da presença da subjetividade e da minha escolha como sujeita e como *corpus* deste estudo, em cada página desta dissertação, não me abstenho em escolher, nos termos acadêmicos e científicos, uma abordagem qualitativa, que

---

<sup>2</sup> O termo contracolonial é cunhado por Antonio Bispo dos Santos, que nos esclarece sobre o que é o contracolonialismo, e portanto, o que é ser contracolonial. "O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo" (Bispo, 2023, p. 36).

encontra em Minayo (2007) o arcabouço necessário para repousar de maneira rigorosa e crítica a estrutura do meu texto e sua argumentação. Para Minayo (2007, p. 31),

Um projeto de pesquisa constitui a síntese de múltiplos esforços intelectuais que se contrapõem e se complementam: de abstração teórico-conceitual e de conexão com a realidade empírica, de exaustividade e síntese, de inclusões e recortes, e, sobretudo, de rigor e criatividade. Um projeto é fruto do trabalho vivo do pesquisador.

Dessa forma, esta pesquisa não poderia ser mais viva. Ela trata de um movimento contínuo que se deu a partir de minhas próprias vivências que se movimentam em direção à vida de Carolina e de outras escritoras negras e periféricas, que sofreram ao longo do tempo, e ainda sofrem, tentativas recorrentes de apagamento e silenciamento. Como também ocupo o lugar de escritora, coloco-me neste contexto entre a exaustividade e a criatividade.

Grada Kilomba, em seu livro *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano* (2019), nos convida a refletir sobre a (re) existência de pessoas negras vivendo em uma sociedade racista, que nos impediu de proferir nossa própria voz,

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós (Kilomba, 2019, p. 41).

Já que por séculos, pessoas negras foram tratadas como objetos sem direito a manifestar suas próprias identidades, chegou o momento em que pessoas como eu, encontrar espaço e força para expor nossos pensamentos por nossa própria voz. Assim, inicialmente, a autoetnografia parecia ser um caminho para o *falar de si*. Mariza Méndez (2013, *apud* Miranda, 2022) define a autoetnografia como um modo de pesquisa educacional que coloca em relevo as pessoas no processo de descobrimento sobre o que é preciso realizar, sobre o que é viver e o que suas lutas significam.

E assim como não interessa à Miranda (2022) uma escrita neutra e distante, a mim também não agrada tal escrita.

Quando nos preparamos para uma travessia, levamos nossas referências, a experiência de vida e a lembrança de quem nós somos. Isso não é um acúmulo que mora na cabeça somente, mas é o que compõe nossa forma

de andar, de sentir, de performar, de falar, de escrever, de narrar. É aquilo tudo que transmite o tom do nosso deslocamento, a nossa visão de mundo. Como em toda travessia, existem as pedras que obstruem o nosso caminho, que solicitam negociação, estratégia, cuidado e, às vezes, até recusa. Muitas delas não são novas, só modificaram o nome para atravancar o presente em uma tentativa de nos interromper. Com isso, para dissecar as críticas e limitações postas à autoetnografia, vejo-as como pedras antigas e sei, que neste momento, é necessário cuspir as palavras (Miranda, 2022, p. 73).

Porém, como Minayo entende o projeto como “fruto do trabalho do pesquisador”, percebo meu corpo inteiro trabalhado em uma performance que acontece pelas manifestações textuais, com subtextos e diálogos profundos que faço com Carolina, e me recuso a chamar de objeto, posto que é sujeita viva e presente enquanto *mídia de si mesmo*. Por isso, a escolha dessa metodologia de análise - *autoetnografia performática*, ou performance nas análises e construções textuais em um movimento multidirecional da *mimesis* para a *poesis* e para a *kinesis*. Nesta proposta performática, a narrativa autoetnográfica traz o corpo para o texto junto às memórias, aos prazeres, às sensações, aos *insights* e às afetações, produzindo uma escrita que colapsa “o que já aconteceu” com “o que está acontecendo agora” (Gama *et al. apud* Raimondi *et al.*, 2020).

A *autoetnografia performática* é um dos tipos possíveis de autoetnografia, e

apresenta-se como uma estratégia “método+lógica” que promove a quebra de silêncios individuais-coletivos relacionados a sistemas de relações e produção de conhecimento hegemônicos, eurocêtricos, brancos, patriarcais, machistas e cis-heterossexistas (Raimondi *et al.*, 2020).

Representa, portanto, com todas as letras, o modo como me coloco enquanto pesquisadora, de modo que, enquanto *mídia de si mesmo*, me conecto durante todo o tempo com Carolina e outras escritoras, à medida que me encontro e me coloco inteira, de corpo e alma, posto que palavras somente não seriam suficientes para compor esta pesquisa, muito embora sejam essenciais para compor material científico e intelectual necessário para compartilhar parte da experiência de Carolina e parte de quem eu sou.

### 1.1.1 Teoria *Corpomídia*: por uma epistemologia que possa falar o que não está audível

Antes de adentrar no conceito da Teoria *Corpomídia*, é importante ressaltar que “sua principal característica é consolidar uma epistemologia indisciplinar que conecta vários campos do saber, para lidar com o corpo” (Katz; Greiner, 2005, p. 7). Nesta pesquisa, em especial, a interação acontece e se materializa entre muitos corpos, que não se tocaram, que não se conheceram, mas que interagem por um fio condutor da ancestralidade e da escrita que se inicia em si mesma e é galvanizada no coletivo das mídias digitais.

Além disso, é importante saber que a Teoria *Corpomídia* nasceu na área de Comunicação e Semiótica e o termo *mídia* não deve ser confundido com um meio de processamento de informações, pois, nesse caso específico, “o corpo encontra a informação e ela se transforma em corpo, modificando-se” (Katz; Greiner, 2005, p. 9). Tendo dito isso, o entendimento acolhido é de que os enunciados proferidos por Carolina Maria de Jesus e outras escritoras negras e periféricas mencionadas nesta pesquisa, inclusive eu mesma, estamos/somos *mídias de si mesmo*, enquanto conectamos e trocamos, nos tornando *Corposmídia* de nossas ações e atuações no mundo.

Esse conceito foi escolhido nesse processo, durante todo o trajeto de escrita dessa dissertação, visto que, enquanto escrevo sobre Carolina, me conecto com ela, e transformações ocorrem em meu corpo/contexto e, como essa proposta segue em fluxo contínuo de informações, sigo em transformação. Um processo que não me permitiu escrever esta dissertação na terceira pessoa, de maneira distanciada, mas totalmente presente, estreitando laços com Carolina e dando vazão a um sentimento de pertencimento que, por vezes, nos é impedido pelas normas acadêmicas. Se enquanto *Corpomídia* me movimento em fluxo de informações, não poderia ser diferente assumir esse pensamento.

Enquanto *mídia de si mesmo*, Carolina transporta consigo as transformações que seu corpo sofre enquanto transita da Favela do Canindé, do seu “quarto de despejo”, para sua “casa de alvenaria”. Nesse segmento, eu me transporto do ambiente físico para o ambiente virtual e vice-versa, deslocando temporalidades e

materialidades do/no corpo e dos dispositivos que, neste caso específico, considero as redes sociais e o uso das mídias sociais digitais para difundir a produção literária de Carolina Maria de Jesus e de outras escritoras negras e periféricas apresentadas ao longo do texto.

## 1.2. Desafios metodológicos como possibilidade de construir outros caminhos e seguir

Determinar o conceito de metodologia de pesquisa é o primeiro passo para conseguir elaborar um projeto e, então, dar continuidade a este, até apresentar à banca de defesa uma pesquisa com validade e rigor científico. Segundo Minayo (2007, p. 14), a metodologia é

o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade).

Assim, é possível identificar nesta pesquisa todos os elementos necessários, a começar pelo método, que tracei como uma *autoetnografia performática*, dada a relevância da *escrita de si*, a partir das contribuições de Kilomba (2019). Quanto à técnica, foi utilizado o estudo aprofundado da vida da autora Carolina Maria de Jesus, juntamente ao seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, bem como a análise dos conteúdos retirados das redes sociais e dos materiais compartilhados por outras escritoras negras em seus perfis em redes sociais. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em busca de aprofundamento científico acerca de conhecimentos sobre racismo algorítmico e apagamento de escritoras negras e periféricas.

Entre os principais desafios metodológicos no tocante ao uso de técnicas, como a análise dos dados extraídos das mídias sociais digitais, foi justamente o fato de atuar como produtora de conteúdo, no meu perfil literário *Primeira Impressão* nas redes sociais, e me deparar com uma realidade que sentia, mas não tinha certeza: o racismo algorítmico e como isso afeta a divulgação de meu livro, assim como da obra literária de outras autoras negras e periféricas. A minha atuação como produtora de conteúdo foi crucial na escolha do meu tema de dissertação, visto que

estar nas mídias é de extrema complexidade e, por isso, escolhi trazer a *autoetnografia performática* para dar conta deste lugar em que me encontro, ou seja, experienciando assujeitamentos e violências, ciente de que é a resistência que nos leva para outros patamares e nos coloca em pé de igualdade nesta sociedade racista.

Falar de si neste caso é diferente de uma perspectiva narcísica, pois falar nas redes sociais não é falar apenas de si, não é uma queixa isolada, muito pelo contrário, é uma fala que expressa um sentimento coletivo, afinal, somos corpos em constantes trocas de informações com cada pessoa que curte, comenta, compartilha ou salva uma postagem em forma de mídia social digital.

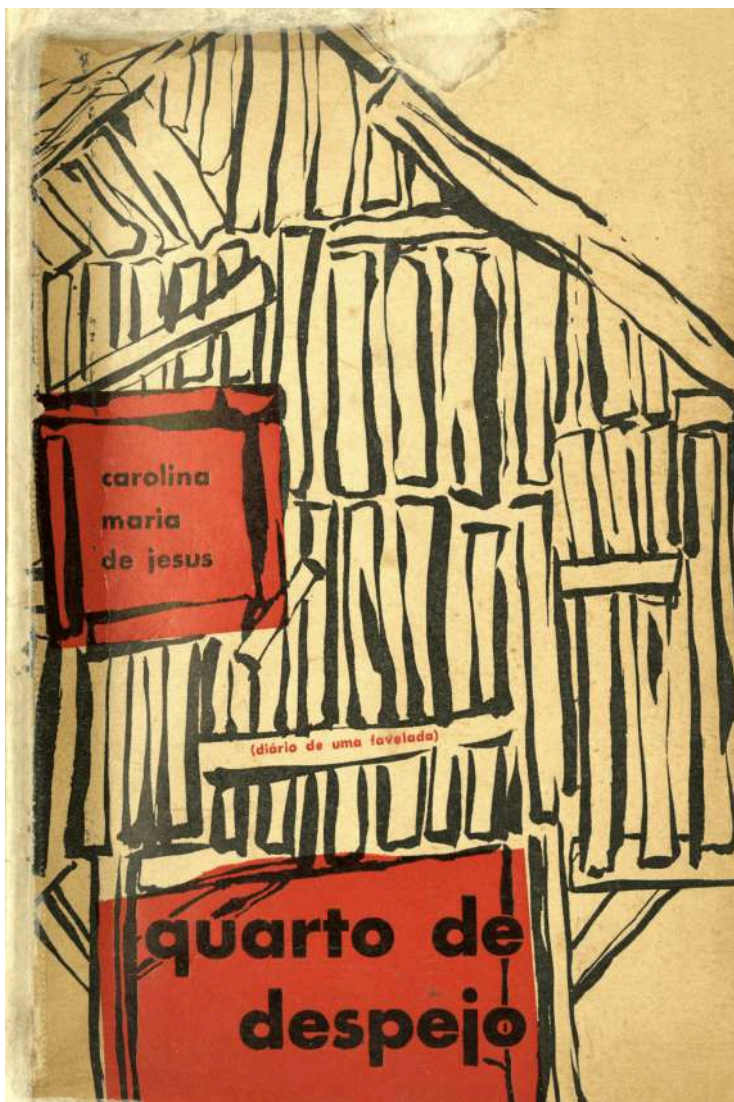
São essas aproximações que preciso reconhecer e que se dão quando trago a Teoria *Corpomídia* aliada à *escrita de si*, por Rago (2013) ou da *escrevivência*, termo cunhado por Conceição Evaristo e que tanto representa mulheres-escritoras negras, que têm tanto a dizer, mas que se mantiveram caladas por muito tempo. Todas nós temos voz, mas é urgente que essas mulheres, e me incluo, enquanto *mídia de si mesmo*, busquem ver e ser vistas, entre todas as comunidades em geral e nesse caso, nas redes sociais e, principalmente, nos espaços físicos, como sujeitas de reparação.

## **CAPÍTULO 2 - ENTRELAÇANDO CAMINHOS DENTRO DO QUARTO DE DESPEJO: diário de uma favelada**

*"Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você"*  
(Jesus, 2014, p. 26).

*Quarto de Despejo* foi o primeiro livro publicado por Carolina Maria de Jesus, quando já tinha completado 46 anos de idade, em 1960 (França, 2018). Essa publicação se deu após seu encontro com o jornalista Audálio Dantas, homem branco, participante da elite intelectual paulista da época, que levou sua obra a público e a tornou famosa, muito embora o reconhecimento sobre a qualidade de seu trabalho viesse acompanhado de expressões como “a escritora favelada”, estigma que ainda lhe é impingido até os dias atuais. Seu livro foi traduzido para 46 países, adaptado para o teatro e para o cinema, e, ainda assim, sua obra permaneceu sem a devida repercussão por muito tempo.

Figura 7



Fonte: Reprodução da Internet

É nesse livro que são relatados muitos dos momentos em que Carolina senta-se para escrever e as diversas vezes em que sai para catar papel pelas ruas de São Paulo. *Quarto de Despejo* (2014) provocou um grande movimento na vida de Carolina. Segundo Pereira (2023), na noite de autógrafos, dia 19 de agosto de 1960, foram vendidos 600 exemplares e mais de cem mil cópias no primeiro ano de sua publicação. A concatenação de seus diários deu origem a uma série de outros acontecimentos, como o lançamento de outros livros. Em 1975, ela se mudou com os filhos para o tão sonhado sítio em Parelheiros - SP, onde viveu até o momento de sua morte, em 13 de fevereiro de 1977.

**Figura 8**



**Fonte: Reprodução da Internet**

Quando perguntada sobre a que ela atribuía o sucesso de público do seu *Quarto de despejo*, ela respondeu:

Eu não sei o que eles acham no meu diário. Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Fico pensando o que será Quarto de despejo?, umas coisas que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as misérias que enlaçavam-me igual o cipó quando enlaça as árvores, unindo todas (Jesus, 2014, p. 170).

Ao refletirmos sobre esse trecho, em que Carolina trata da sua escrita, como uma forma de desafogar as misérias que a enlaçaram como um cipó, pensamos que também sua escrita e existência podem ser consideradas como cipós, mas sob um ponto de vista diferente. Na perspectiva de Deleuze (1992 *apud* Rago p. 28), uma escrita longe das estratégias moleculares de poder, das sofisticadas tecnologias biopolíticas e uma produção individual própria da sociedade de controle.

Podemos pensar que, de alguma forma, sua escrita poética e, ao mesmo tempo, brutal alcançou outras mulheres, que sentiram o ímpeto de apresentarem em

livros diferentes possibilidades de existir. Convido-os a conhecer *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) para que juntas/os possamos ressaltar as implicações em corpo e ambiente, que cancela o entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador, as informações com as quais estamos em contato vão sendo capturadas pelo nosso processo perceptivo e acabam fazendo parte do corpo de uma maneira bastante singular. Ao estar com Carolina, nas mídias digitais e com os autores escolhidos para conversarmos, algumas informações estão sendo selecionadas e organizadas em corpo, salientando que o corpo não é um recipiente, mas é processo coevolutivo de trocas com esses ambientes. E como o fluxo não estanca, o corpo vive no estado do sempre presente, atualizando-se constantemente.

## 2.1 Conhecendo o *Quarto de Despejo*

*Quarto de despejo: diário de uma favelada* é uma obra literária autobiográfica que foi construída a partir da concatenação de diários escritos ao longo da década de 1950, em cadernos avulsos e pedaços de papéis que Carolina encontrava nas suas andanças pelas ruas da cidade de São Paulo. Enquanto caminhava, Carolina absorvia a cidade e as diferenças do Centro para a extinta favela do Canindé, onde ela se instalou com seus três filhos e viveu por tempo suficiente para entender a dinâmica daquele lugar.

O livro intercala falas sobre si, suas experiências afetivas, a relação com os filhos e vizinhos, e parte dos eventos que aconteciam com essas pessoas e como a afetavam diretamente: “Quando eu vinha chegando no portão encontrei uma multidão. Crianças e mulheres, que vinha reclamar que o José Carlos havia apedrejado suas casas. Para eu repreendê-lo” (Jesus, 2014, p. 14). Dessa forma, a autora apresenta a nós, leitores, uma realidade bem distante e, ao mesmo tempo, próxima de quem como eu, partilha sentimentos de indignação diante de uma realidade indigesta e pouco emotiva, demonstrando ser muito sensível, criativa e inventiva quanto ao teor de sua produção literária.

Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (Jesus, 2014, p. 20)

Durante a narrativa, é possível reconhecer além dos problemas de relacionamento com seus vizinhos, a pobreza extrema em que se encontra e como ela faz para superar a fome e a insalubridade de viver em um lugar, sem água sem energia elétrica, sem saneamento básico e, sobretudo, sem o mínimo de atenção das autoridades públicas. Carolina sente a negligência política para com a comunidade que vive na favela e reproduz isso em sua escrita, muito embora seja perceptível que sua indignação é contada em tom de desabafo e não como uma denúncia de fato. Não há sutilezas em sua narrativa e o modo como os fatos são expostos de maneira repetitiva pode causar um incômodo à pessoa que lê, evidenciando como a fome e o desespero de viver na miséria consome a esperança de quem vive um dia após o outro sem nenhuma perspectiva de mudança.

Além da fome e da miséria, a autora também relata os episódios de violência e o enfrentamento de desafios que vão desde as confusões por conta do comportamento de seus filhos, que inúmeras vezes ficam sozinhos em casa para que ela consiga catar papel na rua, uma das únicas formas dela conseguir dinheiro suficiente para sobreviver com os três filhos. Ela expõe os episódios de agressão aos filhos e às outras crianças que residem no seu entorno, assim como, as agressões sofridas pelas mulheres e pelas pessoas mais frágeis e vulneráveis, que acabam sendo vítimas de outras pessoas em situação econômica e social semelhantes.

Ouvi as crianças dizendo que estavam brigando. Fui ver. Era a Nair e a Meiry. A Nair é branca. A Meiry é preta. Já faz tempo que a Meiry anda prometendo que vai bater na Nair. A Meiry é temida porque anda com gilete. E ela foi bater na Nair e apanhou. A Nair rasgou-lhe as roupas, deixando-lhe nua (Jesus, 2014, p. 72).

A violência é escancarada e sem nenhum véu, acaba informando que na favela há muitos problemas, que eles se repetem e todas as pessoas são vítimas e algozes de si mesmas. Acontecimentos resultantes de uma exclusão social velada, pois, ninguém diz efetivamente que aquelas pessoas precisam viver naquele lugar em que faltava água, faltava luz, faltava uma moradia digna, mas evidentemente não havia lugar para elas na “sala da cidade” e nem mesmo quando os políticos precisavam de votos, quebravam essa barreira, preferiam ao contrário, manter distância.

Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. ...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (Jesus, 2014, p. 32).

Carolina observava a realidade ao seu redor com lentes claras de como as dificuldades se impunham às pessoas que moravam na favela e demonstrava as desigualdades sociais existentes entre quem morava à margem e quem morava no centro da cidade, em especial nos bairros em que os políticos residiam, ou seja, como eram favorecidos aqueles que estavam em posição de poder. E assim, Carolina ia demonstrando como se sentia frente ao descaso econômico, político e social:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 2014, p. 38).

Ao mesmo tempo em que percebia como as desigualdades sociais atingiam toda a comunidade, sentia na própria pele a sensação de desprezo com a qual a “sociedade” e seus pares a tratava.

Pensei nas palavras da mulher do Policarpo que disse que quando passa perto de mim eu estou fedendo bacalhau. Disse-lhe que eu trabalho muito, que havia carregado mais de 100 quilos de papel. E estava fazendo calor. E o corpo humano não presta. Quem trabalha como eu tem que feder! (Jesus, 2014, p. 136).

Em diversos pontos da sua narrativa autobiográfica, Carolina demonstra se sentir incompreendida e não respeitada. Não à toa, ela mesma diz se sentir como “um objeto fora de uso”, ou seja, uma sensação de descarte, que permanecia muito forte, principalmente quando era maltratada nas ruas ou na comunidade em que vivia. Com sua escrita potente, a autora conseguiu atrair os olhares da elite intelectual paulista para algo que parecia distante e que as pessoas preferiam não enxergar. O livro foi uma explosão, dado que a primeira edição vendeu trinta mil exemplares e na terceira edição já tinham sido vendidos mais de cem mil

exemplares. O livro que utilizei para esta pesquisa está na 10ª edição, publicado no ano de 2014.

*Quarto de despejo* trouxe à tona, uma parte da sociedade paulistana, que foi aos poucos deslocada para as margens da cidade, apresentando essas pessoas e suas necessidades, contribuindo para a redução da invisibilidade de pessoas que viviam de maneira insalubre, mas que existiam e não eram meros “objetos fora de uso”, mas pessoas com nome, endereço e uma existência, que por mais singela que fosse, possuía enorme significado. Driblando a temporalidade, eu gostaria de perguntar em algum momento: - *Carolina, como se sente?*

**Figura 9**



**Fonte: Gerado pela autora**

Esse post é um compilado de falas de Carolina Maria de Jesus em entrevistas concedidas ao longo de sua vida, que me conduziram a compreender como ela se relacionava com a poesia e com a escrita:

*Carolina, como se sente?*

*Carolina dizia sentir "uma grande confusão de ideias na sua cabeça"*

*Um dia lhe disseram: - "você é poetisa, Carolina".*

*Inconformada, mostrou seus escritos a um moço e, então, ficou sabendo que: "era poesia".*

*Enfim, um diagnóstico: "a doença que tenho, é verso"*

*Ela, então perguntou: "com que remédio se cura isto?"*

*Ela já tinha a resposta e agora a gente também já sabe...*

*Escrevendo!*

Escrever salvou Carolina e a mim. Esse ressoar se faz ativo e me salva todos os dias!

Ao ler *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, é possível se dar conta do significado dessas vidas, que geralmente são associadas a trabalhos considerados de segunda classe, e que são incapazes de refletir sobre si e sobre suas necessidades. Carolina relata de forma muito clara como precisava de espaço: físico, social, e até mesmo psicológico, para exercer suas atividades mais corriqueiras. Ela sempre buscava um lugar para realizar a sua escrita e, por mais incrível que pareça, não havia esse lugar. Nem físico, nem imaginário, ou nem mesmo um lugar social.

Na tentativa de realizar suas atividades básicas, ela não conseguia escrever, porque não havia para ela esse dito espaço social e nem o devido respeito pelas pessoas ao seu redor. Carolina só queria um lugar confortável para escrever, que a ajudasse no processo de passar pela vida e se esvaziar dela. Mas a dura rotina de pegar água e catar papel para alimentar os filhos lhe exauria as forças e impedia, em grande medida, sua produção literária.

Em 2021, ainda sob efeito do primeiro impacto após a leitura de *Quarto de despejo*, escrevi um poema que representa parte da história que Carolina nos relata em seus diários:

Era um barulho, todo dia.  
As paredes eram de tábua.  
Tábua, frágil, escura, degradante.

Era um barulho, e um frio.  
Frio na sombra, e um sol, que queimava.

O sol era bom...  
Porque quando tinha sol, tinha papel.  
E se tinha papel para catar, tinha sustento.  
Era todo dia acordar, e não saber o que ia comer.

Era todo dia pegar água, e a ladainha da fila.  
Um vai e vem sem fim  
Pela desesperança e pela miséria.

Na favela, era um só lutar.  
Um só correr.

Um só morrer.

Na favela, era só desprezo.  
Tudo que é um quarto de despejo.

Figura 10



Fonte: Gerado pela autora

Além de ressaltar a importância de ter espaço, demonstrei o quanto o clima influenciava na produção literária de Carolina. Melhor dizendo, como o clima poderia afetar as suas condições de vida e como isso refletia na sua escrita diária, assim, vejo esse momento espelhado na minha trajetória. O trabalho de denúncia que ela realiza, nos faz pensar no quão difícil foi para ela, na época, o processo de escrita, em meio à fome, à miséria e principalmente à falta de um teto, de um lugar para trabalhar. Carolina é um símbolo da resistência e sobretudo uma voz, que ressoa e que não deve ser esquecida e silenciada.

## 2.2 A escrita de Carolina em lugar de despejo

Como é possível perceber nos trechos do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* compartilhados nestas páginas iniciais, a escrita de Carolina se dá em linguagem não formal, e sua obra, *Quarto de Despejo*, foi publicada como a autora escreveu, garantindo o caráter único da sua obra. Começo a falar sobre a escrita de Carolina com uma pergunta simples: *Existe um único modo de escrever e se expressar?*

Carolina e eu nos encontramos. Nesse momento eu já consigo perguntar: *Carolina, como se sente?* E contar sobre a minha vida, pois as palavras não contaminam somente nos escritos, mas nos afetos, nas entrelinhas. Dessa forma, a trato com tamanha intimidade, porque sinto como se estivesse viva e pulsando nas

páginas desses escritos e pelas mãos de outras mulheres negras, assim como eu tenho tentado fazer, com minha escrita que inicia parágrafos com letras minúsculas e não se atém a pontuações que seguem a regra estabelecida, mas segue o fluxo de uma escrita que é resultado de um processo orgânico e sensorial.

Importante atentar que na escrita de Carolina não há nenhum compromisso com a homogeneidade e normatividade exigida acadêmica e socialmente. Nascimento (2023, p. 9.336) afirma que:

(...) não há homogeneidade nessas escritas, senão a ausência total de homogeneidade. O texto negro parece fugir do próprio limite tipográfico do texto, como se a narrativa fosse maior, e o é, do que o formato pré-estabelecido, generificado, racializado, aprisionado.

Assim, constatamos que a heterogeneidade própria dos escritos de Carolina, é um aspecto que permeia sua produção literária, assim como a de outras autoras negras,

### **flor de plástico 1**

arremessada do quinto andar  
envolvida naquela roupa plástica translúcida  
cansada pela aparência  
ninguém mais lhe quis ali  
boiou num córrego sujo  
(Moraes, 2024, p. 19)

Observo que Carolina nunca se deixou pôr amarras, e nem mesmo em sua língua e em seu modo de escrita, permitiu. Também por isso,

Considera-se *Quarto de despejo* uma obra fundante da fala em primeira pessoa do sujeito negro periférico na literatura brasileira, no sentido de ser a primeira na qual *se fala desde dentro* da experiência narrada, isto é, que onde o sujeito periférico sai da condição de tema e torna-se autor da sua própria história (Miranda, 2019, p. 163).

A tradição branca não foi suficiente para impor limites à escrita de Carolina e por isso, ela segue, ocupando os espaços de literatura e ocupando com sua escrita que entrelaça e se expande pelas mãos de outras escritoras negras e periféricas

ainda no século XXI.

[...] a autora representa o momento no qual o sujeito periférico sai da condição de tema e tornar-se autor da sua própria história, sua obra também demarca outra problemática fundamental: da escassez material da vida imposta como único tema "permitido" à autoria que emerge da periferia (Miranda, 2019, p. 164)

Torna-se impactante pensar que “tamanho é a força expressiva da linguagem de Carolina que o organizador do diário, Audálio Dantas (...), foi acusado, em várias ocasiões depois do lançamento, de ter forjado o diário e até de ter inventado a existência de Carolina” (Perpétua, 2003, p. 63).

Mas, nem Carolina nem sua escrita foram inventadas e atualmente toda sua obra está em processo de recuperação e publicação, em um esforço conjunto consolidado pela constituição de um Conselho Editorial<sup>3</sup>, criado em 17 de julho de 2020, pelo Grupo Editorial Schwartz. Mas esses não são os únicos acontecimentos que reproduzem o nome e a história de Carolina. Em 1991, Karen Brown faz o roteiro *Passion Flower: The Story of Carolina Maria de Jesus* para um documentário sobre Carolina Maria de Jesus, em Los Angeles; 1994 - Os professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine escrevem o livro *Cinderela Negra: A Saga de Carolina Maria de Jesus*, despertando a mídia novamente sobre a vida e obra de Carolina; 2009 - Joel Rufino dos Santos escreve o livro *Carolina Maria de Jesus – Uma Escritora Improvável*, editora Garamond.

E como já foi dito anteriormente, a história de Carolina está em constante movimento e sendo construída por pessoas que conhecem a sua história e promovem outros formatos, outras narrativas bibliográficas e outros jeitos de contar a sua história, com diversas nuances e perspectivas inéditas sobre sua obra e sua vida, que se entrelaçam de maneira única. Assim, me entrelaço com ela, *confluindo* e *transfluindo*, em movimentos circulares, que não apresentam nenhuma linearidade, mas que se alinham entre forma e conteúdo, pois assim segundo Bispo dos Santos (2023) somos começo, meio e começo de novo

Percebo que, ao escrever brevemente sobre a escrita de Carolina, ensaio uma espécie de coreografia que nos alinha, em um plano do qual não consigo, nem pretendo escapar. Como disse Albuquerque (2023, p. 97), em seu livro *Urro e outras formas de vida com Marcelo Ômi Boi Evelin*, “precisamos dançar a partir de nossos

<sup>3</sup> Para saber mais sobre o Conselho Editorial, visite o endereço eletrônico. Link:

<https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Carolina-Maria-de-Jesus-na-Companhia-das-Letras>

Acesso em: 10 de mar. 2025

repertórios corporais, com interpretação própria, com nossas referências culturais brasileiras, sem reproduzir os mestres europeus, descentralizando uma hegemonia de séculos em nosso país colonizado”.

A colonialidade se faz tão presente em minha vida, e sei que não sou exceção, que sinto diariamente esta inconformidade com a minha escrita, mesmo que pessoas me digam que não há nada de errado no modo como escrevo e como me comunico. Quisera eu me apoderar do ímpeto de Carolina e assumir a escrita de corpo e alma, como ela o fez, e ainda faz. Talvez, após nos corporificarmos entre a escrita dela e a minha, todo esse esforço em escrever seja minimizado, e eu assuma este ímpeto, tão "*carolinesco*".

A escrita de Carolina, depois de mais de 60 anos da sua primeira publicação, continua sendo alvo de críticas, como aquela enunciada por Regina Dalcastagne, em sua página no Facebook, no ano de 2021 (Figura 11). Sua crítica se deu em decorrência da formação do Conselho Editorial, mencionado acima, composto por diversas autoras negras, inclusive, Vera Eunice, filha de Carolina, e Conceição Evaristo, linguista e escritora negra, iniciando assim o processo de republicação das obras de Carolina Maria de Jesus.

**Figura 11**



**Fonte: Reprodução da Internet**

Regina Dalcastagne, manifestou novamente sobre a escrita de Carolina, em junho de 2024, quando fez uma resenha sobre o livro *O Escravo* (2024), publicado pela Editora Companhia das Letras, mantendo sua posição conforme é possível ver na Figura 12, compartilhada abaixo:

**Figura 12**

The image is a screenshot of a social media post from Regina Dalcastagnè, posted 3 hours ago. The post is a review of the book 'O Escravo' by Carolina Maria de Jesus, published by Companhia das Letras. The review is divided into several paragraphs. The first paragraph discusses the author's unpublished manuscripts and the book's narrative. The second paragraph describes the plot of the book, focusing on the young couple and the mother's influence. The third paragraph discusses the book's structure and the author's style. The fourth paragraph mentions the book's publication and the author's background. The fifth paragraph discusses the book's themes and the author's style. The sixth paragraph mentions the book's publication and the author's background. The seventh paragraph discusses the book's themes and the author's style. The eighth paragraph mentions the book's publication and the author's background. The ninth paragraph discusses the book's themes and the author's style. The tenth paragraph mentions the book's publication and the author's background. The post has 154 likes, 10 comments, and 2 shares. The user's profile picture and name are visible at the top left. The time 15:49 and network status 4G are visible at the top right. The post content is in Portuguese.

**Regina Dalcastagnè**  
3 h · 🌐

Terminei de ler o romance *O escravo*, de Carolina Maria de Jesus, publicado pela Companhia das Letras. Com muitos manuscritos ainda inéditos, é de se comemorar a disponibilização de mais um livro da autora. Mas não imagino que ele vá atrair alguém para a sua obra. É uma narrativa desprovida de interesse, sem o humor ácido e a verve que Carolina costumava imprimir em seus textos.

Saindo do quarto de despejo, ela vai contar das pessoas que circulam pela sala de visitas, brancos com seus dramas românticos e seu sofrimento pálido. É a história de um jovem casal que não pode ficar junto porque a mãe do rapaz prefere que ele se case com uma moça "de boa família". Fraco, como o pai, ele sucumbe à autoridade materna, casa-se, mas logo abandona a faculdade de medicina (que também não queria fazer) e enlouquece.

Enquanto isso, a jovem pobre se casa com um bom médico, tem belos filhos e prospera. A mãe terrivelmente ruim enfim se arrepende de suas interferências e acaba de tornando uma senhora dadivosa. O rapaz então se recupera, volta para a esposa, mas logo começa a ser atraído de novo pela outra, que perde o marido em um acidente e precisa sustentar as crianças.

O livro está inacabado (informação que a edição escamoteia), mas a melhor solução não o salvaria. É enfadonho e encharcado de lições de moral. Além da história insossa, falta ritmo à narrativa, faltam tensão e ironia, falta cuidado com a passagem do tempo – tudo parece seguir um único fluxo, sem surpresas.

Melhor ler o romance *Pedaços da fome*, publicado pela própria autora em 1963, e revisado, é claro, ao contrário dessa edição da Companhia das Letras, que faz questão de manter os erros, principalmente, ortográficos de Carolina e torna o texto quase ilegível.

A protagonista é também uma jovem branca rica que cai em desgraça após de apaixonar por um rapaz de São Paulo – que se diz dentista e que, na verdade, não tem nada na vida, nem diploma, nem emprego, nem motivação para o trabalho.

Fugindo para a capital, eles se afundam a cada dia na miséria, com seis filhos pequenos e a fome perseguindo suas canelas. Aqui há descomedimento, há desespero, além de humor e deboche. Se as personagens principais são caricatas (ao estilo romântico e naturalista), as secundárias enchem o livro de cor e reconhecemos outra vez o talento de Carolina Maria de Jesus.

👍 154      10 comentários    2 compartilhamentos

👍 Curtir      ➦ Compartilhar

Tiago Rocha e André Lino comentaram.

**Fonte: Reprodução da Internet**

Quando vi a publicação imediatamente me manifestei nas minhas redes sociais, inconformada pelo modo como a professora e escritora Regina Dalcastagnè se posiciona quanto à escrita e a obra literária de Carolina Maria de Jesus. Em sua resenha, como pode ser visualizada acima, a professora, informa de

maneira taxativa que "narrativa é sem interesse, sem o humor ácido e a verve que Carolina costumava imprimir em seus textos".

Como parte dos manuscritos de Carolina encontram-se perdidos ou em péssimo estado de conservação, alguns trechos dos seus manuscritos não são encontrados por completo. "O escravo", não fugiu à regra, e por isso, foi publicado, inacabado. E sobre isso, a professora também teve algo a dizer: "O livro está inacabado (informação que a edição escamoteia), mas a melhor solução não o salvaria". Por fim, ela também sugere a leitura de um outro romance escrito por Carolina, "Pedaços da fome", que ela exalta e compara com a edição de "O escravo", pois, segundo ela, a Companhia das Letras "faz questão de manter os erros, principalmente, ortográficos de Carolina e torna o texto quase ilegível".

Além de realizar a leitura da resenha, eu fiz questão de ler os comentários na publicação de Regina Dalcastagnè, os quais são de teor similar ao dela, visto que algumas pessoas consideram uma indecência e falta de respeito manter o texto conforme o original por conta dos erros de ortografia; há os que acreditam que manter o livro como o original é uma decisão equivocada por parte da editora; bem como algumas pessoas compartilham da hipótese de que o texto não foi publicado por escolha da autora, muito embora Carolina sempre quisesse ser publicada, conforme palavras de sua própria filha, Vera Eunice.

A publicação das obras remanescentes de Carolina, como já foi dito anteriormente, é uma iniciativa que surgiu a partir do desejo de trazer ao público a sua voz autêntica em seu projeto literário por completo. É também um esforço de reparar a rejeição e estigmatização que Carolina sofreu por décadas no meio acadêmico e literário, que lhe negou e como podemos ver, ainda nega a sua presença nesses espaços. Como aponta brilhantemente Rajagopalan (2003, p. 62),

A linguística moderna ainda não conseguiu se desvencilhar da ideia de que as únicas mudanças que ocorrem ao longo da trajetória das línguas particulares devam-se a causas intrassistêmicas, isto é, a mudanças motivadas por fatores internos, genéticos. Trata-se de uma herança da chamada linguística comparativa que floresceu no século XIX. É uma ideia sutilmente preconceituosa embora a maioria de seus defensores não tenha, ao que gostaria de crer, parado para pensar sobre isso porque é alimentada pelo mesmo desejo de pureza e pelo mesmo medo de mestiçagem que costumam dar origem a outras formas de preconceito como racismo.

As críticas aos textos e o desejo de corrigi-los, portanto, são uma tentativa de manter a obra de Carolina apagada e silenciada. Apesar das críticas, as publicações serão continuadas e cumprirão o propósito de "colocar a escritora em seu devido

lugar", que é a diversa literatura brasileira. Carolina sempre soube: "Os escritores de academia não quer me considerar escritora. Mas, o povo quer. Então, eu não me impressiono com a fraquíssima opinião dos escritores de Academia" (Jesus, 2021, p. 54).

Carolina resiste!

**Figura 13**



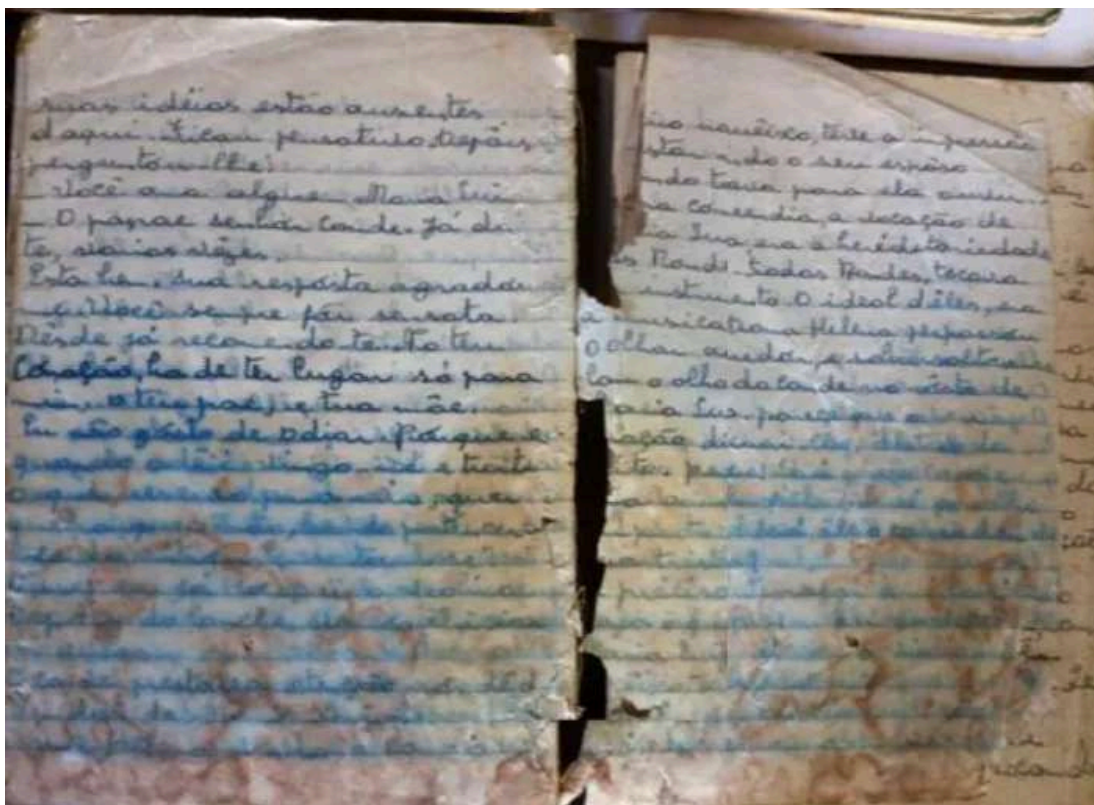
**Fonte: Gerado pela autora**

Há ainda um outro aspecto levantado por Nascimento (2023), em sua carta aberta à Conceição Evaristo, acerca da importância dos documentos de Carolina serem manuseados por mãos não brancas:

Como tantos outros escritores negros, Carolina teve as suas primeiras escritas negras mediadas pelo corpo brancocêntrico que manda na indústria cultural brasileira desde sempre. É a primeira vez, permita-me recordar, professora Conceição, que a sua obra passa de mãos de um intérprete branco, para as suas mãos negras e as mãos negras de Vera Eunice, filha da escritora Carolina Maria de Jesus (Nascimento, 2023, p. 9.337)

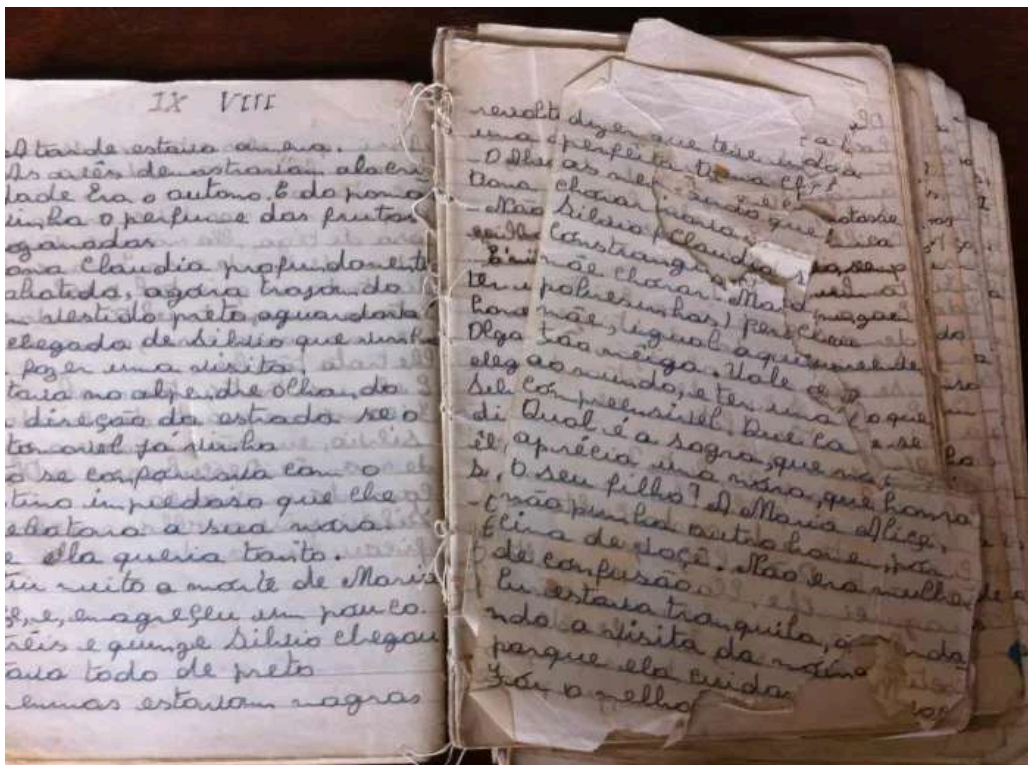
E o quanto é importante que mãos negras incorporem esse lugar de curadoria e de interpretação dos manuscritos de Carolina, que por conta do material que o compõe, o tempo e o modo como foram armazenados, apresentam-se deteriorados e muitos, inelegíveis, conforme os registros apresentados abaixo nas figuras 14, 15 e 16:

Figura 14



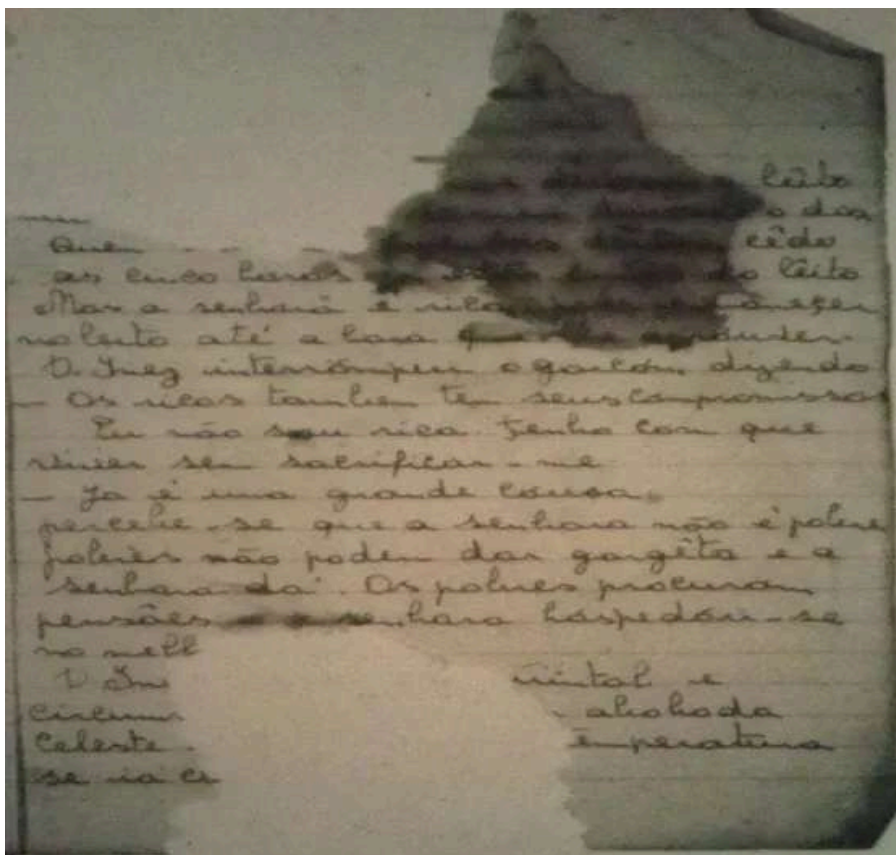
Fonte: Livro A Poética de Resíduos de Carolina Maria de Jesus

Figura 15



Fonte: Livro A Poética de Resíduos de Carolina Maria de Jesus

Figura 16



Fonte: Livro *A Poética de Resíduos de Carolina Maria de Jesus*

As imagens que foram retiradas do livro *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*<sup>4</sup>, demonstram a situação de parte do acervo literário de Carolina e, muito embora esteja sendo alvo do abandono, as palavras de Carolina permanecem vivas, ainda mais agora, pois por mãos negras, ela se mantém viva e pulsante.

O seu teor de testemunho – instrumento de resistência – apontando para a fome, o racismo e a marginalização em que viviam as pessoas da favela, evidenciam um Estado estruturado no racismo e em uma política de morte. E como a própria Carolina disse: “...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (Jesus, 2014, p. 39). O confronto a isto era feito, pela autora, na escrita, que desnuda a condição desumanizadora desse Estado racista: “o branco criou a alta sociedade, lá não existia os negros” (Jesus, 1960, p.64).

<sup>4</sup> “Esses cadernos mostram, em sua diversidade de gêneros, um reaproveitamento quase que integral dos espaços das folhas que restavam dos cadernos reutilizados, resgatados do lixo”. (...) “Em seguida, quando de sua descoberta, passando a dispor de recursos materiais, Carolina de Jesus vai modificando sua forma de escrever, após vários rumos” (Fernandez, 2015, p. 261).

Perpétua (2003, p. 64), destaca que:

No estudo da transposição da escrita cursiva para a letra de fôrma, o exame do processo de substituição evidencia a intenção do editor de compor uma imagem da autora diferente da que aparece no manuscrito. Nesse tipo de interferência, nota-se que o editor elimina o que possa haver de suposta erudição ou mesmo de escoreito na linguagem de Carolina quando substitui suas supressões por termos mais populares. Observa-se, assim, um procedimento com base no processo de verosimilhança, ou seja, na adequação de uma imagem de Carolina à sua condição social.

E pergunto: *Se não "existia negro na alta sociedade", logo, como Carolina poderia escrever de acordo com a norma e ocupar um lugar junto aos escritores e escritoras que compunham o cânone literário, composto quase que completamente por pessoas da alta sociedade?* Não era possível e por isso, o processo de verossimilhança adequa a imagem de Carolina à sua condição social, ou seja, de mulher favelada, que vivia à margem da sociedade.

Se torna muito pertinente inserir a partir daqui o conceito de racismo de Estado,

um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social (Foucault, 2005, p.73).

Compreendendo que o Estado capitalista em que estamos todos inseridos atua em favor de algumas raças, em detrimento de outras, numa fragmentação biopolítica de oposição binária entre elas. Assim, o lugar de enunciação experimentado por Carolina – tratando, muitas vezes do cotidiano periférico, das vivências, violências e relações sociais dentro da favela em que vivia com seus filhos – esteve marcado pelas sensações impostas pelas hierarquias de classe, gênero e raça, mas também por processos de insubordinação a elas, em especial com sua escrita.

Aspectos do racismo de Estado são perceptíveis ao analisarmos a deterioração do acervo literário de Carolina Maria de Jesus. Seus enunciados continuam na obscuridade e no silêncio, debaixo de escombros, provocados pelo descaso com seus escritos. Abandonados a toda sorte de maus tratos e descuidos, seu acervo habitava em salas nas quais poderiam ser vistas pessoas sem a preparação requerida para o manuseio de originais – cadernos reutilizados, papéis de embrulho entre outros resíduos – e com atividades que não contribuem para a

sua preservação.

E saber que as obras de Carolina estavam nesse estado de conservação me preocupou desde o momento da ciência, levando-me a pensar que o descaso com a preservação de seu acervo está diretamente relacionado à forma como sua escrita tem sido negligenciada. Há também os que leem a produção literária de Carolina com descaso semelhante àquele com que estavam tratando seu acervo no Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswik, em Sacramento (MG), cidade em que nasceu Carolina.

Aqueles que leem a escrita de Carolina como “erros de português” estão fazendo uma leitura linguística equivocada e muito pouco literária de sua obra. Ao invés de lerem a coesão e coerência de seu texto, a forma como suas personagens conversam e são construídas, passam a inscrever Carolina num desvio criado pela impressão racista de que apenas uma forma de falar português é correta (Nascimento, 2023, p. 9.338).

Insisto que, de fato, existem muitas formas de se falar e de se escrever português. Existem inúmeras formas de se manifestar além da imposta pela estrutura racista na qual estamos inseridos social e literariamente. *Então, o que é considerado aceitável?* Uma das postagens que mais tenho orgulho, é uma produção intertextual, na qual utilizo parte da música “Elas estão descontroladas” (Figura 17), da banda Bonde do Tigrão, funk muito popular nos anos 2000, para tratar de mulheres insurgentes e insubmissas como Carolina, que é a primeira escritora da lista e demonstra sua indignação e seu “descontrole” e insubmissão, quando diz: “[...] quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (Jesus, 2014, p. 37).

**Figura 17**



**Fonte: Gerado pela autora**

Uma mulher se autodeclarar “um objeto fora de uso” é subversivo, insurgente

e sobretudo um sinal desobediência e de descontrole, porque não aceitar a própria condição, se demonstrar insatisfeita com a situação em que se encontrava, era inadmissível e continua sendo para muitas mulheres. E nesse ponto, os meus caminhos se encontram mais uma vez com os de Carolina e estabeleço com ela uma espécie de relação simbiótica mutualista, harmoniosa, visto que, enquanto absorvo continuamente de sua audácia, buscando interlocuções para continuar me manifestando, também promovo seu nome e sua obra literária nas mídias sociais digitais.

*Carolina, venha tomar um cafezinho na minha sala de visitas!!*

Quero lhe dizer, Carolina, que respeito seus sentimentos quando diz que se sente como “um objeto fora de uso”, pois de alguma forma também me sinto objetificada. Desde que me entendo por gente, sinto que meu corpo é desejado, mas nem sempre a minha presença é querida e eu sei que você também entende o que é não ser aceita em um determinado espaço. Fiquei muitas vezes sem entender porque os meninos não gostavam de mim e porque muitos homens só gostavam de mim quando ninguém estava vendo.

Não me sinto fora de uso, pois na atual estrutura racista-capitalista em que estou inserida, sou usada inteiramente, inclusive a minha imagem. Enquanto me manifesto contra esse sistema, sinto-me consumida e tragada por esta tecnologia chamada “mídias sociais digitais”. Em muitos dias acordo sem querer fazer vídeos, ler notícias e sem vontade alguma de me mostrar ao mundo, “estabelecendo uma relação quase compulsória com a mídia digital, o viver online obrigatório[...]” (Silva; Albuquerque, 2020, p. 339), se consolidando em uma exigência velada para que eu continue sendo vista, manifestando minha opinião, compartilhando meus conteúdos, que transitam entre livros, literatura e sobre a sociedade.

Eu sei que você não tem conhecimento sobre esse advento e nem pôde utilizar esta ferramenta para mostrar o seu trabalho, mesmo que não fossem todos os dias, pois agora é muito diferente, Carolina. Eu sei como a coisa toda funciona. Então, mesmo quando não quero eu me posiciono nas redes sociais e já que não tenho muitas alternativas para me livrar desta codependência com as redes sociais, eu faço de tudo para que a minha voz e minha imagem utilizada em alguns momentos, contra minha própria vontade, seja também um instrumento produtivo de acordo com meus propósitos e minhas próprias convicções.

Assim, aproveito cada oportunidade para falar de você e de outras escritoras negras e periféricas, tentando de alguma maneira contribuir para a redução do seu apagamento, muito embora o meu trabalho não esteja alcançando uma quantidade satisfatória de pessoas. Aproveito para divulgar a literatura como uma expressão de liberdade, principalmente para nós, mulheres, que nem sempre nos foi possível escrever e falar abertamente sobre nossas inquietações. Me canso de falar e de repetir, mas não consigo parar de fazer, pois eu acredito que enquanto falo e mostro quem sou, estou trazendo comigo muitas vozes de mulheres que não puderam se manifestar pela falta de oportunidade. Por isso, não me silencio.

Antes de você "se encantar", o racismo já se estabelecia na exclusão e podia ser sentido nas relações sociais, expressamente demonstradas pela fome, na violência e na insalubridade que permeavam a vida das pessoas da favela. Eu sei que você sentiu na pele a diferença imposta pelas pessoas brancas quando lhe disseram: "— É pena você ser preta" e ao contrário do que lhe era imposto, você demonstrava orgulho quando afirmava que adora sua pele negra e o seu cabelo rústico,

Você sempre teve consciência de que apesar do branco se considerar superior, a natureza não selecionava favoritos. E apesar de não usar o termo racismo, percebo que você sempre soube o que motivava a objetificação de sua existência, juntamente com a tentativa de sua exclusão social.

Atualmente, ainda convivemos com o racismo nesses aspectos socioeconômicos, como também se estende até esse mundo virtual, que chamamos redes sociais, esse lugar que não existe fisicamente, mas que se tornou um espaço para que se dê a ampliação de práticas discriminatórias, nas quais eu e você, assim como outras escritoras negras e periféricas somos as maiores vítimas, em outras palavras, continuamos sendo corpos-alvos, muito embora continuemos insubmissas, subversivas, desobedientes e sobretudo, descontroladas.

### **CAPÍTULO 3 - CONFLUINDO E TRANSFLUINDO COM ESCRITORAS NEGRAS: uma tentativa de sair do *QUARTO DE DESPEJO***

*"- ...Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais"  
(Jesus, 2014, p. 54).*

*Quais são os nomes de escritoras e escritores brasileiros que são citados com mais frequência?* Machado de Assis, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Hilda Hilst. É bem provável que as pessoas conheçam esses grandes nomes, mas e quando eu cito, Maria Firmina dos Reis? Maria Firmina dos Reis é considerada a primeira escritora negra (conhecida e publicada) de todos os países de língua portuguesa. Nascida em 1825, em São Luís do Maranhão, e falecida em 1917, ela publicou diversos livros, textos jornalísticos e poemas, além de atuar como folclorista, registrando e preservando narrativas orais (LITERAFRO, 2024). Ainda assim, sua obra permaneceu por muito tempo à margem do reconhecimento da comunidade literária. Assim como tantas outras escritoras negras que ainda não foram valorizadas ou mesmo “descobertas” pelo público e pela crítica, ou que, mais conhecidas, não ocupam o lugar que merecem, no cânone literário.

Pensando ainda sobre Maria Firmina, ressalto o fato de que ela teve uma vida intelectual destacada, podemos dizer assim, acima do padrão vivido por mulheres negras em seu tempo. Foi professora concursada e, após se aposentar, fundou a primeira escola gratuita mista do Maranhão (projeto muito arrojado para a época). Tendo publicado o seu primeiro livro (Úrsula) em 1859, Maria Firmina, que publicou folhetins, livros, poesias e textos em vários formatos, imprimiu, pioneiramente, temáticas negras em suas obras, trazendo outros elementos para a cena da ficção brasileira. No entanto, apesar desses fatos, ela morreu pobre e cega e muitos dos documentos de seu arquivo pessoal foram perdidos, não restando dela sequer uma fotografia.

Essa condição de apagamento e de perda dos arquivos de Maria Firmina me fez levantar questionamentos sobre a condição de manutenção do material produzido e do acervo memorialístico de outras autoras negras que, tendo

enfrentado processos diversos de silenciamento de suas vozes autorais<sup>5</sup>, também se depararam com outras barreiras à manutenção de sua produção literária, de maneira a precisarem criar estratégias para alcançarem leitores que possam ter acesso à potência criativa e ao legado cultural afrocentrado das suas produções literárias.

Não foram possibilitadas, às mulheres, negras e pobres, nessa época, as condições de encontrarem espaço para escrita, publicação e divulgação de suas obras e durante muito tempo, essas mulheres tiveram que produzir seus textos de maneira restrita, com a audácia de escreverem em silêncio, a despeito de todas as dificuldades. E se suas vozes sofreram tentativas de silenciamento, seus acervos sofrem ainda nos tempos atuais com o apagamento que se constitui na ausência de cuidados no manuseio de seus documentos e na falta de zelo no armazenamento de seus acervos. É assim que encontramos Carolina Maria de Jesus e sua produção literária: sofrendo tentativas de apagamento e sua voz sofrendo diversas tentativas de silenciamento ao longo dos anos, permanecendo esse processo na atualidade.

Com o advento das mídias sociais digitais, muitas mulheres-escritoras negras podem se manifestar e publicizar suas produções escritas e falar nas mídias sociais digitais, seja no Instagram, no Facebook ou no TikTok. Nesses ambientes são publicados fotos, vídeos e notícias que demonstram o desejo de ocupar espaços e expandir o alcance ao público, em um espaço que demonstra ser ainda hoje, branco, fazendo com que as lutas por espaço se estendam da realidade *off-line* para a realidade *online*, nos levando a pensar que estas realidades estão intrinsecamente associadas, tendo como um fio condutor, a nossa própria existência e nossos movimentos.

A prática do racismo então se materializa nas mídias sociais digitais (Facebook e Instagram), através de publicações, comentários e discursos dos mais variados que vão demonstrando o quanto o poder produz aspectos simbólicos e coercitivos que se materializam a partir de discursos de verdade (Troitinho, 2021, p. 447).

Discursos de verdade enunciados por um grupo que sempre deteve o poder em suas mãos e que agora oprime com símbolos nas publicações, comentários e a uma falta de engajamento que não conseguimos compreender e suas causas são

---

<sup>5</sup> Segundo Firmina Souza (2012, p.9), “as escritoras negras, em particular, têm sido sub-representadas nas histórias e críticas literárias. Os seus textos, na maioria das vezes, são ignorados ou tidos como literatura de ‘inferior qualidade’. Foram vários e eficientes os recursos utilizados pelos ‘donos’ do campo literário para, através do silenciamento, tornar inaudíveis as vozes de mulheres negras que tentavam reescrever suas histórias e inseri-las na produção textual brasileira”.

alteradas cotidianamente, para que não tenhamos condições de alcançar o público que desejamos, mesmo que esse público esteja buscando tais informações. É assim que introduzimos o uso do algoritmo como um dos maiores fatores que contribuem para o apagamento de escritoras negras nas redes sociais.

### 3.1 O algoritmo e o apagamento de escritoras negras

É impressionante o quanto o racismo tomou conta de toda a estrutura social e como isso pode invadir as redes sociais através das mídias sociais digitais. E por redes sociais, entende-se:

um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) [...]. Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores (Recuero, 2009, p. 24).

Um ambiente virtual, que “poderia” ter uma possibilidade de neutralidade racial, mas que, pelo contrário, reforça ainda mais a diferenciação de pessoas por características fenotípicas relacionadas com inferioridade ou superioridade racial. Para atestar esse fato, basta realizar uma pesquisa pelos termos como “literatura” ou “escritoras” para perceber como esses termos raramente vão indicar perfis de pessoas negras, muito menos de mulheres negras. Em sua maioria, os perfis são de pessoas brancas, apresentando livros escritos por pessoas brancas.

Bispo dos Santos (2023, p. 47) compartilha que “só os humanos têm essa estrutura em que um vive para gerir a vida do outro verticalmente, para defender o direito dos outros. Entre as outras vidas, cada um se defende de forma segmentada para defender o território de forma integrada”. E dessa maneira fica perceptível quantos os humanos estão sempre buscando recursos e ferramentas para se sobrepor uns aos outros, mantendo uma estrutura de poder que permanece e dificilmente permite uma mobilidade social. E esse perfil se esgarça no ambiente *online*, deslocando de maneira estrutural ao *offline*. Não existe a separação *on* e *offline*<sup>6</sup>, aqui são utilizadas na perspectiva didática.

---

<sup>6</sup> Albuquerque (2016) e Siedler (2016), discorrem sobre essa não separação *onoffline* em suas Teses de Doutorado no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Link: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/19649> e <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/19137> Acesso em 23 de mai. de 2025

Uma mobilidade social que está sendo ainda mais restrita, dado que além de se lutar pela manutenção da vida *offline*, também precisamos resistir para se manifestar na vida *online*. Ou seja, precisamos continuar a enfrentar esse poder verticalizado, em que as mulheres, em especial as negras e periféricas, estão sempre abaixo de quem exerce o poder, em posição de subserviência, constantemente inferiorizadas. Para se manter em evidência, as pessoas que usam as redes sociais têm um grande aliado, o algoritmo, que é um conjunto de

sistematizações de procedimentos encadeados de forma lógica para realizar tarefas em um espaço computacional [...] de forma simplificada a mediação automatizada de decisões sobre questões de interesse público, como a presença, a ausência ou a saliência de conteúdo nas timelines do Facebook” (Silva, 2022, p. 62).

O algoritmo é utilizado para moderar, visibilizar e invisibilizar conteúdos e pessoas, e por mais automatizado que pareça, é na verdade previamente treinado por humanos, e assim, os “algoritmos são produções humanas e, portanto, atravessados por tradições, por valores subjetiva e intersubjetivamente partilhados, mas sobretudo com finalidades historicamente determinadas” (Faustino; Lippold, 2023, p.147). E são essas finalidades históricas que nos permitem pensar a finalidade do contínuo apagamento e silenciamento de escritoras negras nas redes sociais, dificultando o compartilhamento de suas produções.

Como já relatei na introdução, tenho um perfil literário, que criei no ano de 2020 e o fiz para compartilhar despretensiosamente minhas impressões de leituras e, posteriormente, comecei a divulgar o trabalho de escritoras negras e periféricas. Assim me aproximei de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, entre tantas outras que não aparecem, e que eu nunca tinha tido contato. Com o tempo, percebi que falar apenas dos livros e divulgar escritoras não era exatamente o que eu desejava fazer. Cada vez mais me interessa o contexto em que estamos, as implicações sociais, culturais, políticas a que estamos expostas, nesse ambiente que interage e se integra *confluindo* e por isso, não há como falar de livros, obras, narrativas e não trazer e relacionar corpos e a sociedade na qual vivemos e atuamos. Não querendo ser genérica, assim, assinalando sobre minhas escolhas, uma metodologia de pesquisa que busca problematizar resistências e apagamento de mulheres negras no campo das mídias digitais, tendo sido impulsionada a partir de uma obra literária. Um caminho de enfrentamento a partir de uma epistemologia,

a Teoria *Corpomídia* que tem no seu conceito uma abordagem indisciplinar, não dualista e contextualizada, que possibilita criar condições para transformação do próprio indivíduo em seus espaços de atuação, na relação de trocas coadaptativas em corpo, contexto e ambiente. Lembrando que a *mídia* a qual essa teoria se refere não traz a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão.

A *mídia* à qual o *Corpomídia* se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo, que é sempre em processo. Com isso, as informações se transmitem em processo de contaminação *onoffline*. Dessa forma, a *autoetnografia performática* como metodologia, problematiza principalmente pelas nossas histórias, de mulheres subalternizadas e marginalizadas que se relacionam com os sistemas considerados hegemônicos.

**Figura 18**



Fonte: Reprodução da Internet

Observo que após um certo tempo nas redes sociais (Figura 18 e 19), como por exemplo, no Instagram, o crescimento e o engajamento das minhas postagens não são relevantes. É possível verificar que há uma grande instabilidade nos números de seguidores e isto é decorrente de fatores que não é possível delimitar, exceto em casos específicos, como relatado por pessoas que me confirmaram que não deixaram de me seguir, entretanto, em algum momento, eram notificadas sob a alegação de que não estavam mais seguindo o meu perfil, em especial nesta rede social específica.

**Figura 19**



**Fonte: Reprodução da Internet**

Quando comparado a outros perfis literários de mulheres e escritoras não racializadas, há uma grande discrepância, principalmente em termos de números e, consequentemente, resulta na baixa visibilidade de perfis como o meu, que falam de

livros, literatura e sociedade e que buscam divulgar nas redes sociais escritoras negras. A esse fenômeno, podemos chamar de racismo algorítmico. Silva (2022, p. 66) diz que, o racismo algorítmico é “o modo pelo qual a disposição de tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pela supremacia branca realiza a ordenação algorítmica de classificação social, recursos e violência em detrimento de grupos minorizados”.

E como se não bastasse a baixa visibilidade e de engajamento nos conteúdos compartilhados, grupos minorizados como o de mulheres negras e escritoras, ainda sofrem com violências, que vão além do sentimento de apagamento, e seguem por comentários pejorativos e ofensas no tocante aos marcadores raciais, a saber, a textura do cabelo, o tom de cor da pele, os traços faciais.

E é impressionante o quanto a “concorrência” é ampliada para nós, mulheres negras, quando entram no jogo algorítmico pessoas de outras nacionalidades. Ano passado, uma criadora de conteúdo estadunidense, a Courtney Novak, causou um grande rebuliço nas redes sociais ao descobrir *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e compartilhar com seus seguidores suas impressões sobre esse grande e famoso clássico da literatura brasileira. Apresento esse fato, pois, impressiona a reverberação de postagens como essas, que são amplamente divulgadas pela rede, que com seus algoritmos, começam a espalhar a novidade (que já não é novidade nenhuma para o brasileiro), precisamente ela sendo uma mulher branca e de outro país.

Algo tão relevante quanto o fato de ela promover a obra machadiana, é que publicações sobre escritoras negras no Brasil não provoquem os mesmos efeitos. Sobre isto, eu fiz uma paródia, criando um vídeo em que me espanto com a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, utilizando falas semelhantes às da Novak, em uma tentativa de criar uma atmosfera similar a que ela produz, com o intuito de causar nesse mesmo público que passa a ler, volta a ler e recomenda com todas as forças o livro do Machado, uma vontade de ler autoras negras: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Jarid Arraes, Elisa Lucinda, Eliana Alves Cruz, Jessika Oliveira, entre outras.

Nesse vídeo em especial, as estatísticas demonstram o baixo engajamento e a pouca responsividade do conteúdo apresentado: foram 947 visualizações, 77 curtidas, 6 comentários e 6 compartilhamentos. No vídeo da Novak sobre o *Dom*

*Casmurro*, de Machado de Assis, os dados são: 18,7 mil curtidas, 2.311 comentários e 4.043 compartilhamentos. Observe, na Figura 20:

**Figura 20**



**Fonte: Reprodução da Internet**

Figura 21



Fonte: Gerado pela autora

Figura 22



Fonte: Gerado pela autora

É impressionante o quanto a audiência literária brasileira valoriza muito mais as pessoas e as publicações estrangeiras em detrimento do trabalho feito no Brasil (Figuras 21 e 22). Parece que há um problema nos limites de nossas fronteiras que impede as pessoas deste país de valorizar as suas escritoras e sua produção literária, até mesmo quando as publicações são ovacionadas em outros países como é o caso de Carolina Maria de Jesus, cuja visibilidade foi tão expressiva que sua obra não apenas foi publicada em outros idiomas em mais de 40 países, como também continua sendo valorizada internacionalmente até hoje.

Carolina foi amplamente divulgada no período do seu primeiro livro no Brasil e no mundo, sendo publicada em diversas línguas. Recebeu homenagens na Argentina, nos Estados Unidos e na Europa e depois desse primeiro período e por muito tempo, a voz de Carolina foi silenciada e ela apagada das rodas literárias, voltando a aparecer tempos depois na academia, em pesquisas realizadas nas diversas universidades espalhadas pelo país, e nas redes sociais com o surgimento dos perfis literários e dos grupos de leitura coletiva que começaram a expandir seu olhar para uma literatura longe do cânone e próxima da sociedade e suas *escrevivências*.

Mas nem todo esforço para publicizar e expandir a visibilidade de escritoras negras e periféricas como Carolina Maria de Jesus é suficiente para conter o seu apagamento nas redes sociais. O algoritmo, exerce uma espécie de seleção a partir

de marcadores raciais, distribuindo de maneira desigual os acessos aos conteúdos produzidos digitalmente por essas mulheres e consequentemente para os conteúdos utilizados para divulgar outras escritoras negras. Enfim, é possível reconhecer nessa cadeia sucessiva o que Faustino e Lippold (2023, p. 149), chamam de racialização codificada ou racialização digital:

[...] a noção de *racialização codificada* ou *racialização digital* possa ser mais abrangente para dar conta da explicitação do contexto material de desenho dos algoritmos, de forma a evidenciar a seletividade racial dos cargos técnicos em empresas de programação, a distribuição social desigual de prestígio entre produtores de conteúdo digital na internet e codificação naturalizada dos discursos e estética racistas nas mídias sociais e nos bancos de imagens digitais.

Ao continuar produzindo e falando nas redes sociais como mulheres negras sobre outras escritoras negras, estamos confluindo para ocupar espaços que não foram reservados para nós, entretanto, não recuaremos diante das adversidades. Mesmo que a racialização digital nos seja imposta, vamos continuar nos posicionando e impondo nossa presença nesses espaços, sejam eles *online* ou *offline* (separados à título de didática como já explicado)

### 3.2 Escritoras negras insubmissas driblando o algoritmo

Quando eu resolvi compartilhar no meu perfil literário, *Primeira Impressão*, resenhas sobre livros, estava de maneira inconsciente compartilhando pedaços de mim e da minha história imbricada em opiniões e em performances que não se afastam em nenhum momento de quem sou e do que eu acredito. Lejeune (*apud* Rago, 2013, p. 32), cita: “escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes”. Que não pôde ser disfarçado na realidade física e agora se estende para as redes sociais, no ambiente digital com o apagamento e silenciamento de vozes de escritoras negras. A *escrita de si* passa a ser, portanto, um grande desafio, mas que vem sendo superado pelas mulheres que cada vez mais, apresentam sua voz e suas produções artísticas em plataformas como o Instagram e o TikTok. Orellana (p. 52, 2008 *apud* Rago 2013, p.480),

[...] na escrita de si, não se trata de um dobrar-se sobre o eu objetivado, afirmando a própria identidade a partir de uma autoridade exterior. Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em

que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade, já que 'o indivíduo se autoconforma a partir da relação com os outros, em uma experiência voltada para fora'.

Acontece que quando uma escritora negra expõe suas ideias e as compartilha nesse ambiente digital, ela abre a possibilidade de ser ela mesma, ou ser quantas dela mesma desejar ao mesmo tempo em que compartilha outras forças que se compõem e que se confraternizam curtindo, comentando, compartilhando e republicando, comprovando que há portanto, uma outra experiência, em uma proporção muito maior do que àquela presente na autobiografia confessional que *"reitera discursos normalizadores e ata o indivíduo à sua própria identidade"*.

Durante um curto período, criei uma série de vídeos no meu perfil, *Primeira Impressão*, no qual compartilho fatos que acontecem comigo, destacando o marcador racial, que denominei "diário de sobrevivência". Nesses diários, que ao olhar superficialmente podem parecer com relatos autobiográficos em um caráter epistolar, pode ser caracterizado como a *escrita de si*, mencionada acima. Todas as vezes que postava um diário (Figura 23), recebia uma série de mensagens de apoio, compartilhamentos de episódios similares e percebia o quanto contar aqueles relatos abriam um leque de possibilidades para que outras mulheres que passavam por situações similares também pudessem repensar sua condição e se manifestar, seja para diminuir a dor, seja para confirmar uma dúvida sobre uma agressão sofrida e não reconhecida imediatamente.

**Figura 23**



**Fonte:** Gerado pela autora

Não há nenhuma formalização hegemônica que impeça a mim ou outras mulheres de se manifestarem nas redes sociais e a “fala de si” é constantemente presenciada nesses espaços digitais, entretanto, há uma espécie de sombra que cobre e apaga nossas manifestações, mantendo nossos discursos silenciados. No caso de Carolina,

A dimensão do silenciamento, contudo, não é só material - isto é, não se restringe às quase cinco mil páginas escritas de Carolina que, “guardadas”, ainda não vieram a público. O silenciamento também se faz num âmbito sub-reptício, profundo, que diz respeito à dimensão da escuta, à maneira como Carolina Maria de Jesus é “capturada” enquanto autora: *incluída* na literatura como margem, ela sempre esteve na periferia do centro, inclusive do centro da ideia de literário. Essa perspectiva está interposta nas aspas que Audálio Dantas usa para relativizar *aquelas “poesias”, aqueles “contos” e aqueles “romances”*, suspendendo o próprio fundamento que sustenta estes gêneros: a literariedade, um princípio ficção. Fica estabelecida assim uma oposição entre **literariedade** da escrita e **literalidade** do discurso. A valoração que a obra recebeu esteve (e ainda está) relacionada a um campo delimitado e fixo de expressão, que circunscreve sua escrita a um lugar enunciativo emparedado à imagem da escritora favelada, que retrata “a realidade” - silenciando sua vitalidade autoral em um lugar *discriminado*: quarto de despejo da cidade, quarto de despejo da palavra (Miranda, 2019, p. 166)

O apagamento material ao qual Miranda se refere está em processo de resolução, visto que instituições como a Editora Schwarcz e o Instituto Moreira Salles estão providenciando o mapeamento e recuperação do acervo de Carolina espalhado pelo Brasil, conforme já foi mencionado anteriormente. Entretanto, o silenciamento no que diz respeito no âmbito sub-reptício na dimensão da escuta e a estereotipação de Carolina como escritora favelada, que retrata “a realidade” se reproduz continuamente, não somente sobre a escrita desta, mas de tantas outras que permanecem silenciadas, mas que aos poucos estão driblando o racismo algoritmo imposto.

Existem muitas mulheres autoras que estão driblando o algoritmo com sua voz e outras manifestações corporais nas redes sociais. Dentre tantas, o primeiro nome que me vem à mente é Ryane Leão, nascida em 1988 em Cuiabá, professora e autora de livros de poesia, começou sua trajetória para driblar o algoritmo no Facebook com um projeto em que atua há mais de 10 anos e atualmente já conta com mais de 600 mil seguidores.

Conheci a Ryane desde o começo do meu trabalho como criadora de conteúdo no Instagram e iniciei a minha busca por escritoras negras, em um período

que lia poesia todos os dias de manhã em formatos de lives. Quando li...

“nem todo mundo vai compreender  
 isso tudo que você é  
 o que não significa  
 que você deva se esconder  
 ou se calar  
 o mundo tem medo  
 de mulheres extraordinárias”

...senti que ela também falava por mim, coisas que eu mesma não conseguia dizer até então. Uma poesia que me acolhe e me representa!

Ryane começou a divulgação do seu trabalho compartilhando sua poesia em São Paulo, como artista de rua, no ano de 2008, com colagens em forma de lambe-lambes e, assim como Carolina Maria de Jesus, encontrou “através da literatura, um jeito de expressar suas vivências, anseios e cotidiano na sociedade na qual estavam inseridas” (Ferreira, 2022, p. 22). E a partir de seus lambe-lambes, a Ryane espalhou poesia pelas ruas de São Paulo, e contra todo o sistema conseguiu popularizar o seu trabalho, desde as impressões colocadas nos postes e muros da cidade até nos posts fixados em ambiente virtual.

As redes sociais foram uma ferramenta para a divulgação do projeto intitulado por Onde jazz meu coração, no qual divulga suas poesias. Devido à grande repercussão que teve seu primeiro livro Tudo nela brilha e queima, publicado em 2017, sua outra obra intitulada Jamais peço desculpas por me derramar foi publicada em 2019. Ambos os livros retratam temas como violência, mulher, racismo e amor próprio através da poesia (Ferreira, 2022, p. 58).

Em 2025, Ryane lançou *Ninguém pode parar uma mulher ventania*, seu terceiro livro de poesias, dando continuidade à sua produção literária, inspirando e fortalecendo outras mulheres, divulgando e promovendo seu próprio trabalho nas redes sociais, não se deixando vencer pelo apagamento e silenciamento contínuo com as mídias digitais produzidas por mulheres negras e periféricas, bem como de outros grupos sub representados. É possível encontrar a Ryane Leão nas redes sociais com o nome @ondejazzmeucoracao (Figura 24).

Figura 24



Fonte: Gerado pela autora

Outra escritora e poeta brasileira que trilha caminhos semelhantes aos de Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão, é Mel Duarte<sup>7</sup>. Nascida em São Paulo, Mel é escritora, poeta, *slammer* e produtora cultural com atuação na sua cidade natal. Fez faculdade de Comunicação Social, e atuou profissionalmente até que decidiu se dedicar exclusivamente à carreira de escritora.

Autora de diversas obras, dentre as quais se destaca *Poesias para ler em voz alta* (2019) na qual consta o poema *Querem nos calar* (2024):

“Querem nos calar

Escreva, mulher

Que não falha o poder da sua palavra

Escreva, mulher

Que não falha o poder da sua palavra

Uma mulher que escreve

Ninguém cala

---

<sup>7</sup> Para saber mais sobre a produção literária da Mel Duarte:

[http://www.lettras.ufmg.br/literafo/arquivos/autoras/MelDuarte/mel\\_duarte\\_db.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/literafo/arquivos/autoras/MelDuarte/mel_duarte_db.pdf)

Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Aqui estamos nós, donas de nossas próprias palavras  
Revolucionárias do cotidiano, regando a terra outrora  
Batida por nossas antepassadas, firmando nossas pegadas  
Sabendo que hoje, cada vez que nossa fala se propaga  
Equivale a dez que antes foram silenciadas  
Mulheres de uma geração atrevida  
Filhas dos saraus e batalhas de poesia  
Alquimistas, libertárias, propagandistas da oralidade  
Compartilhando nossas travessias  
Bradando nossa realidade!  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Uma mulher que escreve  
Ninguém cala

Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Sempre semeando essa terra verbo fértil  
Perpetuando nossa existência através de versos  
Escrevendo quantos poemas manifestos  
Forem necessários por dia  
Pra cada vida interrompida ter mais valia  
Não mais invisíveis, não mais mercadoria  
Se querem nos privar, ocuparemos espaços!  
Se querem nos apagar, escreveremos livros!  
Se querem nos calar, juntas, vamos falar mais alto!  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Escreva, mulher  
Que não falha o poder da sua palavra  
Uma mulher que escreve  
Ninguém cala  
Uma mulher que escreve

Ninguém cala  
 Escreva, mulher  
 Que não falha o poder da sua palavra  
 Escreva, mulher  
 Que não falha o poder da sua palavra  
 Uma mulher que escreve  
 Ninguém cala  
 Uma mulher que escreve  
 Ninguém cala”

Conheci esse poema da Mel em 2024, quando estava no processo de lançamento do meu livro *quintal de casa: memórias* (2024), mas ainda não era de conhecimento público. Me senti fortalecida pelo poder da escrita desta autora, que com seus versos, me lembrou de maneira efetiva sobre a importância de escrever e continuar escrevendo com o *ímpeto carolinesco* que sinto quando desejei escrever, e me pus a publicar, afinal “uma mulher que escreve, ninguém cala”.

Assim como a Ryane, a Mel também ocupa espaço nas redes sociais, com uma rede de quase cinquenta mil seguidores, apresentando sua poesia e experiências como escritora e artista da palavra independente. Quando Mel Duarte fala dos seus processos de escrita e compartilha seus versos tão profundos, ela incentiva outras mulheres a continuarem escrevendo e sobrevivendo no ambiente hostil que são as redes sociais. Ela dribla o algoritmo de forma intensa e demonstra que é possível perseguir um sonho de publicar e de ser lida, apesar das adversidades enfrentadas por conta do algoritmo.

Para acompanhar o trabalho da Mel nas redes sociais, é necessário segui-la no perfil do Instagram @melduartepoesia, onde é possível encontrar suas publicações, seus lançamentos musicais e seus livros publicados até o presente momento. Quanto aos livros, estão disponíveis: a antologia *As 29 Poetas Hoje* (2021), *Colmeia* (2021), *Negra Nua Crua* (2020) e *Querem nos Calar* (2019).

Nas palavras de Mel Duarte (2024) “escreva, mulher que não falha o poder da sua palavra” (Figura 25), e desta maneira muitas mulheres podem continuar escrevendo, sendo publicadas e principalmente, se manifestando pela palavra. Mel e Ryane são apenas dois exemplos de escritoras negras insubmissas e que expõem seu trabalho nas redes sociais, driblando o algoritmo.

**Figura 25**

**Fonte; gerado pela autora**

*Carolina, agora vamos até a cozinha! Chá de erva-doce com bolo de fubá para driblarmos esse frio de Conquista!*

Deixa-me te contar Carolina, precisei desativar as notificações do aplicativo de redes sociais que eu mais usava, o Instagram. Eu recebia muitas notificações por dia e isso me impedia de ficar tranquila e até mesmo de me concentrar. Enquanto lia, escrevia, ou assistia a um filme, olhava sempre se havia alguma novidade no aplicativo e percebi que de alguma forma, havia me tornado refém das redes sociais e das mídias sociais, que vão nos aprisionando, por mais que a gente diga que tem total controle sobre nós mesmas. A verdade é que perdemos o controle há muito tempo (sic).

Acontece de maneira sorrateira, quando a gente começa a postar vídeos, fotos e outros conteúdos e espera a aceitação das pessoas. Esperamos que todo mundo veja e comente e o engajamento comece a funcionar bem e que as pessoas desejem ver mais do que a gente faz e com isso, aumente o número de seguidores. Você vê outras pessoas dando dicas de como fazer seu perfil “crescer” e de como ter mais visualizações no perfil. E eu comecei a ver esses vídeos e tentar entender como essa coisa toda funcionava, mas, é mais difícil do que parece. Antes eu

acreditava que eu estava fazendo algo de errado, ou que o que eu estava fazendo não era suficiente. Então diversifiquei meus conteúdos, mudei a forma de interagir, mudei os dados no meu perfil, mas pouca coisa mudou. Existia algo que eu não tinha feito Carolina, e eu demorei a perceber.

Ou seja, para aparecer mais, era necessário ser alguém que eu não sou. O algoritmo, esse que orquestra o funcionamento das redes sociais e o modo como as mídias sociais digitais se comportam, não consegue ver todo mundo. E como não consegue ver todo mundo, ele não mostra meu perfil e minhas produções para outras pessoas. O algoritmo não consegue entender como uma mulher negra e escritora pode falar de livros e de literatura. É como se esses dados não combinassem e então, não consigo visibilidade por ser quem eu sou e ao mesmo tempo, não consigo aparecer por falar do que eu falo. Um duplo apagamento que eu não entendia, mas agora, é perceptível.

Nesse momento atual (março/2025), estou vendo meu número de seguidores aumentar e diminuir em um fluxo constante. Carolina, funciona mais ou menos assim, eu ganho dois seguidores e perco quatro e assim, prendo-me a necessidade de produzir mais e mais conteúdos, de maneiras diversas para que a marca dos quatro mil (4k) seja ultrapassada, mesmo que pareça em vão. Afinal, eu posso não estar aparecendo nem para meus próprios seguidores e isto acontece de maneira involuntária para as pessoas, porque o algoritmo toma conta de tudo, ele resolve o que é bom e o que não é para todo mundo. Então, se ele diz que eu, uma mulher negra, não combina com os conteúdos relacionados a livros, literatura e sociedade, então, eu não combino, ninguém vai ver e eu tenho que lidar com isso.

Não quero, mas assumo que estou refém do algoritmo, colocada em um *quarto de despejo* reservado para pessoas que o algoritmo não considera interessante ou conveniente. Me sinto cansada e muito injustiçada, Carolina. Eu só estou tentando compartilhar o que eu acredito com pessoas que gostam do que eu compartilho e não acho que seja possível, que ninguém goste do que eu faço. Não é possível que as pessoas simplesmente deixem de me seguir, porque pararam de interagir com meus conteúdos, mas, *por que eu preciso dessas pessoas me seguindo nas redes sociais? Porque eu não consigo parar de pensar nisso, todas as vezes que compartilho um conteúdo e simplesmente sigo minha existência na realidade onoffline?*

Ainda não tenho essas respostas, Carolina, mas como refém posso lhe dizer, que não estou sozinha nessa. Somos muitas mulheres - escritoras apenas querendo apresentar nossos trabalhos, nossas produções, nossa arte ao mundo, e sentir que livremente, as pessoas estão acessando e escolhendo, mas o algoritmo, esta ferramenta de controle não nos permite aparecer. Lembro de quando você relata no seu *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, quantas vezes você levou seus escritos para jornais e entregou a pessoas que diziam que iriam ler e publicá-los. *Quantas portas fechadas você não encontrou, Carolina? Quantos “nãos”, você teve que ouvir, até que alguém escolhesse o que “merecia” e como deveria ser publicado?*

Eu sei que em meio a tantas negativas, você continuou firme em seu propósito e na audácia que lhe é própria, nunca deixou de acreditar e de reivindicar o seu lugar de poeta e escritora. Você sempre o foi, mesmo quando lhe diziam que era uma catadora de resíduos, mesmo quando não acreditaram em seu potencial, até quando lhe renegaram à própria sorte, com seus três filhos na favela do Canindé. Mesmo quando você pegava água de manhã cedo e repetidas vezes sentou para escrever e foi interrompida pelo fluxo do dia. Mesmo quando chovia e você desamparada não sabia o que fazer para conseguir dinheiro suficiente para tirar o “amarelo” do rosto de suas crias. Você sempre acreditou que a escrita a salvaria. E continua a nos salvar...

## **CAPÍTULO 4 - DO QUARTO DE DESPEJO PARA O QUINTAL DE CASA: imbricações entre o perfil *Primeira Impressão* e a história de Carolina Maria de Jesus.**

*"Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever.  
Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo".  
(Jesus, 2014, p. 22)*

Durante meu percurso como criadora de conteúdo, conheci muitas escritoras negras e me conectei com muitas delas na leitura de poesias, discussões sobre seus textos em grupos de leitura e na feitura de resenhas críticas que me constituíram também como sou hoje e me tornaram uma escritora, confluindo como *mídia de si mesmo*, à medida que transito entre o mundo *onoffline*. Entre idas e vindas nas leituras e nos escritos, me desloquei do “quarto de despejo para o “quintal de casa”, e nesse momento me sento e escrevo sobre Carolina, Ryane, Mel e sobre mim mesma.

### **4.1 Papel das mídias sociais digitais na divulgação literária**

O Instagram é atualmente uma das principais ferramentas de divulgação das produções literárias de escritoras negras, além de *sites* e outras redes sociais, ampliando a possibilidade de alcançar leitoras/es para além do *onoffline*. De acordo com Araújo (2022), apesar do racismo contido no comportamento algorítmico praticado contra pessoas não brancas através de diversos segmentos tecnológicos, as escritoras negras e periféricas permanecem subalternizadas em silêncio contra o sistema hegemônico ao qual estamos submetidas.

Está cada vez mais escancarado que “o cânone também lima aqueles que não têm referências, a crítica a seu lado etc. Ele é masculino, branco e tem limites geográficos” (Santana, 2008). Ao verificar quem participa de premiações e eventos relacionados à literatura percebemos que as escritoras negras e periféricas não ocupam os mesmos espaços em termos de igualdade ou equivalência<sup>8</sup>. Para que

---

8

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/literatura-ausencia-de-negras-revela-forma-distorcida-de-representar-sociedade>

essas mulheres possam ser vistas e principalmente lidas, ratifico que o trabalho de divulgação nas redes sociais funciona como um pilar fundamental para difusão e expansão de seus escritos no meio digital, podendo extrapolar para o meio físico.

Quando falo da divulgação de autoras negras e periféricas também me incluo totalmente, visto que quando lancei meu livro de poemas *quintal de casa: memórias*, tive que lançar uma campanha de apoio coletivo juntamente com minha editora que é composta por duas mulheres e se concretiza como independente. Para alcançar o valor mínimo para publicação, fiz inúmeros vídeos e me dediquei por dias na produção de conteúdo que alavancasse a venda de exemplares, que seriam enviados somente depois do fim da campanha. Não foi fácil conviver com a dúvida do sucesso da campanha e por isso confesso que olhava a lista de apoiadores diversas vezes ao dia até que finalmente olhei e tinha ultrapassado a meta.

Os meus poemas finalmente foram publicados em uma edição belíssima, enquanto gesto uma série de outros poemas e contos e longas narrativas, sempre na perspectiva de uma *escrita de si*, pensando com o estudioso Luis Costa Lima que nos diz:

[...] devemos lembrar que não é apenas o eu a matéria indispensável para a autobiografia – o que a confundiria com o diário –, pois tem como seu traço absoluto o intercâmbio de um eu empírico com o mundo, Por assim dizer, a autobiografia supõe um duplo e simultâneo foco: como o eu reage ao mundo e como o mundo experimenta o eu (Lima, 1986, p. 255).

E diante dessa perspectiva de escrita que compartilho meus poemas e outros escritores com o mundo, do mesmo modo como outras escritoras negras e periféricas também tem feito durante anos. Carolina, que muito embora tenha escrito diários, pratica enquanto *Corpomídia* uma *escrita de si* de maneira única, a medida em que declara sua escrita em relação com o mundo e como o mundo a experimenta. A cada trecho lido em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), é possível perceber em seus relatos como a experiência de Carolina impregnava sua escrita e como ela não passava despercebida em nenhum lugar. Sempre foi um destaque ao andar pelas ruas da cidade de São Paulo, conforme está explícito no trecho abaixo:

Eu estava indisposta. Com vontade de deitar. Mas, prossegui. Encontrei varias pessoas amigas e parava para falar. Quando eu subia a Avenida Tiradentes encontrei umas senhoras. Uma perguntou-me:

—Sarou as pernas?

Depois que operei, fiquei boa, graças a Deus. E até pude dançar no Carnaval, com minha fantasia de penas. Quem operou-me foi o Dr. José Torres Netto. Bom médico. E falamos de políticos. Quando uma senhora perguntou-me o que acho do Carlos Lacerda, respondi concientemente:

—Muito inteligente. Mas não tem educação. E um político de cortiço.

Que gosta de intriga. Um agitador. Uma senhora disse que foi pena! A bala que pegou o major podia acertar no Carlos Lacerda.

—Mas o seu dia... chegará — comentou outra.

Varias pessoas afluiram-se. Eu, era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva, porque eu estava catando papel, andrajosa (...) Depois, não mais quis falar com ninguém, porque precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão. Trabalhei até as 11,30. Quando cheguei em casa era 24 horas. Esquentei comida, dei para a Vera Eunice, jantei e deitei-me. Quando despertei, os raios solares penetrava pelas frestas do barracão (Jesus, 1960, p.12).

Ao ler Carolina, percebemos o quanto a sua escrita até hoje conflui com a vida de muitas escritoras negras e periféricas nos mínimos detalhes, desde o “estava indisposta” até o “esquentei a comida”. É nesses detalhes que percebemos o quanto Carolina experimentava o ambiente e o ambiente influenciava diretamente o seu comportamento, em 1960, sem a existência de redes sociais, Carolina e tantas outras escritoras negras, que estavam longe do cânone literário, não eram vistas, e como já ficou claro anteriormente nesta pesquisa, Carolina foi uma exceção à regra, posto que foi um homem branco, que participava da elite intelectual do país, quem a viu e promoveu sua escrita, claro que, nos moldes que ele considerava adequado e como julgou ser o melhor para a autora, independentemente de suas objeções.

Atualmente, escritoras negras estão vindo à baila nas redes sociais e isto se deve ao uso das mídias digitais por parte de outras mulheres negras que despertaram para uma escrita que foi silenciada em suas gargantas por séculos. Nesses caminhos de se divulgar e de divulgar outras escritoras negras me encontro como ponto de contato com o que está sendo produzido hoje e com o que foi produzido há muitos anos e havia sido silenciado e pagado pelas estruturas hegemônicas que combato constantemente com minha presença constante nas redes sociais. *E o que seria de nós escritoras negras, sem outras mulheres negras que se sentem representadas e promovem suas escritas?*

Acredito que continuaríamos silenciadas, apagadas e no “quarto de despejo”, como foi durante todo esse tempo. Precisamos revirar os escombros da história e trazer à tona as palavras escritas de mulheres que foram sabotadas e impedidas de se manifestar publicamente. Consciente do racismo algorítmico que sofremos constantemente, e das as redes sociais apesar de nos tornar cada dias mais

dependentes, porém ainda é uma das formas mais eficazes de divulgar o trabalho de escritoras negras, visto que nem as editoras, têm colaborado com a presença e sobretudo a permanência de escritoras negras e periféricas no meio literário brasileiro. “Ao entrar em perfis nas redes sociais de algumas editoras, vemos uma falta de divulgação dos poucos autores negros contratados por elas e poucas capas com personagens não brancos” (Guimaraes, 2023, p. 47).

E se não as editoras e outras instituições que detém o poder, então, cabe a nós, mulheres negras a divulgação das escritoras negras e periféricas nas redes sociais com o uso das mídias sociais digitais. Afinal, somos *Corposmídia* em pleno movimento, nos constituindo não sob uma perspectiva individual, mas coletiva, adotando uma postura na qual interagimos com o mundo *onoffline*, como Carolina o fez, enquanto catava papel e concatenar em si mesma as informações que o mundo emanava, *confluindo e transfluindo*.

Esse apagamento se prolifera nas prateleiras de livrarias, de bibliotecas, em ambientes acadêmicos, em salas de aula de ensino fundamental e na maioria dos lugares que deveriam estar abertos à cultura e à diversidade de maneira indistinta. Quando não somos vítimas do apagamento efetivo, somos estereotipadas e colocadas em lugares rígidos que condenam a mulher à uma feminilidade descabida. Quando nós mesmas nos retratamos e falamos de outras mulheres, as encaramos e descrevemos com verdade e completude, ao contrário do que percebemos ao reparar em como o “[...] universo literário é rico na representação da mulher nos seus múltiplos estereótipos, como, por exemplo, o da mulher-anjo (doce, meiga e pura) e o da mulher-demônio (lasciva, ardilosa, irresponsável)” (Maciel, 2017, p. 232). porém a questão de ser protagonista de sua própria história é posta de lado. A mulher enquanto protagonista de sua própria história e em suas próprias palavras e tessituras não é devidamente respeitada e por isso, raramente pode ocupar os espaços como escritora. Assim, quando somos descritas por homens, com suas descrições descabidas e corrompidas por um imaginário machista e muitas vezes misógino, seus trabalhos são ovacionados e laureados, até que sejam colocados em pedestais, recebam seus bustos de bronze e ocupam cadeiras nas Academias de Letras espalhadas pelo país.

Para Maciel (2017, p. 232), tais estereótipos são meios de justificar “o rebaixamento social da mulher”, reforçando “o modelo misógino do cânone em que a mulher é excluída enquanto escritora e secundarizada enquanto personagem,

legitimando a condição subalterna da mulher na sociedade”. Mas basta! Rejeitamos o lugar de personagem e nos levantamos insubmissas para assumir um lugar de protagonistas em nossas próprias histórias com uma escrita nossa, enquanto *mídias* de nossas narrativas pessoais em nossas interações com o ambiente, enquanto estas mesmas relações nos moldam enquanto mulheres que não se encaixam em estereótipos, mas se fazem constantemente em um fluxo contínuo de ir, vir e voltar.

No processo de divulgação a leitura dos textos é essencial, tendo em vista que esta divulgação não se dá apenas com a escrita, pois, enquanto divulgo autoras negras, parto também de um lugar de leitora crítica, que ocupa esse espaço de amplificadora do trabalho de escrita de outras mulheres, afinal, não só fomos tolhidas de escrever, como também de publicar, e de ler. Afinal, ler nos humaniza, uma vez que “particularmente a literatura, quando bem compartilhada, pode nos humanizar, re-humanizar, dimensionar e redimensionar o mundo e os seres humanos” (Paula, 2012, p. 21-22). E quando lemos o que outras mulheres escrevem, nos humanizamos umas nas outras, em trocas constantes que se realizam virtual e/ou fisicamente, como um reconhecimento que se dá pela escrita e pela leitura.

Silva (2018, p.13) afirma veementemente que “Vamos botar fogo em seus papéis. Abram os olhos e os ouvidos: agora é nossa vez de narrar”. E se levarmos ao pé da letra, certamente teríamos que construir uma história literária que desde os primeiros escritos colocou a mulher como personagem, nunca como a detentora da pena e da tinta. Esta pesquisa traz à baila uma série de acontecimentos que demonstram como as escritoras negras estiveram em “quarto de de despejo”, e como eu e outras mulheres negras estamos tentando trazê-las para os outros cômodos da sociedade: a sala de visitas, a área de luz, o jardim ou o quintal.

#### 4.2 Primeira Impressão: um *Corpomídia* criando/gerando/tecendo/articulando muitos conteúdos

Eu crio conteúdo literário desde o ano de 2020 no meu perfil nas redes sociais. Sigo criando e sinto constantemente os efeitos de estar presente nas redes sociais, como venho evidenciando ao longo desta pesquisa e esse é mais um ponto de contato entre Carolina e eu, que nos movimentamos e sentimos os efeitos do ambiente em trocas infinitas, algumas vezes boas, mas muitas vezes dolorosas.

Todos os dias, me deparo com uma série de informações relacionadas com o preconceito que, nós, mulheres negras e escritoras sofremos em diversas instâncias sociais e é impossível de passar despercebido, por isso me repito no texto

Assim, o corpo que passou a encontrar com mais frequência com as informações sobre *blackface*, apropriação cultural, a violência do cotidiano nas comunidades, as múltiplas formas que o racismo toma em uma sociedade colonial, que ainda ecoa a escravidão, dentre tantas outras, igualmente relevantes, não pode continuar a ser o mesmo que era antes de encontrá-la" (Katz, 2019, p. 152).

Desta maneira, eu vou me modificando continuamente com as manifestações que compõem minha/nossa<sup>9</sup> produção de conteúdos e de acordo com as informações que absorvo e compartilho como *Corpomídia* em constante processo de transformação, produzindo informação, seguimos em trânsito contínuo entre mim e o seguidoras/es interagindo com essas informações que ao serem trocadas são jogadas na rede após serem modificadas.

Carolina Maria de Jesus foi um corpo em movimento e julgo necessário ressaltar uma característica inerente a sua história: a incompletude das informações sobre sua vida e sobre seu acervo literário e como continuamente produziu diversas mídias (aqui trata-se da mídia dura), a saber, jornais, revistas, livros, documentários, entre outros, absorvendo informação e reproduzindo informações. Fato é que mesmo com tantos arquivos e documentos publicados, a incompletude das informações sobre sua vida ainda são uma forte característica a ser ultrapassada.

Após muitas leituras e muitos diálogos sobre esse assunto, constatei que Carolina se consolida como um corpo em movimento sobretudo pelo modo como se deu o início da sua carreira como escritora e da formação de seu acervo literário. Carolina sempre foi poetisa e escritora, mas teve que trabalhar no campo, como empregada doméstica e como catadora de resíduos sólidos, em especial, de papel até publicar seu primeiro livro.

Enquanto caminhava pelas ruas da cidade de São Paulo, ela buscava cadernos usados ou qualquer pedaço de papel que pudesse servir para consolidar a sua vocação: a escrita. O corpo em movimento a caminho da escrita. A escrita de

---

<sup>9</sup> "nossa" está nas trocas que fazemos constantemente nos ambientes, pois nunca estamos/somos sozinhos, e enquanto estamos em rede, ou nas redes sociais as informações não param de circular e se fazem corpo, no tempo presente. Desde o início da escrita poderia ter chamado atenção sobre utilizar o "nossa" junto com o "eu", porém achei mais pertinente apresentar a partir desse capítulo no qual discorro sobre o Primeira Impressão.

Carolina, enquanto *mídia de si mesmo*, resulta nesse corpo em movimento. Um corpo que,

[...] não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo deselegar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação. (Katz;Greiner, 2005, p. 7).

A Teoria *Corpomídia*, conforme apresentado acima norteia enquanto epistemologia esta pesquisa descrita *autoetnográfica performática*. Desta forma, enquanto corpo comunicamos na fala, nas escritas, nas aproximações que se fizerem necessárias e que venham a provocar mudanças no meio que atuamos. Da mesma forma que, qualquer mudança no ambiente que atuamos também pode provocar mudanças em quem emite essa fala. Isso acontece todos os dias comigo, enquanto produzo os conteúdos, falando de sociedade, correlacionando com obras literárias e divulgando escritoras negras, como Carolina.

Ou seja, Carolina em si mesma, enquanto esse corpo em movimento e que me movimenta como um caminho nas minhas escritas, se constitui como uma *mídia*, a ou enunciado, compartilhando informações com as pessoas ao seu redor,, principalmente quando pensamos os caminhos percorridos por essa autora E como movimento físico, declara Fernandez (2015), o sobrepeso dos resíduos carregados por horas, todos os dias, em um movimento contínuo, permitiu que ela escrevesse e praticasse a sua *poética de resíduos*

Mesmo Carolina não tendo acesso às redes sociais (na época não existia) essas trocas não param de acontecer, na relação corpo/contexto e ambiente e que acontece ininterruptamente, implicando nas suas escritas. Nesse mesmo lugar, eu me encontro, apesar de não carregar papel, sinto um outro peso sobre as minhas costas: o de trocar um grande número de informações todos os dias, que me modifica e me movimenta em uma velocidade que nem sempre consigo mensurar, mas que me cansa e me permite uma poética residual virtual e tóxica, na maioria das vezes.

Vale também ressaltar que a vida de Carolina foi marcada por mudanças e deslocamentos desde os seus primeiros anos de vida. Carolina continua assim, nesse movimento, em processo e como, eu estamos/somos *Corposmídia* em plena

ação, no meu caso sigo em prol da divulgação de escritoras negras, persistindo em continuar levando e trazendo informações sobre Carolina, e mantendo esse movimento contínuo de divulgação. Ao tecermos sua trajetória argumentamos e estabelecemos conversas sempre no presente com seus escritos que se atualizam constantemente, seja a partir de novas biografias, seja pelas interações realizadas por outros corpos que se mantêm (e a mantêm) em constante movimento, seja pelas interações constantes com seguidoras e seguidores que continuam a buscar Carolina nas suas brechas para existir.

Recentemente fui abordada por um homem que se declarou como catador de materiais recicláveis. A postagem na qual ele comentou, tratava da escrita marginal, do seu nascimento e de escritores e escritoras que fizeram parte desse movimento literário de 1970. Em seu comentário ele expôs a criação de uma lei que segundo ele “só beneficia os políticos e empresários”. Quando vi aquele comentário, pensei imediatamente nesta pesquisa e nos caminhos feitos por Carolina, que na década de 1960 já vivia a realidade marginalizada de nossa sociedade. Disse a ele que ficava feliz com seu comentário e que ele tinha me feito pensar em Carolina. Ele então me respondeu espontaneamente: “sim, a Carolina consideramos a nossa ancestral”. Carolina vive e pulsa desde seu nascimento, inclusive pela semelhança que havia entre si e sua mãe.

A mãe de Carolina chamava-se Maria Carolina de Jesus (mãe), e essas duas mulheres, que dividiram as dores de vidas diferentes, lutas diversas, se assemelhavam pela forma como lhes chamavam. Sobre sua mãe, as lembranças e os laços estabelecidos foram muito mais fortes. Segundo os relatos feitos pela própria Carolina Maria de Jesus, ela era uma mulher que estava além do seu tempo e assumiu posturas controversas e inadequadas para a época em que viveu. Sua mãe era quem trabalhava e trazia o sustento para casa. De resto, como tantas outras mulheres, nos finais de semana, saía do trabalho e ia se divertir nos bailes, e foi assim que conheceu João Cândido, o pai de Carolina.

Como disse desde a introdução desta pesquisa, nós não nos distanciamos de nossas ancestrais e com Carolina não foi diferente. Ao vasculhar os acontecimentos anteriores e concomitantes ao nascimento de Carolina, percebe-se como esta começou a ser construída em movimentos que não seguem uma linha reta, mas um fluxo contínuo, com reviravoltas nas quais é possível compreender como essa mulher negra escreveu e se manifestou com suas poesias, romances e seus diários

que durante muito tempo permaneceram sobre os escombros em um processo de desaparecimento que atingiu não apenas Carolina, mas tantas outras escritoras negras brasileiras.

Sua curiosidade e perguntas nem sempre eram bem recepcionadas, demonstrando seu desejo de saber mais. Sua inquietude era motivo de reclamações não apenas da família, como também da vizinhança, que perguntava de diversas formas se a pequena Bitita era louca. Ela, de fato, enxergava o mundo sob uma perspectiva diferente: "Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Coitadinha da África que, chegando em casa, não encontrou os seus filhos. Deve ter chorado muito" (Jesus, 1986, p. 52). Nesse ponto, Carolina trata a África como mãe, o que não poderia ser diferente, já que ela mesma teve três filhos, saía todos os dias para trabalhar, mas os encontrava na volta.

As contingências da vida conduziram Carolina de volta a cidade em que nasceu e posteriormente de forma abrupta para trabalhar na colheita de café em uma fazenda no estado de São Paulo.

Embarcamos numa segunda-feira. Na estação de Restinga, uma carroça estava nos esperando. Eram onze horas quando chegamos à fazenda Santa Cruz. O proprietário era o senhor Oliveira Dias, o Loló. Dormimos no solo como animais, porque os nossos cacos estavam na estação. De manhã o meu padrasto foi retirá-los (Jesus, 1986, p. 125).

Carolina nunca se sentiu parte de um sistema em que ela fosse uma força produtiva resultante de "relações de poder e de dominação" (Foucault, 2014, p. 29); ao contrário, era um corpo improdutivo e insubmisso. Por não se acostumar com o trabalho e os maus tratos na fazenda, ela saiu de lá e passou a trabalhar como empregada doméstica na cidade de Franca - SP. Descreve em seu diário que trabalhava em várias casas e, em todas elas, era maltratada e relegada à própria sorte. Ao contrário de Carolina, eu não consigo ser improdutivo e insubmissa, muito embora esse seja um desejo presente em meu coração.

Retorno às questões que me afetam, desejo não ser produtiva o tempo todo, mas estou totalmente imersa em um processo no qual tudo que faço é exercer atividades que nem sempre me remuneram financeiramente como gostaria, e que de alguma maneira me deixam sobrecarregada e indisposta. Queria ser tomada pela "*audácia*" de Carolina e ser levada a pensar em não ser pelo sistema e como *transfluir* entre ambientes de maneira desobediente.

Um corpo não-dócil que se recusava a trabalhar e, dessa maneira, corrompia o sistema socioeconômico que lhe impunha a necessidade de trabalhar e mais do que isso, ser produtiva e incansável. Carolina, nunca se permitiu ceder às cobranças mais evidentes, nem as subliminares, não importando o que lhe diziam, muito menos aquilo que as pessoas pensavam sobre ela, e simplesmente se recusava a fazer aquilo que lhe era imposto, não obedecendo às ordens e se deslocando, sempre que sentia a necessidade de partir.

Atuando nas redes sociais, enquanto *Corpomídia de escritos e escritoras* sinto que mesmo não precisando corresponder às expectativas de outros corpos controlados pelo sistema, ainda assim, me sinto compelida a ficar, a produzir e a continuar obedecendo ordens não humanas, mas dos algoritmos que me obrigam a postar a todo momento, todos os dias sem cessar. E quando não o faço, sou punida com perda de seguidores ou começo a parar de aparecer. Ou seja, ou me adequo aos critérios impostos pelo algoritmo, nesse processo neoliberal, ou perco automaticamente a possibilidade de expandir o meu alcance. Dessa maneira, não consigo levar mais conteúdos relevantes sobre escritoras negras, livros, literatura e sociedade, um processo opressor de produção no qual estamos cada dia mais implicados

Voltando à trajetória de Carolina, tempos depois, quando já estava morando em São Paulo, ela retornou a Uberaba, onde ficava a Fazenda Lageado, em busca de um médico para se curar de uma doença nas pernas que adquiriu ao longo do tempo por conta dos trabalhos que realizava e pela falta de repouso. Não encontrando apoio familiar, nem o atendimento médico necessário, ela se desloca para Ribeirão Preto - SP.

Peguei a minha trouxa e saí rogando praga na tia Ana. Procurei a estrada de rodagem pretendendo voltar para a minha terra a pé. Fui andando resignada. Era o início de minha vida e o destino estava apresentando-me as pessoas desumanas que transitam por este mundo. [...] Quando anoitecia, dormia nas margens da estrada. Será que a minha vida vai ser atribulada assim? Eu não quero pedir esmola. Não quero roubar. Quero ser honesta. Pensava constantemente e não encontrava solução. As pessoas que me viam andando pelas estradas ficavam olhando e comentando: — Ela deve ser louca! (Jesus, 1986, p. 150).

Ao observar alguns dos relatos de Carolina até aqui, percebo que a maneira como ela pensava, desde a infância, e as formas que ela encontrou para se deslocar frente às adversidades que surgiram em sua vida são encaradas como loucura pelas pessoas que cruzavam o seu caminho. Segundo Katz e Greiner (2005), as

experiências são frutos de nossos corpos (aparato motor e percentual, capacidades mentais, fluxo emocional etc.), de nossas interações com nosso ambiente através de ações de nos movermos, reagirmos, manipularmos objetos, comermos e de nossas relações com outras pessoas dentro de nossa cultura (em termos sociais, políticos, econômicos e religiosos) e fora dela.

Dessa forma, os comportamentos são categorizados. Enquanto criança, sua sanidade mental era questionada pelo excesso de perguntas e quando adulta por suas errâncias. Não há datas precisas no livro "Diário de Bitita", mas a maneira como Carolina escreve dá uma conotação de que todos os eventos acontecem em um pequeno espaço de tempo. Ela relata seu retorno para a cidade de Sacramento, onde não é bem-vinda por sua família. A mãe de Carolina insistia que ela deveria ir embora daquela cidade, que era melhor voltar para São Paulo, então, Carolina e sua mãe (Jesus, 1986) recolhem seus pertences e viajam para Franca - SP

A história dessa mulher é marcada por percalços que talvez não fossem suportados pela maioria das pessoas nessa realidade logaritmizada. Ela se submeteu aos diversos mecanismos disciplinares<sup>10</sup> aplicados pelo Estado e pela sociedade. Foi presa, enxotada, acusada de furto, de louca inúmeras vezes, e dispensada por sua aparência. Ou seja, Carolina era vista como um conjunto de atributos negativos, "um corpo sujeito ao poder disciplinar" que a tornava marginalizada pela sociedade burguesa, que em definitivo,

[...] não se interessa pelos loucos mas pelo poder; [...] a burguesia não se importa absolutamente com os delinquentes nem com sua punição ou reinserção social, que não têm muita importância do ponto de vista econômico, mas se interessa pelo conjunto de mecanismos que controlam, seguem, punem e reformam o delinquente (Foucault, 1979, p. 186).

Foucault nos conduz a pensar no quanto Carolina foi vítima da pobreza, da miséria e da fome. Seus familiares, que poderiam ser, em última instância, um reduto de segurança, também a abandonaram, enquanto o Estado e a sociedade disponibilizaram condições e aparelhamento público precário para prover o cuidado da sua saúde e para auxiliar na conclusão dos seus estudos, sendo fortemente

---

<sup>10</sup> No livro Vigiar e Punir, Foucault (2014) nos apresenta mecanismos disciplinares são um conjunto de ações que vão desde "as técnicas penitenciárias até as disciplinas mais inocentes, transmitem as normas disciplinares até a essência do sistema penal, e fazem pesar sobre a menor ilegalidade, sobre a mínima irregularidade, desvio ou anomalia, a ameaça da delinquência. Uma rede carcerária sutil, graduada, com instituições compactas, mas também com procedimentos parcelados e difusos, encarregou-se do que cabia ao encarceramento arbitrário, maciço, mal integrado da era clássica".

vítima de injúrias e condenação social em todas as instâncias. Porém, não se permitiu controlar, muito embora tenha sofrido todas as punições possíveis e, longe de comparar, diferentemente das punições que sofro hoje, as quais não me “machucam” fisicamente, mas marcam meu corpo nas memórias, sensações e lembranças.

Segundo Carolina, tanto ela quanto sua mãe não estavam confortáveis com aquela vida nômade e sem paradeiro: “Minha mãe dizia: — Nós viramos ciganos. É horrível estar hoje aqui, amanhã ali. Estamos imitando os artistas de circo” (Jesus, 1986, p. 169). Carolina sonhava com a ideia de ter uma casa para viver o resto de sua vida em tranquilidade. Sua mãe, em busca de descanso, voltou para a cidade de Sacramento - MG, e escrevia-lhe sempre, conforme relatado no Diário de Bitita (Jesus, 1986).

São nesses movimentos involuntários que se constituem as obras literárias de Carolina Maria, o já citado, O Diário de Bitita (1986) foi escrito a partir dos primeiros anos de sua vida, ancorados em sua ancestralidade e os caminhos da poesia percorridos por Carolina Maria de Jesus, se entrelaçam com os primeiros anos em que frequentou a escola. As suas primeiras experiências no ambiente escolar são relatadas nesse livro Ela não escolheu boa parte dos seus caminhos e fez desses percursos o material necessário para narrar as histórias que foram e ainda são lidas por pessoas do mundo inteiro. Bitita, o nome pelo qual Carolina lutou para que fosse pronunciado, como discorre nesse pequeno trecho, em que Carolina reclamava de estar na escola e como ainda mamava e deseja voltar para casa, para o seio de sua mãe:

Quando entrei na escola, eu ainda mamava. Quando senti vontade de mamar, comecei a chorar.  
 — Eu quero ir-me embora. Eu quero mamar.  
 A minha saudosa professora, dona Lonita Solvina, perguntou-me:  
 — Então a senhora ainda mama?  
 — Eu gosto de mamar. Os alunos davam gargalhadas.  
 — Então a senhora não tem vergonha de mamar?  
 — Não tenho!  
 — A senhora está ficando mocinha, tem que aprender a ler e escrever e não vai ter tempo disponível para mamar porque necessita preparar as lições.  
 Eu  
 gosto de ser obedecida. Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus!  
 Fiquei furiosa e respondi com insolência:  
 — O meu nome é Bitita.  
 — O teu nome é Carolina Maria de Jesus.  
 Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome.

— Eu não quero este nome, vou trocá-lo por outro (Jesus, 1986, p. 113).

Os primeiros anos na escola foram muito difíceis para Carolina, que relutava em aprender a ler e não se dedicava aos estudos. Precisou ser punida diversas vezes por sua professora, que por último, lhe ameaçou com a presença de um "inspetor", portador de um garfo, que impressionou tanto a pequena Bitita, passando a se interessar pelas letras. Ela também compartilha em seu diário, que depois de ter conhecimento sobre o "inspetor", após três meses, já sabia ler e reconhecia os nomes das lojas por onde passava.

Carolina também relata em seu diário, que na sua casa não havia livros, e como já estava cansada de ouvir sobre a escravidão, resolveu que leria tudo sobre a escravidão. Então, tomou emprestado a uma vizinha, o romance "Escrava Isaura". Entendeu a leitura e compreendeu o conteúdo da história de maneira crítica. Não sabia, entretanto, que compreender a história da escrava, descrita naquele livro, lhe traria uma consciência sobre os fatos que aconteciam sobre sua própria vida. Nesse ponto é possível perceber o quanto o ambiente e as informações se fizeram *corpo* em Carolina tornando-a quem ela é e o quanto este fator é inerente ao modo como também me relaciono com as informações sejam elas absorvidas no ambiente *onoffline*.

Faltando dois anos para receber seu diploma de alfabetização, Carolina, precisou deixar a escola para ir trabalhar na fazenda de um senhor chamado Olímpio Rodrigues de Araújo, em uma fazenda chamada Lajeado, nas imediações de Uberaba. Sobre esse aspecto da vida de Carolina, verifica-se o quanto manter-se em movimento fazia com que ela encontrasse formas de produzir os seus textos, compondo o seu acervo literário e confirmando que o seu corpo-escrita não estava dissociado do ambiente, mas eram juntos, parte de um processo criativo em transmissão mútua e contínua. Sobre isto, Katz e Greiner (2005) dizem que, as relações entre o corpo e o ambiente se dão por processos co-evolutivos que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. Embora corpo e ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos e de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos. Mas o que importa ressaltar é a

implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador.

*Diante de tudo que foi descrito até aqui, é possível dissociar Carolina dos seus versos, e dos espaços que ocupou e da maneira como construiu o seu acervo literário?* Seus versos têm origem nos movimentos que repercutiram em sua vida, sejam pelo trajeto feito por seus ancestrais, seja em suas idas e vindas da cidade em que nasceu. Segundo o jornalista que a entrevistou, em 1942 no jornal "A Noite", "Carolina Maria tem o brilho singular e sintomático das pessoas de espírito inquieto e prescrutador" (1942)<sup>11</sup>. Um espírito livre que construiu uma existência sem precedentes na busca para realizar seu sonho de ser poetisa.

Acho importante ressaltar que *Quarto de Despejo* (2014) provocou um grande movimento na vida de Carolina. Segundo Pereira (2023), na noite de autógrafos, dia 19 de agosto de 1960, foram vendidos 600 exemplares e mais de cem mil cópias no primeiro ano de sua publicação. A concatenação de seus diários, deram origem a uma série de outros acontecimentos, como o lançamento de outros livros. Enfim, em 1975 ela se mudou com os filhos para o tão sonhado sítio em Parelheiros - SP, onde viveu até o momento de sua morte, em 13 de fevereiro de 1977.

Pereira (2023) também relata que antes, no ano de 1975, foi feito, por uma produtora alemã com direção de Gerson Tavares, um curta-metragem de nome "Despertar de um Sonho", no qual são relatados episódios sobre a vida de Carolina Maria de Jesus. Apesar do sucesso internacional, esse filme foi proibido de ser exibido no Brasil, no período de institucionalização de uma ditadura, que instaurou uma repressão militar e um grande controle à imprensa e aos meios de comunicação, inclusive, o cinema, até o ano de 1985.

A obra e os movimentos provocados por Carolina Maria de Jesus e toda a produção do seu acervo literário atravessou oceanos e o tempo. Na França, Ega (2021) faz um breve relato sobre esta descoberta em seu livro "Cartas a uma Negra" (2021),

Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou ao luxo de

---

<sup>11</sup> Informação encontrada na edição nº 10.745 de 9 de janeiro de 1942 na página 5 do jornal "A Noite". Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348970\\_04&pesq=roberto%20bandeira%20acciolini&pagfis=12978](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=roberto%20bandeira%20acciolini&pagfis=12978) Não há registros do nome do jornalista que entrevistou Carolina Maria de Jesus no jornal "A Noite".

comprar a revista Paris Match; atualmente, ela fala muito dos negros. Foi assim que conheci a sublime sra. Houphouët com seu vestido de gala. Eu não iria lhe dedicar as minhas palavras, ela não compreenderia. Mas você, Carolina, que procura tábuas para o seu barraco, você, com suas crianças aos berros, está mais perto de mim (Egá, 2021, p?).

E como já foi dito anteriormente, a história de Carolina está em constante movimento e sendo construída por pessoas que conhecem a sua história e promovem outros formatos, outras narrativas bibliográficas e outros jeitos de contar sua história, com suas diversas nuances e perspectivas inéditas, inclusive por mim, que continuo a divulgar seus escritos, suas palavras e seus movimentos no meu perfil literário, à medida em que crio conteúdos sobre essa autora e sobre tantas escritoras, e seus movimentos que acompanham os acontecimentos sociais, visto que, se algo acontece e é retratado nos livros, então, não é possível dissociar o ambiente da produção literária, ou seja, nós, mulheres, negras e escritoras somos *Corposmídia* em constante adaptação.

Ao pensar Carolina enquanto um corpo em movimento constante, com trocas constantes nos diversos lugares e contextos, em que esteve durante sua existência e mesmo depois, torna-se possível ratificar que essas taxas diferentes de coerência e organização, criam nexos de sentido que modificam seu corpo e seu modo de agir.

Ela absorvia as informações de onde estava, das pessoas com que se relacionava e com as situações que vivia, criando outras ideias e assim estando seu corpo em constante movimento, segue atravessando e atravessada pelas informações em seus diversos contextos.

*Como não fazer esta relação, tendo conhecimento do período em que trabalhou como catadora de papel?* Precisava catar papel para vender e tirar o seu sustento, mas dado o seu desejo em ser poetisa, sua vontade maior deveria ser a obtenção do papel suficiente para escrever seus relatos e suas histórias. Enquanto caminhava em meio aos resíduos, diversas vezes descalça, com fome, doente, seu corpo se organizava como resultado da sua interação com o espaço que circulava. Assim, gerando aspectos intrínsecos e inevitáveis ao seu "ganha pão", em poesia. Do mesmo modo, cada notícia que compartilho de outras pessoas, cada situação que me é trazida, funciona como material de poesia. Muitas das minhas produções literárias são resultados de encontros que me movem em direção à escrita.

Segundo a perspectiva de Katz e Greiner (2005), "a mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão

constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação". Observa-se que Carolina ficava atenta a todos acontecimentos a sua volta e desta maneira criou um jeito único de produzir seu acervo, ao mesmo tempo em que se estabelecia como poetisa e escritora. Nesse espelho me vejo do mesmo modo que produzo meus poemas e à medida que me contamina com o que acompanho diariamente nas redes sociais, que estão o tempo inteiro emitindo informações e "desinformações", continuo alimentando e retroalimentando as redes a partir das mídias sociais digitais.

Em termos finais, parafraseando Kilomba (2019), Carolina tornou-se a narradora e a escritora da própria realidade, a autora e a autoridade na sua própria história, tornando-se assim, a oposição absoluta do que o projeto colonial determinou e permanece tentando determinar. Fez de sua existência revolução e resistência, em plenitude, como estou tentando ser, a cada dia, com a produção de conteúdo literário, promovendo e divulgando escritoras negras e eventos sociais que coadunam com a produção escrita destas mulheres.

*Carolina, venha conhecer o meu quintal!*

Já falei sobre isso, Carolina, mas preciso me repetir porque já estamos em um outro momento. Inicialmente, o meu perfil literário era apenas uma maneira de compartilhar minhas leituras e reflexões sobre as leituras que voltei a fazer, depois de tanto tempo longe dos livros. O trabalho sempre me consumiu mais tempo do que eu desejava e nem sempre tive estímulos suficientes para continuar desenvolvendo o hábito da leitura. Contudo, este outro trabalho, nas redes sociais, tomou uma proporção maior do que a esperada, quando me vi sendo entrevistada em podcasts e participando de discussões sobre livros em diversos grupos de leitura coletiva, que se espalharam como uma febre no período de isolamento social causado pela pandemia da Covid19.

Quanto mais eu lia, maior era minha curiosidade para conhecer mais mulheres escritoras, em especial as mulheres negras, que eu desconhecia, mas sabia que eu não era uma exceção. Ninguém conhecia aquelas mulheres que eu comecei a ler e a descobrir, uma a uma, como se estivessem sob camadas espessas de concreto. Lembro-me quando fui apresentada à Conceição Evaristo e seus *Olhos D'água* (2014, Pallas Editora). A cada conto, eu ficava desacreditada no fato de que eles não eram conhecidos, e de como a sua *escrevivência* permeia a

vida de tantas mulheres. Eu nunca mais fui a mesma, *mas como poderia ser?* Em um momento, eu não conhecia nada daquele novo universo literário, no outro, eu escrevia resenhas, compartilhava novas autoras e comecei a ser uma agente de divulgação de escritoras negras, com narrativas tão fortes, tão semelhantes às minhas e à minha própria maneira de existir.

Fiquei muito feliz quando o meu trabalho nas redes sociais começou a extrapolar as barreiras do digital e fui convidada pela primeira vez para compartilhar meus saberes sobre literatura feita por mulheres negras em uma formação de professores da Secretaria de Educação de Vitória da Conquista/BA. Senti que, enquanto produtora de conteúdo, era capaz de levar além os nomes de tantas mulheres, escondidas, apagadas e silenciadas embaixo dos escombros racistas que formam nossa estrutura social. Eram corpos de outras pessoas negras querendo saber da existência de outros corpos que escrevem e se dedicam à uma atividade intelectual, que não se descola da realidade e ultrapassa as barreiras impostas pelo social para chegar nas prateleiras de livrarias e bibliotecas.

Na Figura 26, estou falando de Maria Firmina dos Reis, primeira escritora negra a publicar um romance na América Latina, mesmo que usando um pseudônimo, por conta da proibição da época. Acredito que você nunca ouviu falar dela, pois seu livro ficou esquecido por quase 100 anos. Falei e trouxe à baila uma série de outras escritoras negras, compartilhando em uma grande mesa seus livros, e principalmente, o teu *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, que a esta altura, eu acreditava ser de conhecimento de grande parte da classe de professores, mas pude perceber, que não só você, Carolina, como todas as outras que compartilhei não eram conhecidas e esse fato, reforçou em mim o desejo de continuar o trabalho que havia começado digitalmente e que agora já estava nas salas de aula e nas formações com esses professores.

Praticamente ninguém naquela sala conhecia Ana Maria Gonçalves, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Neuza Santos Souza, Izildinha Baptista Nogueira, entre tantas outras mulheres que durante todo esse tempo se mantiveram apagadas da história intelectual deste país e que por ora, começam a ser citadas, analisadas, fundamentadas, criticadas e enunciadas em discursos que nos levam para lugares diferentes daqueles em que estivemos todo esse tempo.

**Figura 26**



**Fonte: Arquivo Pessoal**

Em setembro de 2024, após o lançamento do meu livro, *quintal de casa: memórias* (2024), recebi o convite da coordenadora do Centro Municipal de Educação Infantil Tia Zaza, localizada no bairro Cruzeiro em Vitória da Conquista/BA, no qual foi realizado um evento chamado “Chá com Poesia”, contando com a participação da comunidade escolar, que ocupou o espaço com poesias e outras expressões artísticas para que as crianças pudessem acessar a arte de maneira orgânica e imersiva.

Nesse dia, recebi uma linda homenagem (Figura 27), como escritora negra, compondo um painel em que as pessoas poderiam experimentar algumas de minhas poesias, como pode ser visto na imagem abaixo, em que um lindo estandarte apresenta “cor de violeta”, poesia contida no meu livro. Receber essa homenagem, me conduziu para um estado de graça, pois escrever um livro e ser lida para mim é um grande manifesto vivo de tudo que você sonhou enquanto viveu. Você queria ser livre para escrever, escrever seus textos, suas poesias e demonstrar ao mundo toda a sensibilidade capturada pelos seus olhos, mesmo quando não havia beleza em lugar algum.

Figura 27



Fonte: Arquivo Pessoal

Em novembro desse mesmo ano, recebi o convite do Centro Integrado de Educação Básica (CIEB), que por conta da culminância do mês da Consciência Negra necessitava trazer uma pessoa que pudesse abordar o tema do *racismo ambiental*, vinculado à literatura. Eu não pensei duas vezes sobre esse convite e imediatamente eu sugeri que falássemos sobre *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014) relacionando com o conceito de *racismo ambiental*, tema tão atual quanto urgente, frente às mudanças climáticas que vivenciamos e que fazia parte do planejamento pedagógico daquele período. Naquele dia, falei nos três turnos e aos quatro ventos, sobre você e as condições na qual escrevia e principalmente sobre a sua relação com a chuva, que não saia de casa para catar papel quando chovia, e assim deixava de ganhar dinheiro.

Os jovens me ouviam e ao fim das minhas falas, vinham falar comigo. Falar daquelas situações que vivenciavam por conta da chuva, das condições de moradia e das condições precárias que alguns experimentavam. Havia aqueles que não concordavam com a minha fala e se pronunciavam com uma certa incredulidade que me fizeram experimentar a diversidade e o quanto as divergências de opinião também faziam parte da sua rotina Carolina, que não se conformava com a realidade que vivia, e se mantinha em conflito constante com os vizinhos, por conta dos filhos ou por conta da fila para pegar água diariamente.

No último turno daquele dia, falei com a turma que vinha do trabalho e reservava aquele horário para a escola. Eles estavam cansados, com seus semblantes desesperançosos pela falta de perspectiva e eu pensei que aquele seria o período mais complexo. Que talvez, aquelas pessoas não teriam interesse em ouvir nada sobre você, Carolina, ou sobre o *Quarto de Despejo*, muito menos sobre *racismo ambiental*, mas segui firme na minha missão de apresentar sua história e sua obra literária, enquanto compartilhava as possibilidades de que é possível escrever e é possível ter uma vida diferente. Para minha surpresa naquela noite, não contei com desinteresse ou evasão. Como pode ser visto na Figura 28, tive o prazer de chorar e sorrir com essas pessoas, que apesar das mais de oito horas de trabalho e luta, escutaram e levantaram seus punhos para dizer que suas vidas importavam mais que tudo e que amanhã, apesar do que disseram para eles e para mim, e para você, seria possível continuar e perseguir o sonho de fazer da própria vida aquilo que se quer, e não o que nos foi determinado.

Eu sentia nesse momento em que me ajoelhei que honrava minha missão, com o *Primeira Impressão*, que estava ali por mim, por/com eles, mas sobretudo por você, Carolina, que vive e está presente.

**Figura 28**



**Fonte: Arquivo Pessoal**

Esse último evento me comoveu, mas nada se compara ao evento seguinte para o qual fui convidada a participar no ano de 2024. No começo de dezembro desse mesmo ano, a Escola Municipal Maria da Conceição Meira Barros, também em Vitória da Conquista/BA, promoveu para toda comunidade escolar o lançamento do livro "*Do 'Quarto de Despejo' para a sala de aula: um trajeto de múltiplas aprendizagens*", resultado do projeto realizado ao longo do ano por alunas e alunos do programa Educação para Jovens e Adultos (EJA), consistindo na realização da leitura ao longo do ano letivo sua obra Carolina, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) e na construção de diários individuais produzidos pelas alunas e alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental. Quando cheguei ao espaço e

compreendi a dimensão do projeto e de como aquelas pessoas tinham se envolvido de maneira tão intensa, tive uma sensação que se confirma constantemente em meu íntimo: você ainda vive e nunca mais ocupará o *quarto de despejo*.

**Figura 29**



**Fonte: Arquivo Pessoal**

Entre as gratas surpresas desse evento, conheci Vera (Figura 29). A mulher que aparece ao meu lado na fotografia abaixo e que despertou em mim uma grande emoção. Vera, é catadora de resíduos na cidade de Vitória da Conquista/BA e por motivos de força maior, não consegue voltar aos estudos. Ela é uma pessoa forte e cheia de sorrisos e simpatia. Assim como você Carolina, cata resíduos sólidos para sobreviver, mas ainda não desenvolveu o ímpeto pelos estudos, entretanto, isso não a impediu de ir até a escola naquele dia, para declarar sua luta e embaraços como os que você vivenciou quando morava na extinta favela do Canindé, conforme você relata em seus diários.

Carolina, foi lindo ver Vera e as pessoas que estavam ali naquele espaço compartilhando o contraste que existe entre as letras, a busca pelo indecifrável e a luta diária para se manter de pé. Eu poderia dizer que gostaria que você estivesse lá, para entender como eu me senti, mas a verdade é que você se fez presente de diversas maneiras, seja pelas palavras ditas, seja pelos diários escritos, ou pelo depoimento firme e emocionante de Vera.

## **CARTA À CAROLINA: conseguiremos sair do *Quarto de Despejo*?**

*"É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela"*  
(Jesus, 2014, p. 27).

Carolina, é com pesar que trago para você notícias não tão boas sobre escritoras negras e periféricas neste tempo em que vivo agora. Estamos imersas em um ambiente que não nos favorece em nada e estamos ainda mais subjugadas por algo que você certamente desconhece: o algoritmo que determina o funcionamento das redes sociais. Você também desconhece as redes sociais, mas já lhe digo que surgiram não faz muito tempo e já estão dominando e modificando o nosso modo de existir e de nos comportar diante uns dos outros. São tempos difíceis em que a maioria das pessoas buscam seguir um padrão e não são capazes de escolher, porque os algoritmos fazem isso por ela.

E neste momento, relembro a pergunta que fiz no começo desta pesquisa: *Ainda é possível realizar uma análise do apagamento de escritoras negras nas mídias sociais digitais a partir da obra literária Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, diante de um mundo algoritimizado e encharcado de informações que se apresentam nas imagens, e como diz (Baitello Junior, 2014), que nos devoram, e nós a elas diariamente?* Entre as coisas que o algoritmo escolhe está quem será visto, quem será lido e principalmente quem terá relevância social. Sim, o racismo que você experimentou nas ruas da antiga São Paulo, se manifesta agora nesse ambiente virtual que poderia ser um espaço saudável, mas infelizmente se tornou em alguns momentos, insalubre, em especial para nós, mulheres negras, periféricas que escrevem e se manifestam nesses ambientes para divulgar nosso trabalho de escrita ou o trabalho de outras mulheres escritoras com os mesmos marcadores sociais.

Apesar de ser um ambiente nada saudável, Carolina, nós nos mantemos lá. A trancos e barrancos, vencemos nossos medos, nossa vergonha, nossas inseguranças e apresentamos ao mundo aquilo que muitas de nós estamos fazendo com a escrita e o quanto nossos caminhos foram pavimentados como mulheres como você. Eu sei que as condições sociais em que você vivia sempre foram desfavoráveis para a divulgação da sua obra literária. Sinto muito que até hoje, nem

todos os seus textos tenham sido publicados, mas apesar do processo lento, eles serão publicados em breve. Existe um grupo de pessoas empenhadas em publicizar tudo que você escreveu e acredite, estamos ansiosas para conhecer a totalidade da sua obra. Além desse trabalho de catalogação e recuperação do seu acervo literário, também é possível encontrar uma série de mulheres negras falando do seu trabalho nas redes sociais com o uso de mídias sociais digitais, como também nos ambientes escolares e acadêmicos. Você, Carolina, já está fora do "quarto de despejo" em que a sociedade a colocou, mas acredite, ainda há muitas de nós em situação de despejo, porque estamos travando uma luta contra obstáculos que extrapolaram as materialidades do físico e dos digitais.

Apesar da dificuldade em transitar nas redes sociais, muitas escritoras negras têm conseguido publicar e divulgar seus textos nas redes sociais. Nem mesmo o algoritmo com suas práticas racistas são capazes de minar o empenho e a perseverança dessas mulheres que nunca tiveram oportunidades de serem reconhecidas e principalmente lidas por outras pessoas. Nesse fluxo, mulheres que não escrevem, conseguem ler e publicar suas impressões de leitura, como é o meu caso. Todos os dias eu faço postagens que sempre são sobre escritoras, mas sempre se referem à existência negra e como as vozes negras devem ser potencializadas seja pela escrita, seja pela oralidade.

O *Primeira Impressão* é o meu perfil literário no qual atuo nas redes sociais e que de diversas formas tem me levado para outros espaços em que posso falar de você, Carolina e de tantas outras mulheres negras que escrevem e que produzem textos em que elas próprias são protagonistas a partir de uma *escrita de si*. Sei, entretanto, que meu trabalho não é suficiente para efetivamente tirar as escritoras negras do "quarto de despejo" e que muitas dessas mulheres vão continuar lá por muito tempo. Esta é uma pequena revolução, na qual planto sementes em solos que desconheço. A cada passo, uma semente e uma possibilidade de difundir a literatura feita por mulheres negras e periféricas. Compreendo que tenho feito todo o possível para divulgar autoras negras e apresentá-las ao mundo, entretanto, nem todo esforço é suficiente para mudar uma sociedade que estruturalmente se constitui de instituições racistas, machistas e misóginas. Por isso tudo, me sinto triste.

Hoje sei, Carolina, que apesar de ter conseguido publicar seus livros e de ter melhorado de vida, se mudando para sua "casa de alvenaria", você não se sentia plenamente feliz. Parece que sair do "quarto de despejo" não era o suficiente para

que você se sentisse bem em todos os sentidos que essa palavra pode ter. Ser feliz, parece que não é para todo mundo e o peso dos maus tratos, das discriminações sofridas e das dificuldades enfrentadas durante toda uma vida não puderam ser esquecidas. Nesse momento, compartilho com você uma lembrança dos dias em que você ainda esteve nesse mundo e foi questionada sobre ser feliz, você não soube responder (Figura 30):

**Figura 30**



**Fonte: Gerado pela autora**

Suas netas, estão nas redes sociais, juntamente com sua filha e tantas outras pessoas, inclusive eu, promovendo a sua obra e comunicando sua importância enquanto autora negra e como uma figura representativa de coragem para seguir. No vídeo compartilhado acima, você diz algo que me toca profundamente: “com esse novo livro eu penso em melhorar um pouco mais a minha vida. E assim deve ser a vida de todas as mulheres”. Queria dizer finalmente, que você não lutou em vão e que seu desejo de melhora da própria vida, reverberou em nós de forma tal, que continuamos lutando em busca de dias melhores, cientes de que construímos caminhos que nem sempre serão trilhados por nós mesmas, mas pavimentam as histórias e percursos para as próximas gerações, assim como você e minhas ancestrais colocaram as pedras nas estradas que agora eu trilho.

Esse depoimento e o que tenho feito no perfil doo *Primeira Impressão* não seria possível, se não fosse esta leitura, esta pesquisa; uma análise reflexiva dessas

experiências e é importante estar nesse espaço justamente para continuar *corpando*, não tentando encerrar esse caminho, mas tendo consciência de que eu sou “começo, meio e começo”, *transfluindo* para que outras mulheres possam construir novos caminhos em novas possibilidades de existir, seja pela palavra oralizada, seja pela escrita.

Obrigada por tudo. E como presente desse nosso encontro e de outros por vir, pensando no tempo não linear, revivendo o passado e suas histórias no presente, aqui está meu livro! Uma escrita com afeto baseada no querer que é muito importante para nós, esse querer que potencializa e preserva nossas memórias e dos nossos descendentes. Esse livro, para mim, potencializa nosso encontro!

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, I. C. L. de. Corposcardumes insurgentes: ativando modos existência e reapropriação da vida. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 7, 2023, Brasília. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2023. p. 213-230.

ARAÚJO, T. P. **Racismo algorítmico e seu impacto em influenciadores digitais negros no Instagram, Twitter e TikTok**. 2022. 77 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/253779>. Acesso em: 18 mai. 2025.

BAITELLO JÚNIOR, N. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BRITO, M. C. E. **Literatura Negra, uma poética de nossa afro-brasilidade**. 1995. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.

DENZIN, N. K. **Performance autoethnography**. New York: Routledge; 2018.

EGA, F. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana; tradução de Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo - SP: Todavia, 202 p.

FAUSTINO, D; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. [Livro Eletrônico]. São Paulo, SP: Boitempo, 2023.

FERREIRA, M. V. **Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão**: das memórias às escritas de si. 2022. 92 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2022.

FERNANDEZ, R. A. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1627070>. Acesso em: 09 maio 2025.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**; organização e tradução de Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade** Curso no College de France (1975-1976), tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005;

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 42 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

FRANÇA, V. Sucesso nacional e morte no anonimato: A história de Carolina Maria de Jesus. **Aventuras na História** [Blog], 2018. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/carolina-jesus.phtml>>. Acesso em: 24 maio 2025.

GUIMARÃES, M. C. **Fanfics e negritude**: a representatividade na autoria de escritoras negras. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação – Habilitação em Produção Editorial) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. 11ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2014. 200 p.

JESUS, C. M. de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

JESUS, C. M. de. **Casa de alvenaria**, volume 2: Santana. [Livro eletrônico]. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 702 p.

KATZ, H.; GREINER, C. Por uma teoria do corpomídia. In: GREINER, C. (org.). **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005

KATZ, H. Quando “lugar de fala” se torna “fala do lugar”. In: MOURA, G.; EMILIO, D. C. (org.). **Ágora**: modos de ser em dança. Aluminio: Jogo de Palavras, 2019, v. 2, p. 145-162.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jass Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, L. C. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

LITERAFRO: o portal da literatura afro-brasileira. Maria Firmina dos Reis. **Literafro**. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>. Acesso em: 25 maio 2025.

MACIEL, M. C. Literatura: a voz da escritora negra. **Revista Papéis**, Campo Grande, v. 21, n. 42, p. 230-241, 2017.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001

MIRANDA, C. F. A autoetnografia como prática contra-hegemônica. **Teoria e Cultura**, v. 17, n. 3, p. 70–78, 23 dez. 2022.

MIRANDA, F. R. **Silêncios prescritos**: Estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006). Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MORAES, F. de. **Quintal de Casa**: memórias. Maricá, RJ: Xará, 2024.

NASCIMENTO, G. O pretuguês de Carolina Maria de Jesus e o português de

Regina Dalcastagne carta aberta à escritora Conceição Evaristo **Forum lingüístic.**, Florianópolis, v.20, n. 3, p. 9332 - 9341, jul./set. 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9159406.pdf>. Acesso em 18/02/2025.

PAULA, L. S. **Teoria da literatura**. 2ª ed. Curitiba: Ibpex, 2012.

PERPÉTUA, E. D. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 22. janeiro/ junho de 2003, p. 63-83. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4845925> Acesso: 20 fev. 2025.

RAGO, L. M. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola.

RECUERO, R. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. **Metamorfoses jornalísticas**, [s. l.], v. 2, [n. p.], 2009.

SANTANA, R. Armada. **Folha literária**, Salvador, ano 2, n. 17, março de 2008.

SILVA, M. V. M.; ALBUQUERQUE, I. C. L. de. Dança e conhecimento: formulações ou insurgências do agora. In: Souza, I. V. (In) **Subordinações contemporâneas: linguística, letras e artes** [recurso eletrônico]. Ponta Grossa: Atena. 2020. Capítulo 30, p. 337-348. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/danca-e-conhecimento-formulacoes-ou-in-surgencias-do-agora-dance-and-knowledge-now-formulations-or-insurgences>. Acesso em: 4 mar. 2024.

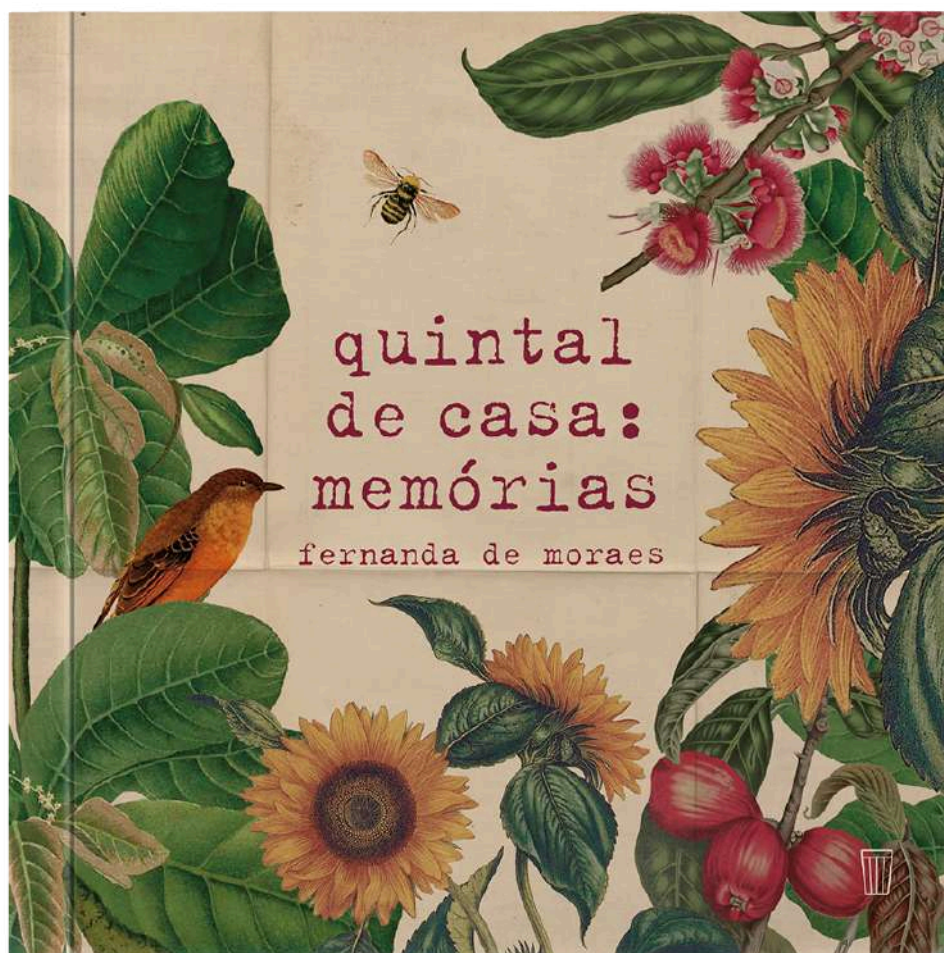
SILVA, T. **Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc, 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/358278108\\_Racismo\\_algoritmico\\_inteligencia\\_artificial\\_e\\_discriminacao\\_nas\\_redes\\_digitais](https://www.researchgate.net/publication/358278108_Racismo_algoritmico_inteligencia_artificial_e_discriminacao_nas_redes_digitais) Acesso em: 5 mar. 2025.

SILVA, Z. L. **Pequenas ficções de memória**. São Paulo: Editora Patuá, 2018.

TROITINHO, Bruna Ribeiro. Negras escrituras: o papel das mídias sociais na divulgação da escrivência negra. In: XI COPENE: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS: Negras escrivências, interseccionalidades e engenhosidades: artes, memória e espaços. **Cadernos de Resumo...** Curitiba, 2021, p. 245-257. Disponível em: <https://abre.ai/mPq0>. Acesso em: 5 mar. 2025.

RAIMONDI, G. A. *et al.* A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva: (des)encontros método+lógicos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 12, 2020.

**APÊNDICE A:** Carolina, à você, um pedaço do meu jardim.



quintal  
de casa:  
memórias



quintal  
de casa:  
memórias  
fernanda de Moraes



Copyright © Editora Xará, 2024  
quintal de casa: memórias © Fernanda Silva de Moraes, 2024

**Edição e revisão:** Letícia Fernandes Leal  
**Diagramação e capa:** Isabel Fernandes

Todos os direitos reservados à Editora Xará

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M828q  
Moraes, Fernanda de.  
Quintal de Casa : memórias / Fernanda de Moraes.-  
Maricá, RJ: Xará, 2024.  
52 p. : il. ; 16 x 16 cm

Inclui bibliografia.  
ISBN 978-65-983452-2-8

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU 869.0(81)-1

**Catalogação na fonte: Bruna Heller (CRB10/2348)**

**Índice para catálogo sistemático:**  
1. Literatura em português 869.0  
2. Brasil (81)  
3. Gênero literário: poesia -1

ao meu irmão,  
que foi plantado  
e não floresceu.

## agradecimentos

ao meu pai, que me levou para além dos muros, e à minha mãe, pela minha sustentação no solo.

agradeço também ao meu parceiro de vida, Edgar, que permaneceu quando estive frondosa e quando não tinha viço algum.

ao meu brotinho Emanuel, que carrega uma parte de mim pelo chão desse mundo.

aos leitores e aos escutadores destas palavras plantadas em meu quintal.

## Remédio no fundo de casa<sup>1</sup>

Adentrar desta casa o quintal regado tão ternamente pela palavra de Fernanda Moraes é malinar, com os pés do cão, nos terreiros da minha própria infância: maturis nos cajueiros dando sinal de dezembro, o cheiro enjoento das mangas espadas espapaiadas pelo chão, a brancura da flor-de-defunto crescida na frente de nossa primeira casa, a plantação de palma dando escape pro esconde-esconde e, vez em quando, pro serviço — ou, como diria a prima Sino, pra fazer aquilo que ninguém pode fazer por mim. É querer ser a planta que, desaforada, cresce pelos muros, desobedecendo a lei dos que se julgam donos do mundo (p. 15).

A voz deste Quintal de casa (2024) tremula entre um registro moleca e uma registro crescido, ambos dividem tom e cena: um é a contraparte da menina que escala, feito formiga grande, a jaqueira junto do irmão (p. 28). O outro é a projeção da mulher que parece visitar e dar os asseios precisos para que esse quintal continue a crescer dentro de si. (O nome disso, a gente sabe, é poesia e o que a danada é boa demais em fazer: tensionar aquela brechinha entre a vida e a ficção).

<sup>1</sup> Verso retirado do poema “Curandeira”.

Neste bonito livro, Fernanda mostra como o quintal é viveiro da infância — este lugar imaginário de onde, irremediavelmente, nunca saímos. E nunca saímos, porque lá respiramos aliviadas deste mundo literal, porque, lá, o perigo maior ainda são doces melões venenosos pra espremer com as mãos (p. 30). O quintal — e os terreiros — é medicina antiga, onde há curandeiras, folha de alumã, boldo e carqueja (p.27) sempre prontas pra sarar qualquer tipo de quebranto.

**Larisse Nolasco** é poeta, pesquisadora de poesia e alagoana de uma terrinha miúda chamada Boqueirão dos Pastoras. Tem textos publicados na Felisberta, na Ruído Manifesto e na Totem & pagu - firrrma de poesia. Participa das seguintes revistas e antologias: Voz: impressão do corpo (Aboio, 2023), Febre do Rato (Joelhos de velho, 2023) e Anônimo não é nome de mulher (Patuá, 2022). Seu livro de estreia é Algodão Doce (2022, Ipê Amarelo). É mestranda no programa de Teoria e História Literária (Unicamp/IEL), no qual desenvolve um estudo sobre a poética amorosa de Ricardo Aleixo. Antônia Lago é uma assinatura estética na qual trabalha há um tempo e se constitui como uma tentativa de criar uma dicção, com características particulares, que conta memórias que são suas, mas também de outros e outras que vivem e viveram onde nasceu.



## hoje, eu queria ser planta

hoje, eu queria ser planta  
brotar por aí e me esbarrar em muro de pedra  
escalar até sentir o sol  
fotossintetizar cada parte de mim – folha  
beber água pela raiz  
não me importar com a dor, com a morte ou com a vida

ser planta grande  
sem poda, sem vaso, sem limite

hoje, eu queria ser planta  
crescer simplesmente, abraçar uma árvore  
e fazer sombra para formigas  
alimentar o faminto  
estender meus ramos e dar flores  
perfumar o ar  
sentir o pouso da ave  
e o bebericar das abelhas

o ser pólen que não se sustenta no ar

hoje, eu queria ser planta  
nua, entregue  
teto vazado  
tapete frio  
cobertura fresca



## germinação

fui germinada naquele punhado de chão  
enquanto crescia por dentro, doía por fora  
rasgava a pele fina até romper a vida  
morri, e nasci flor

tricoma

o toque na minha pele  
arrepio

## orvalho

as lágrimas que correm pelo meu rosto  
são orvalho da manhã  
sereno.  
restinho de chuva que me molha todo dia.

## trepadeira

trepadeira no muro cresce desobediente.  
busca o sol, dia após dia.  
cautelosa.

**cor de violeta**

pétala por pétala fui ao chão.  
me dissolvi ali, cor de violeta.

## chuva forte

não me disseram que crescer era tão difícil  
então fui criando raiz grande para me sustentar  
fiz caule frondoso e abriguei em mim ninhos e outras plantas  
fiz sombra ao meu redor  
e agora, sinto que estou caindo  
brisa de primavera  
folhas secas no chão  
a água da chuva foi forte demais.

### **eu, que não cuido de mim**

eu, que não cuido de mim,  
não cuido de planta  
deixo partir, cair e desbotar

eu, que não cuido de mim,  
não bebo água, não tomo sol  
resseco e murcho no canto do banheiro

eu, que não cuido de mim,  
me encharco e afogo  
evaporo do meu lugar

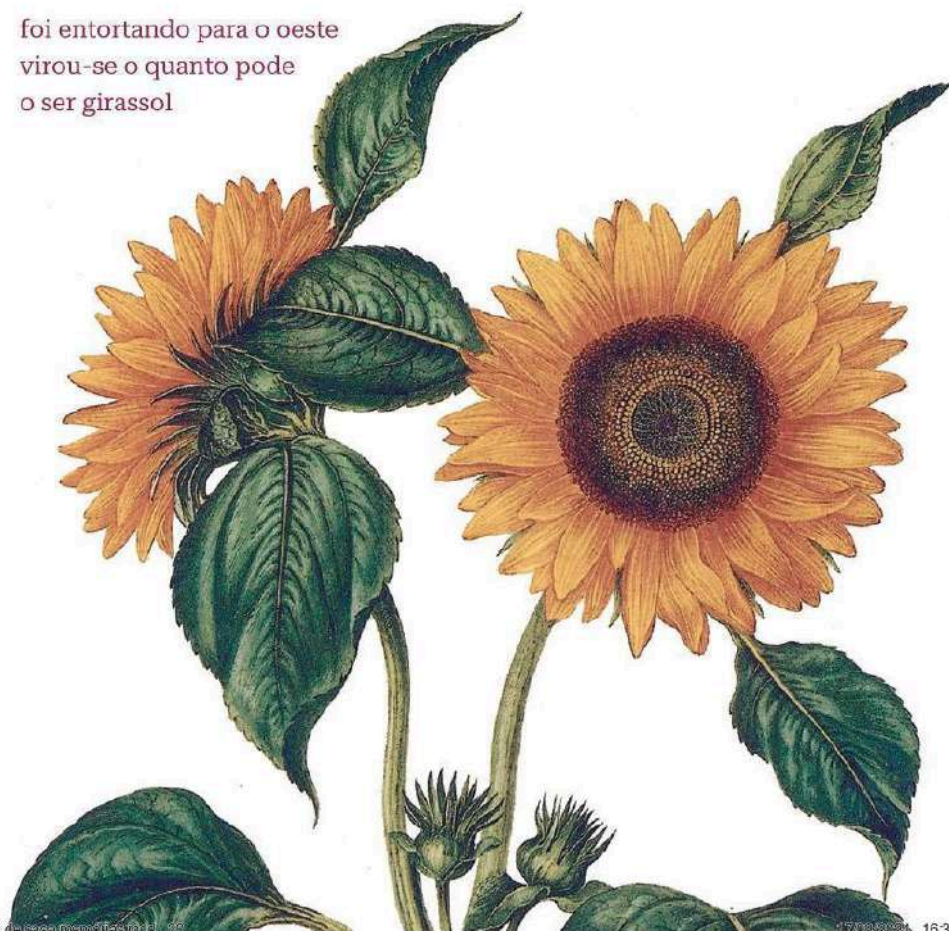
eu não cuido de mim,  
não cuido de planta  
morro – um caco vazio.

### flor de plástico 1

arremessada do quinto andar  
envolvida naquela roupa plástica translúcida  
cansada pela aparência  
ninguém mais lhe quis ali  
boiou num córrego sujo

## o ser girassol

foi entortando para o oeste  
virou-se o quanto pode  
o ser girassol



## pétalas no chão

aquele que a transformou em pétalas,  
não foi capaz de lhe recolher do chão  
o vento retirou dali o que pode  
ela não sentiu mais nada  
deu seu último suspiro.

## tumbleweed

o vento me arrancou pela raiz  
girei até cansar  
disseram-me: indesejada  
retirei as rédeas e corri dali para qualquer lugar

## brinquei com você

me escondi lá em cima, olhei para baixo e escorreguei devagar  
você foi um abraço forte quando quis refúgio.  
o teu amargo na boca me curou.

briguei com você

## flor de plástico 2

porque era bonita, perguntou:  
"é de plástico?"

a pequena árvore no meio do caminho  
rígida  
frondosa  
verde  
não seria natural  
tinha que ser plástica  
desbotaria com o tempo  
o vigor dos dias preservava quem ela era.

## capim santo

quando o vento passa e sacode aquela grande moita  
leva consigo cheiro de capim santo  
cheiro doce de mato arredio que, exuberante, cresce no campo

queria ver o capinal cheio e volumoso  
a sacudir sua bela moita, um tanto  
e crescer até não poder mais... causar espanto

quando o cheiro doce se espalha pelo ar e em si leva a dor do pranto  
o que ficam são as lágrimas que se espalham na face, um tanto  
escorre pelos olhos e inunda o peito, desencanto.

## comigo ninguém pode

comigo ninguém foge  
é somente passagem e desassossego como formiga em temporal

comigo ninguém fala forte  
é chiado manso e destempero feito brisa leve debaixo de cajueiro

comigo não tem corte  
é certeza que dá e passa, na mão que fraqueja, passageiro

comigo ninguém pode  
é uma força da natureza que movimenta tudo ao redor e revira tudo  
[por dentro, vendaval.

## cura

folha de alumã, boldo e carqueja  
tansage, cidreira e quebra-pedra  
quioiô, arruda e mastruz

remédio no fundo de casa.

## feito formiga grande

subia o tronco igual formiga grande na jaqueira frondosa  
os braços finos e fortes, levavam a madeira pra fazer assoalho  
construía casa lá no alto e sentia que tinha lar

guardava o dia, cansava o corpo e adormecia esperando  
[o raiar de esperança

fazia tudo ali: comida, chá e sonhos

não despertava para a realidade e o terror de existir  
abraçava o irmão, a dor e a existência  
era formiga grande em cima da árvore  
criou asas, ganhou caminho, enfrentou o mundo.



## curandeira

sentia uma coisa no corpo  
uma coisa que não tinha nome,  
nem começo e nem fim  
era um desarranjo de dentro  
e sentia amolecer

“mau olhado”, ela dizia.

com um raminho pequeno de uma planta do quintal  
sacudia sobre o corpo em formato de cruz  
amuava de cor, desfalecia em si  
o que era verde, perdia vida

de cordão na mão, media a espinhela  
quebranto, desarranjo de dentro

“tomar uns banho”

um corpo pequeno curado pela fé.  
uma infância de bênção, banho e bondade  
mão que cura, curandeira.

## melãozinho

apertava suavemente aquela frutinha com as mãos,  
e colhia com os pequenos dedos as sementinhas vermelhas.

tão pequenas e doces  
escondidas na carapaça laranja naquele canto de cerca.

chamava melãozinho  
me disseram ser veneno  
se fosse, o gosto da morte seria doce e misterioso.

jaca

como era possível toda doçura do mundo se encontrar  
[debaixo daquela casca grossa?

## rotina

todas as aventuras em um quintal do tamanho do mundo.  
diziam “lá no fundo”  
é que era por dentro, encontro.

a gente descia as escadas, nem olhava pra trás.  
sacolinha na mão, as tampinhas e os sonhos.

o chão de cimento, o chão de terra.  
pé de tudo. pé no chão.

carreira de formiga, fruta direto do pé.  
os pequenos cortes nas mãos, as picadas de mosquito, o suor  
[no rosto feliz.

um mundo só nosso, no fundo de um quintal.  
todos os dias da semana em tardes eternas.



## amendoeira

começou a invadir a casa.  
era determinada e destemida.  
disseram: “melhor matar”.

com o machado na mão, lhe cortaram cada pedaço.  
não iria ceder.

derrubaram-na em plena luz do dia.  
arrastaram-na pela rua.  
lenha no forno de alguém, e este era o seu fim.

morreu, porque cresceu demais.



## abiu

pensava que sempre estaria ali.  
com seus galhos imensos, secos e com quase nenhuma folha.  
colhia seus pequenos frutos amarelos, partia em dois com as mãos.  
um sabor doce, suave.  
presença marcante.  
juntava os lábios para nunca mais soltar.

## sapê

adorava abrir a janela e me deparar com o jardim.  
era coisa bonita de se ver...  
as onze horas, as rosas, as flores tropicais ao pé do muro.  
gostava de ver aquela pequena cerca de espadas de ogum  
o boldo que não dava trégua  
e o capim que crescia verde sem pedir licença

logo ali, o muro e a visão da baía.  
adorava abrir o portão,  
caminhar até o passeio.  
me vestir de manhã e sentir o cheiro de maresia.

adorava sentar na grama,  
olhar ao redor e sentir a calma dos dias.

## jambo

eu sabia a primavera quando o jambeiro florescia.  
era flor pra todo lado  
e depois forrar o chão.

o tapete rosado pra admirar era  
sinal de fruto crescendo: outono



36

**boldo**

quem sente o amargo na boca, imagina planta feia.  
mas cresce em ramos, se espalha no chão  
dá folhas pequeninas, arredondadas e de cheiro forte.

cura a dor, espanta o mal.

## brincar de piscina

quando tinha sol, era banho de fonte.  
a imensa cisterna que abastecia a casa  
quando a água não chegava pelo cano.

arrastava a bacia de alumínio, vestia a roupinha de molhar  
[e brincava de piscina.

tomava sol dentro e fora da bacia,  
queimava a pele e brilhava por dentro.

## siriguela

já viu siriguela no pé?  
nascem juntas, mas estão sempre sozinhas.

### **colocaram uma cerca**

passava de lá pra cá  
e misturavam os caminhos bem idos, bem-vindos.  
sabia que era fronteira, mas ninguém disse que eu não poderia ir.  
fiquei.

## azedo

descobriu que amava o azedo.  
arrancava o biri-biri do pé a caminho da escola.  
o cacau de vez.  
o limão rosa.  
a cajarana verde.  
tudo com sal.

a boca cheia d'água da fruta.  
azedos amores.



## mastruz no dedo

quis todo o sumo da cana.  
e não se contentou com o que lhe ofereceram.  
enquanto buscava o doce, partiu a própria carne.

apertou com força aquele pequeno dedo,  
juntou a carne para estancar a ferida.

do corte surgiu gosto de sangue. nenhuma costura  
rasgou um pedaço de pano.  
curou a dor com beijo de vó, água gelada e mastruz amassado.

## avenca

havia plantas em cada canto da casa  
ela trocava de lugar, levava para regar e tomar sol  
sempre cuidou das suas samambaias, alfinetes e palmeiras  
[tão pequenas.

tinha as avencas.  
nome lindo: a-v-e-n-c-a  
ainda tenho guardado em mim o formato de cada uma.

era planta, mas parecia gente.  
removia as folhas secas, não deixava que ninguém tocasse.  
eu tinha inveja. preferia ser planta.

## brisa e sombra de palmeiras

caminhou até encontrar o mar.  
sentia a brisa, enquanto a sombra das palmeiras refrescava  
[seus pensamentos.  
era assim, solitária.  
mas não queria a solidão.

## flor de roseira

demorava de brotar.  
quase sempre no inverno e do jeito que podia ser.  
eram poucas e não demoravam no jardim.

quando a roseira dava flor  
minha avó a removia pelo talo  
colocava no copo d'água  
e enfeitava a sala modesta daquela casa.

gostava de vê-la no canteiro, com o sereno que escorria pela manhã.

## parto

sentiu uma dor na espinha e virou-se  
era dor de parir  
enquanto gemia, se escorria pelas pétalas

### vassoura de bruxa

lembro-me das manchas no tronco do cacaueiro  
enquanto passo os dedos nos meus braços e me reconduzo  
[pelas erupções na minha pele  
aquelas pequenas manchas lá, me diziam, que eu era um pouco planta,  
[um pouco mancha.  
diziam defeito, doença, a “vassoura de bruxa”.

me pensava feia, manchada pela bruxa que sujou a planta.  
as pequenas manchas não doíam por fora, doíam por dentro.  
manchava o fruto, estragava o sabor.  
a bruxa me manchou por dentro,  
eu, que um pouco planta, um pouco mancha.  
vítima da bruxa.

toco a mancha, as poucas erupções,  
eu, fruto de bruxa, manchas na pele, uma peça só.  
um pouco planta, um pouco mancha. somente eu.

## **bonsai**

aquela planta imensa  
naquele pequeno vaso, parecia triste.  
é que planta tem que crescer para fora, subir onde quiser

não tem que se encolher no fundo  
ser pequena pra sempre

tem que refrescar a gente  
dar sombra na praça  
ser pulmão

estourar a terra  
invadir o muro  
dar fruto

planta tem que ser,  
extrapolar,  
semear por todo canto.

## alimento

quando sente fome  
busca na terra a água,  
o sal,  
a vida.

e só.  
é tudo que precisa.

## quando quis ser planta

não sei dizer quando quis ser planta.  
acho que quis ser flor.  
galho enfeitado de vida, casa para passarinho, cheiro adocicado.

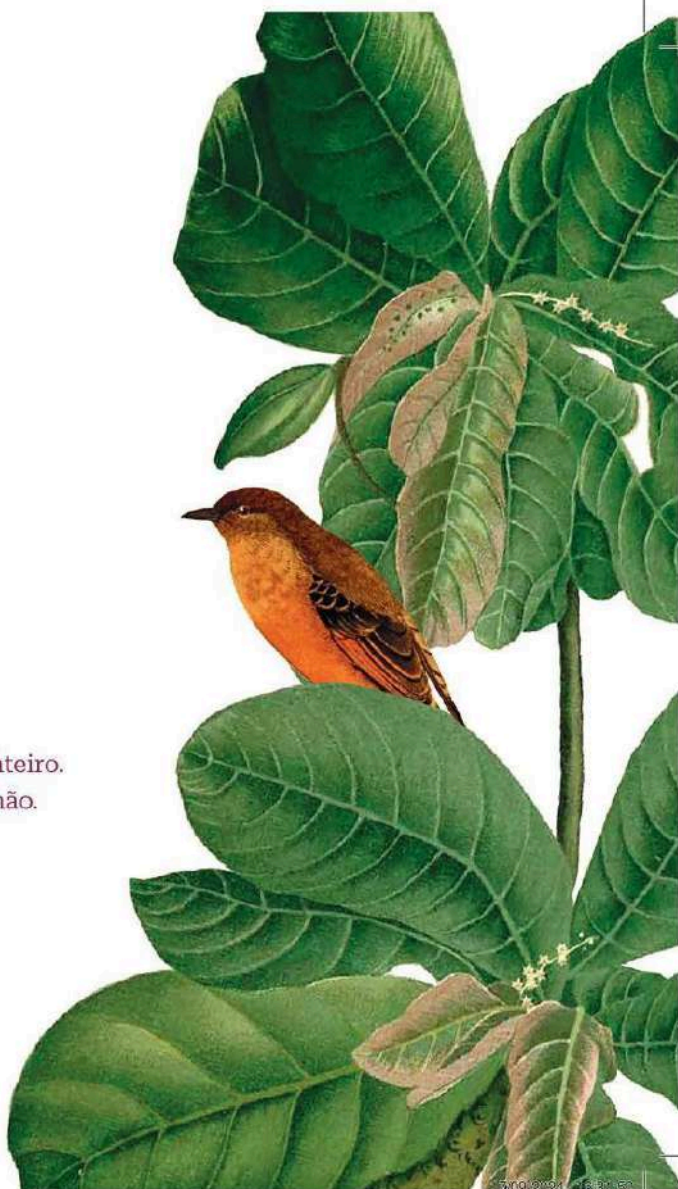
foi ali naquele quintal, que descobri meu mundo de faz de conta.  
um mundo com fruta nascendo,  
um bichinho crescendo  
e eu querendo ser.

## renascer

cada galho seco  
queda ao chão.  
é assim com a folha seca.  
com a flor morta.  
com o fruto que apodrece.

então ela renasce  
refloresce  
dá fruta de novo  
amarela as folhas  
tomba o galho.

ciclos que se reiniciam  
até que um dia ela cai por inteiro.  
folhas ao vento, frutos ao chão.  
a terra toma pra si.



www.editoraxara.com.br  
editoraxara@gmail.com  
Instagram: @editoraxara



formato: 16x16  
tipografias: roboto serif e NCNDVF  
papel do miolo: pólen natural 80g  
papel da capa: cartão triplex 300g